

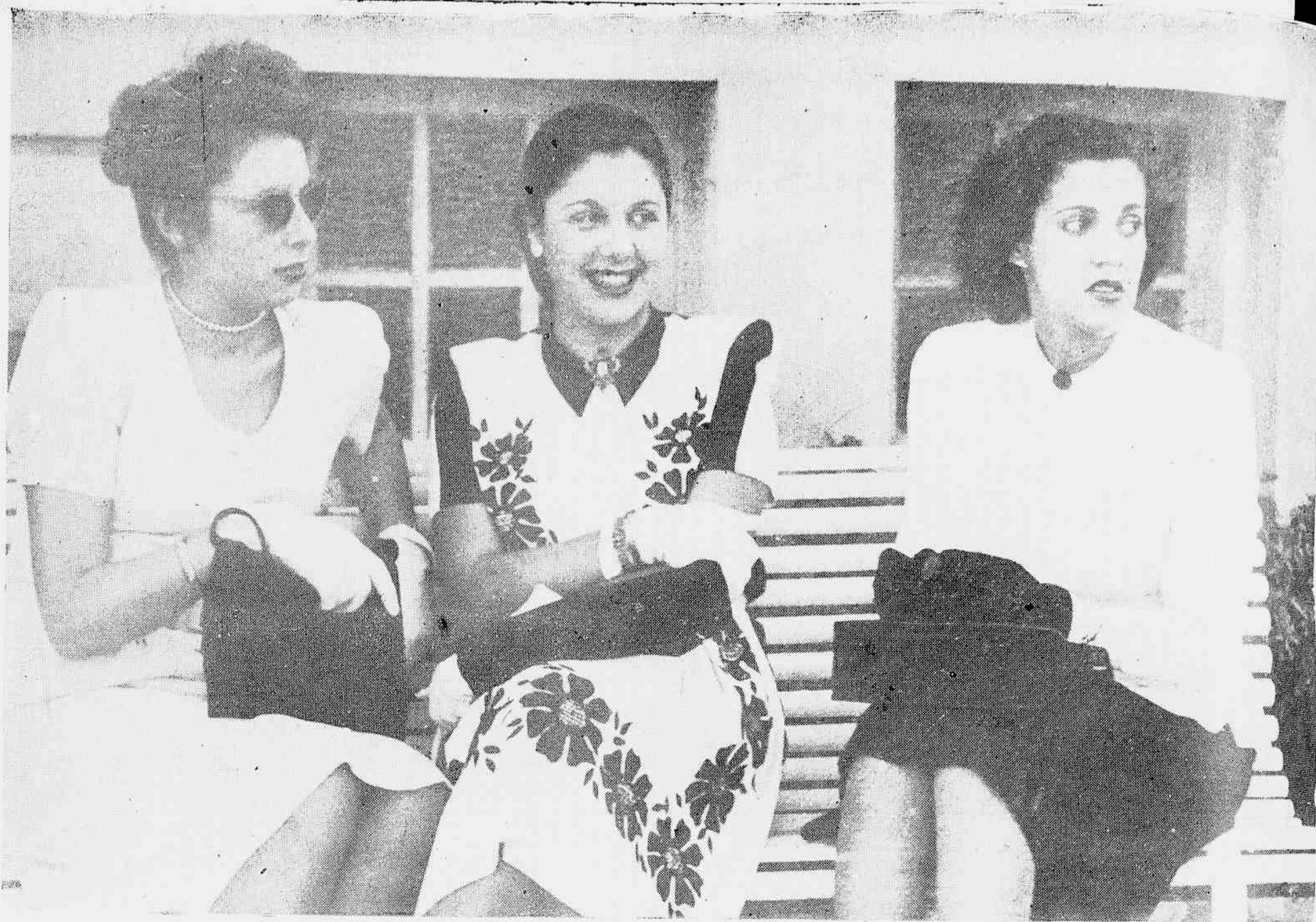
REVISTA DA SEMANA

14-9-46

CR\$ 2,00 EM TODO O BRASIL

Nº 37





JOCKEY CLUB MUNDANO

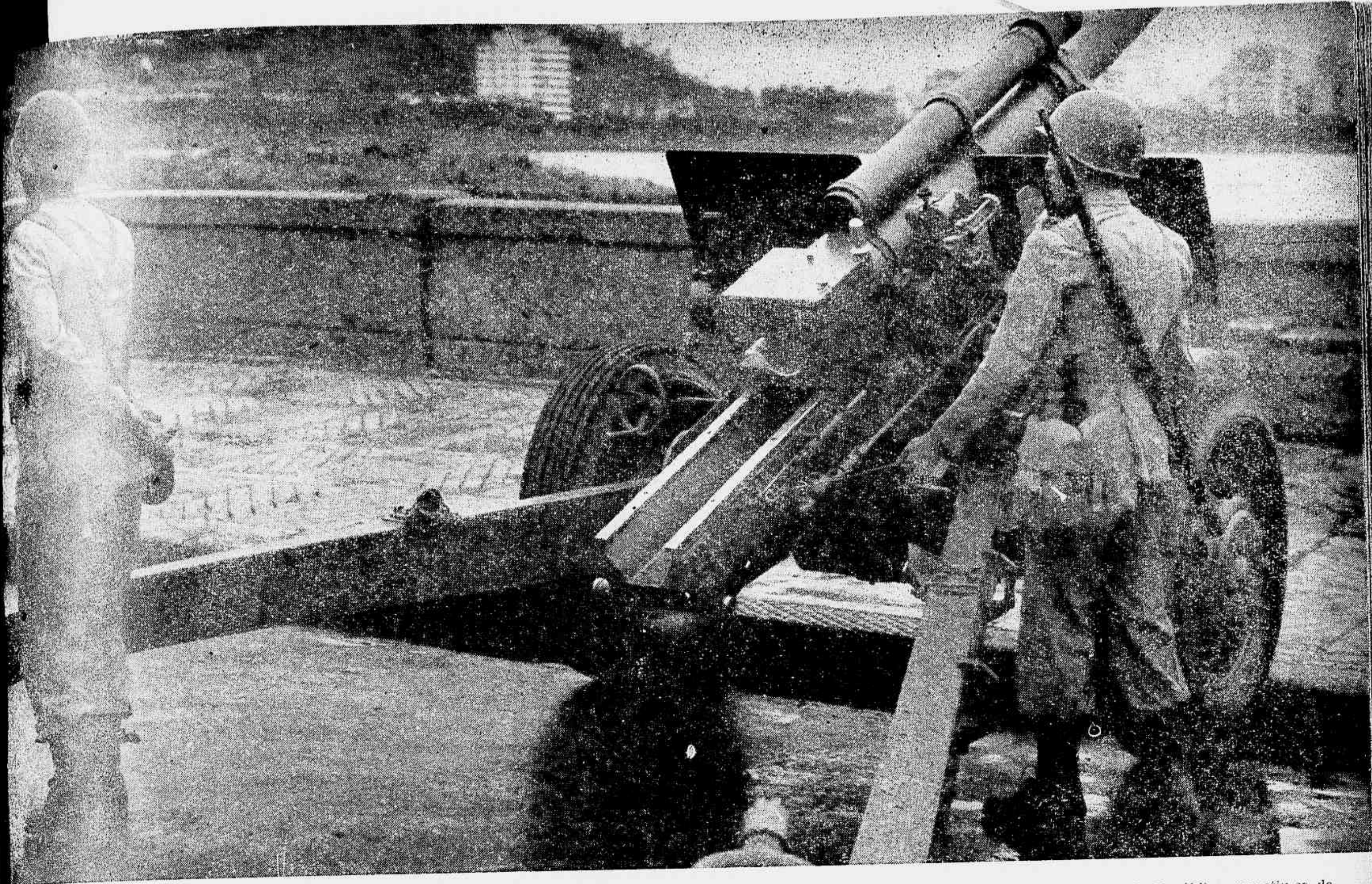
As reuniões turísticas do Prado da Gávea compreendem invariavelmente os elementos mais representativos da sociedade elegante feminina da Metrópole. E o encantador cenário do Hipódromo da Gávea se casa harmoniosamente com a graça inconfundível das nossas paulistas. Nesta página estampamos alguns aspectos colhidos na "pelouse" por ocasião das últimas corridas.



A
ex

dé
tim
leni
qua
terr

rec
tori



A grande parada de sábado, dia 7, com o desfile das forças de terra, mar e ar, em continência ao Presidente da República, levada a efeito na Praça da República, revestiu-se de excepcional brilho, dando assim início às comemorações oficiais que em todo o país se repetiam, em homenagem à data máxima do Brasil. Damos nesta página, e nas seguintes, alguns expressivos flagrantes desse acontecimento.

As celebrações do 124º aniversário da nossa independência, realizadas em nossa capital, marcaram um legítimo acontecimento de civismo. O ponto culminante das solenidades foi constituído pela grande parada militar, na qual tomaram parte trinta e cinco mil homens das forças de terra, mar, ar e auxiliares.

Mais tarde, no Palácio do Catete o Chefe da Nação recebeu cumprimentos do corpo diplomático e de altas autoridades do país. Encerrando-se as comemorações da Se-

O DIA DA PATRIA

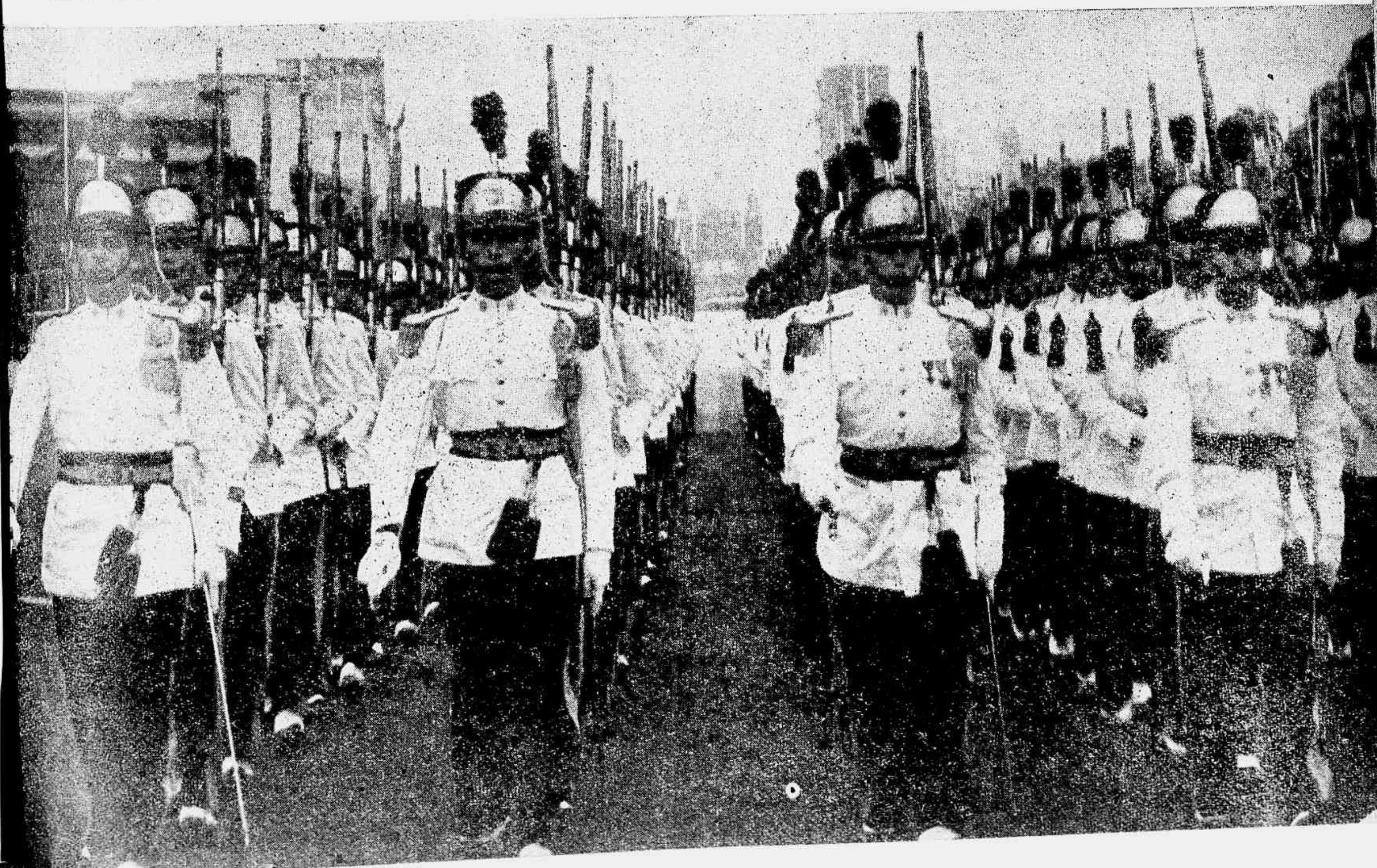
mana da Pátria, foi também prestada homenagem ao Pavilhão Nacional, no pátio do Colégio Militar.

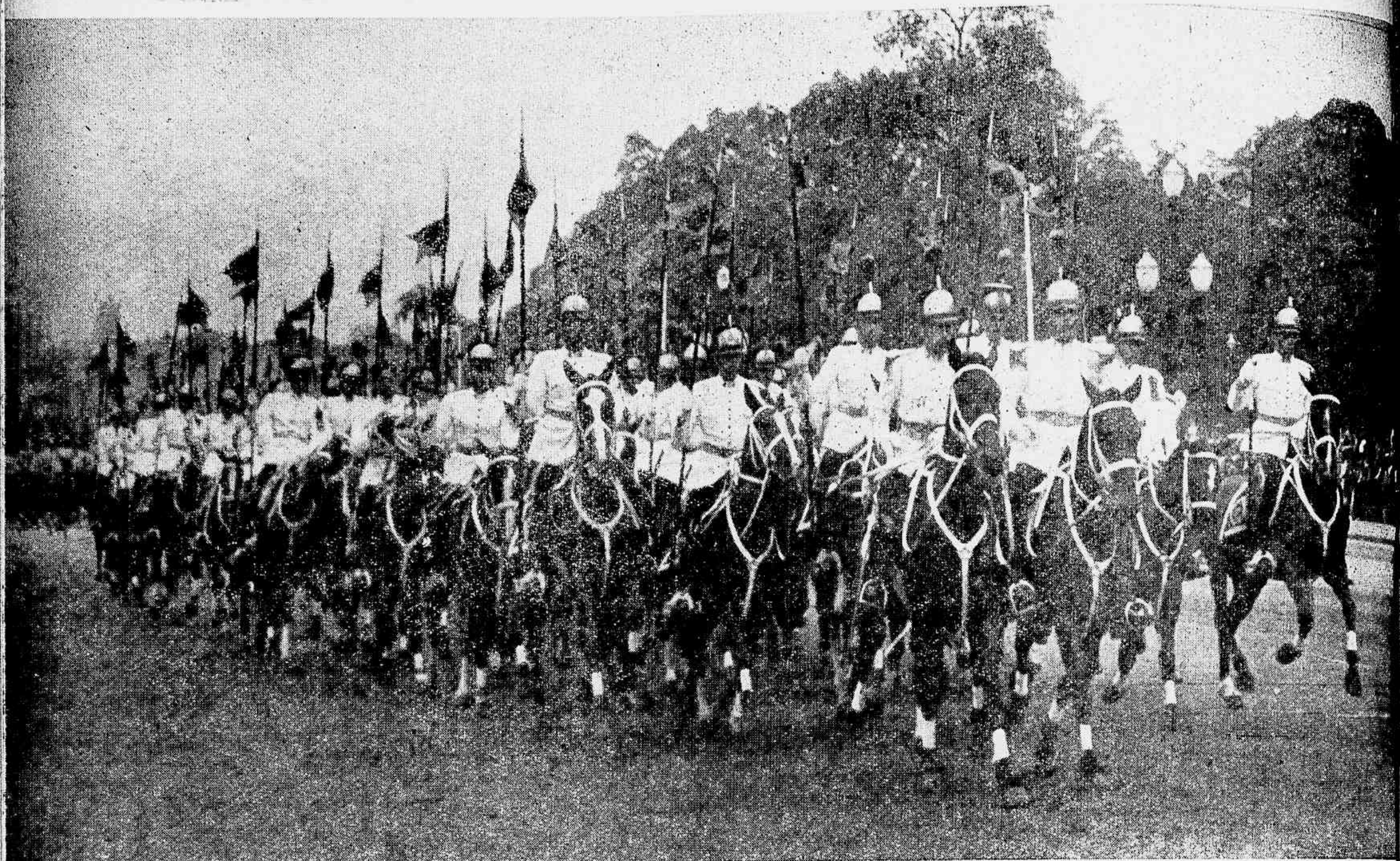
A noite, realizou-se no Teatro Municipal um concerto popular gratuito, promovido pelo Departamento de Difusão Cultural com a execução de variado programa.

Quanto ao desfile militar, ele se realizou sob o comando do General Zenóbio da Costa, com a participação de Agrupamentos de Forças Navais, Escolares, 1ª Divisão de Infantaria, Agrupamento de Tropas Regionais, de Forças de Reserva e de Forças Blindadas.

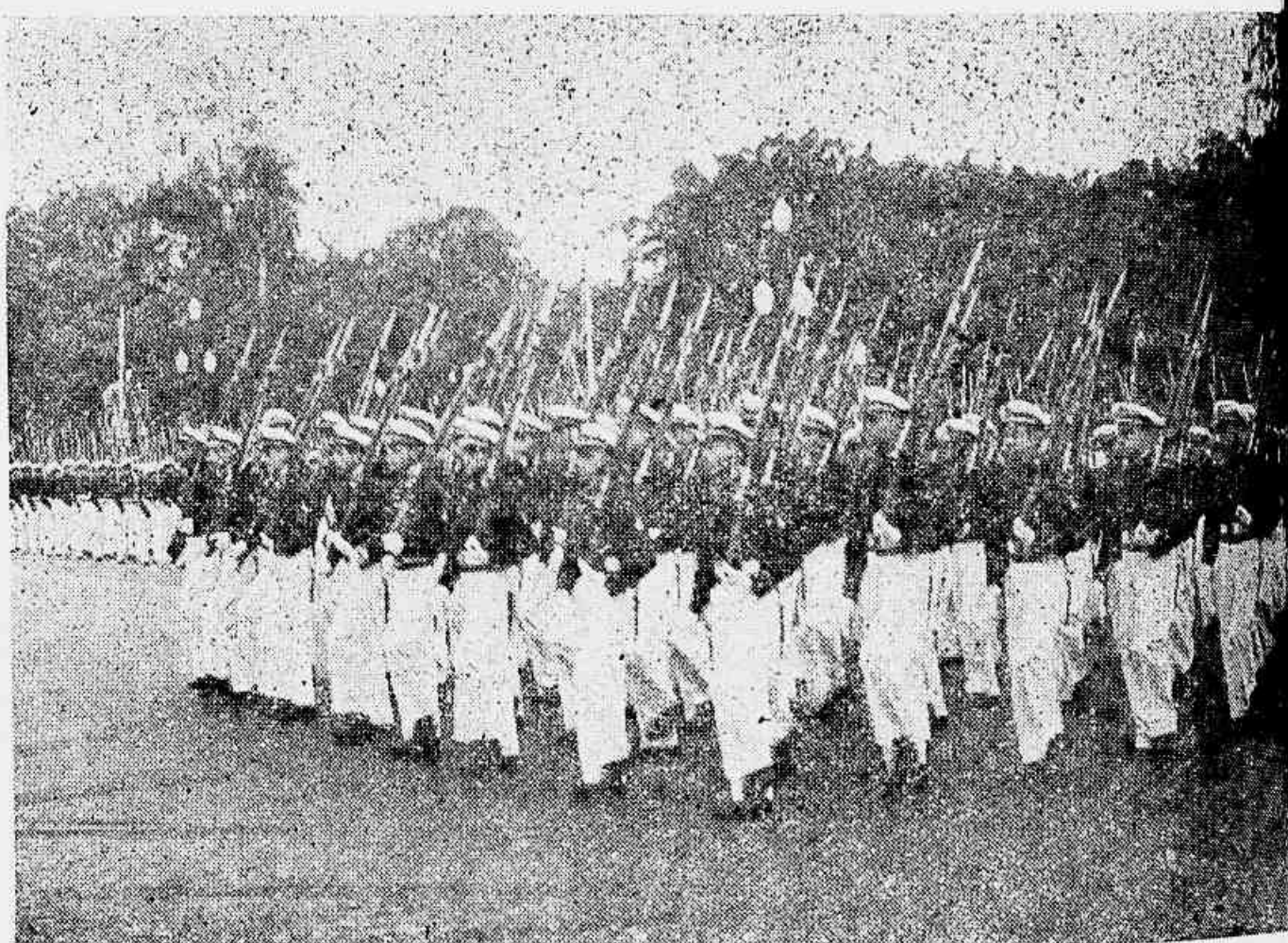
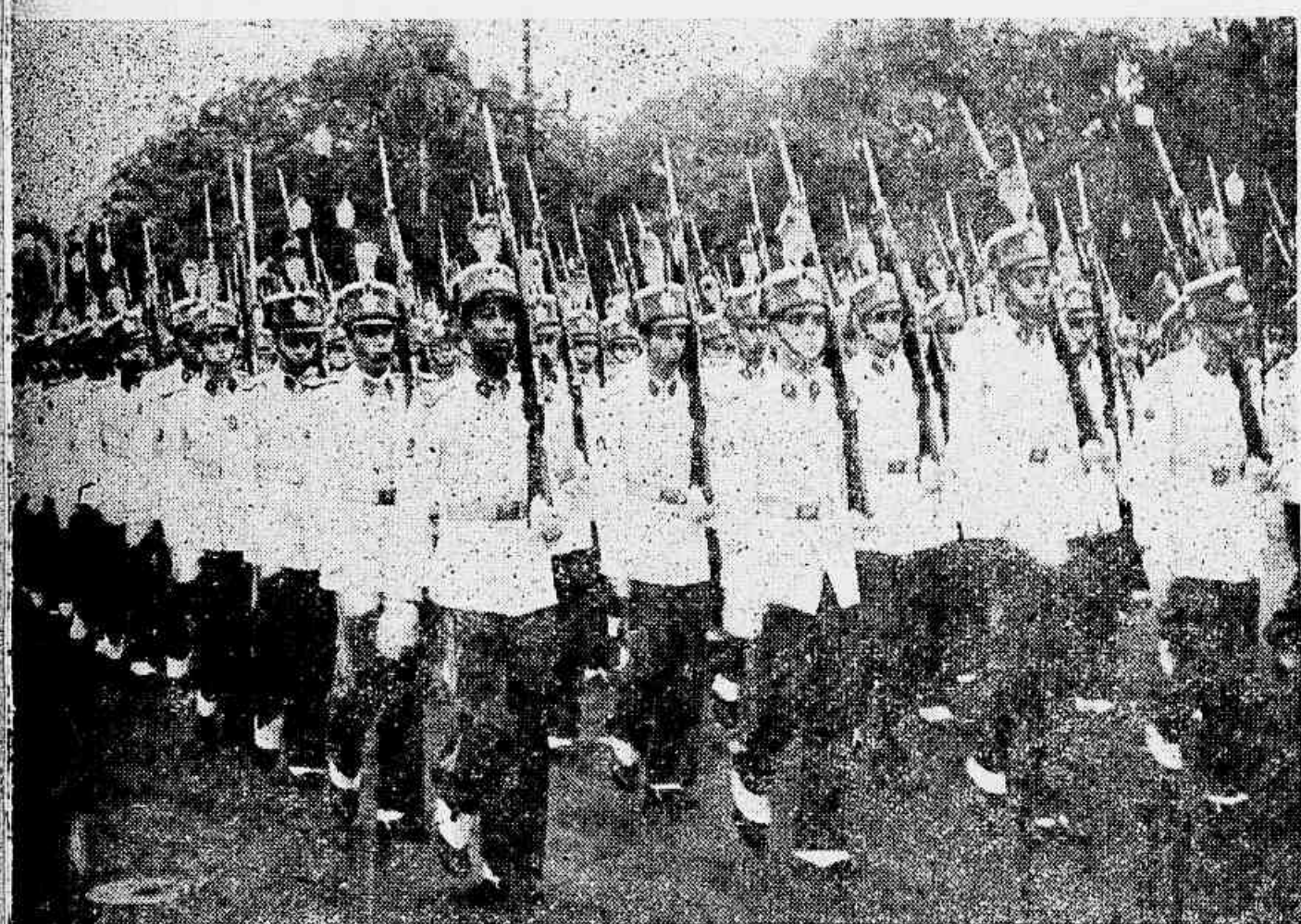
O povo, aglomerado em toda a extensão das ruas por onde se realizava o desfile, aplaudiu com entusiasmo a passagem dos nossos garbosos soldados.

Flagrantes expressivos desse acontecimento, encontram-se nas páginas desta edição.

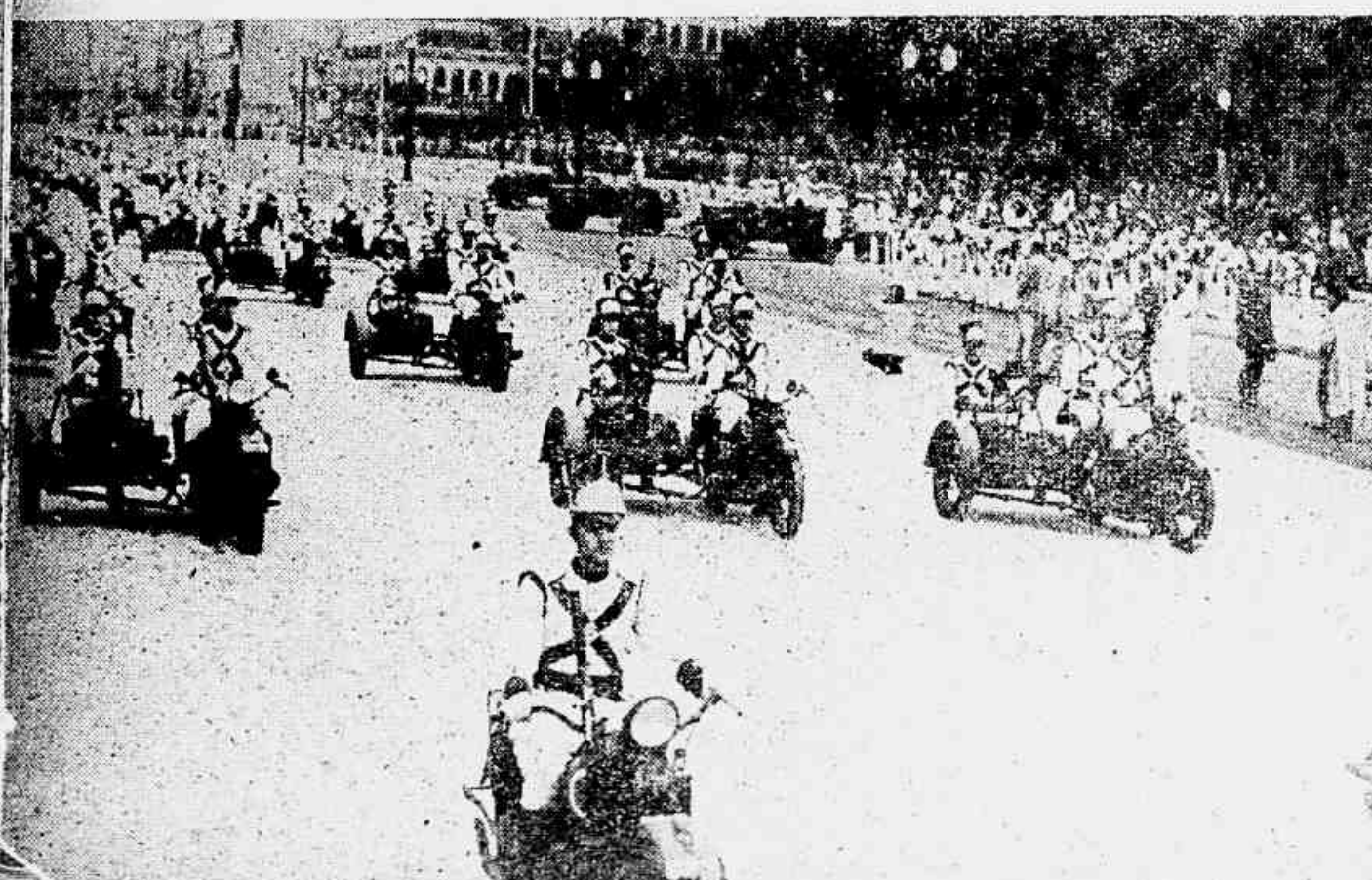




Desde muito cedo, considerável massa de povo afluíu para a praça da República estendendo-se pelas ruas em que a tropa se alinhava, e por onde desfilaram os trinta e cinco mil homens das nossas forças de terra, mar e ar. Na gravura superior, um detalhe da passagem da Escola de Guerra, que foi recebida sob estrepitosos aplausos do povo. Em baixo, à esquerda, alunos da Escola Militar, e à direita, da Escola Naval, desfilando em frente ao palanque presidencial.



Outros aspectos do brilhante desfile militar da manhã de sábado 7 de setembro, na Praça da República. A esquerda, tropa motorizada da Escola Militar, e ao lado, também forças motorizadas do Exército. O desfile teve início às 9,30 horas, quando ao palanque presidencial chegou o general Zenóbio da Costa, acompanhado do seu Estado Maior, apresentando-se ao Presidente da República e solicitando licença para o início da parada. Ali se encontravam outras autoridades e membros do corpo diplomático.





Forças do Exército desfilando frente ao Chefe da Nação, altas autoridades civis, militares e eclesiásticas, destacando-se a delegação especial argentina, todos os ministros de Estado, os presidentes e membros do Supremo Tribunal Federal e do Supremo Tribunal Militar, o cardeal arcebispo do Rio de Janeiro, todos os generais, almirantes e brigadeiros atualmente nesta capital, bem como numerosas famílias. O palanque estava armado diante do palácio da Guerra.



Ao alto, desfile do Corpo de Marinheiros Nacionais. Em baixo, aspecto do palanque presidencial vendo-se o Presidente Eurico Gaspar Dutra, e ao lado, o general Zenobio da Costa, comandante das forças que desfilaram na manhã de 7 de Setembro.



A SEMANA EM REVISTA

O BEIJO PROIBIDO



Um telegrama dos Estados Unidos informa que um vigário de Batavia, Estado de Illinois, proibiu terminantemente o beijo nupcial dentro da igreja.

A notícia não faz referência à reação que necessariamente deve ter provocado entre os jovens prometidos a drástica proibição que vem contrariar uma velha e pesada tradição americana.

É uma decisão constrangedora, tanto mais que implica numa restrição antipática, na terra de homens que colocam a liberdade, inclusive a de manifestar o seu afeto da melhor maneira que lhe pareça, acima de tudo. E paradoxal, porque o beijo é uma coisa

tão comum nos Estados Unidos como o nosso aperto de mão.

Dizem alguns que é recalcado, que o reverendo Walter Schlie teve na sua mocidade um amor insatisfeito e que por isso adotou o sacerdócio como uma fuga para o seu desgosto. Sendo assim, assistir diariamente às cenas de beijo-quês nupciais deve constituir para ele um martírio. Opinam outros que o padre é simplesmente do "contra" e por isso não permite em sua presença essa efusão tão grata de amizade.

Por sua vez, o pastor alegou que o beijo em público é uma coisa de mau

gosto e que, por conseguinte, zeloso de seu templo, a Igreja Evangélica Luterana Emanuel, não permitirá que se troquem beijos. E esclarecendo melhor a sua atitude, declarou que o casamento "é uma cerimônia sagrada e não mera função social".

Seja pelo caráter de mau gosto (puxa!...) que ele atribui ao beijo, seja porque o homem é mesmo do "contra", seja por causa da profanação que um beijo poderá trazer à cerimônia sagrada do casamento, a verdade é que os americanos não levarão a sério a proibição do reverendo Walter Schlie.

Pois se até na Itália que atravessou um período de fascismo, o retabelecimento da liberdade do beijo na via pública motivou grande contentamento, como é que da liberdade do beijo na via pública motivou grande contentamento, como é que de que lhes suprimiram um momento de emoção tão grata como o do beijo post-nupcial?

De duas uma: ou o pastor Schlie fica nervoso quando os jovens casais se beijam na sua presença, e nessas condições está arriscado a perder a clientela com a sua proibição antipática ou ele quer é retardar um ato para que a ansiedade pela ocorrência o torne mais apetitoso. Pois a verdade é que quanto mais se espera mais se gosta.

O reverendo Walter Schlie é um artista...

"FARRAPINHO HUMANO"...



No Hospital New Rochelle em New York nasceu uma criança há poucos dias que ainda não devia ter nascido. Isto é, nasceu prematura, com dois meses e meio de antecedência e consequentemente, com a faculdade de sucção do leite materno ainda imatura.

A criança excepcional se chama Richard Man (muito embora tenha nascido com as proporções de qualquer animal, menos de homem) e foi colocada numa incubadora, pesando menos de uma libra e medindo apenas doze polegadas.

E bem que não sejam raros os casos de bebês nascidos antes dos nove meses necessário à gestação e embora sejam comuns as crianças que pesam e medem

menos do que o normal, o caso de Richard Man é considerado excepcional, não só porque as suas proporções eram realmente muito reduzidas como porque em cinco dias de vida, começou a ganhar forças de maneira extraordinária, passando a pesar uma libra e dez onças.

Que processo teria adotado o nutricionista encarregado desse caso realmente admirável? Que espécies de vitaminas teria tomado essa criança para subsistir

depois de ter vindo ao mundo em condições tão precárias? Seria o caso de competente clínico fazer uma comunicação a uma academia de ciências.

Mas não é preciso nada disso, porque o telegrama que nos traz a notícia informa-se processou a nutrição do minúsculo prematuro. Durante os primeiras 48 horas de vida, Richard Man tomou nada mais nada menos do que legítimo "whisky" escossês misturado com água... numa média de 4 a 5 vezes por dia.

Sem querer, o médico (que talvez seja abstêmio, para completar o paradoxal do acontecimento que — convém não esquecer — ocorreu nos Estados Unidos), fez a mais decisiva contra-propaganda das inúteis semanas anti-alcólicas que promovem os que não têm fígado resistente...

Richard Man teve como primeiro alimento de sua vida algumas doses do legítimo "whisky" escossês. Para o futuro, ele poderá tornar-se num provador perito de bebidas, que é uma profissão muito prezada em certos meios...

Ray Milland recebeu um prêmio em Hollywood pelo seu desempenho de um bebedor inveterado num filme bem recebido pelas platéias. Não queremos com isso insinuar que aquela criança virá transformar-se naquele personagem marcado pelo vício da embriaguez que o filme nos mostrava. Mas se ele receber algum apelido, o mais acertado seria o de "Farrapinho humano"...

UM CHAPÉU FATAL...



Os adereços da moda feminina sempre constituíram um capítulo bem suculento da tragédia matrimonial. Não só porque implicam constantemente em despesas absurdas com a modista e o cabeleireiro, como e principalmente porque eles criaram um sério problema que é o de considerar a mulher como um ser dotado de conceitos estéticos esquisitos, estranhos, particularmente originais...

Há chapéus, por exemplo, de formas bizarras com os quais a gente só se acostuma porque sabe que aquilo daqui há uma semana vai desaparecer... substituído embora por outro espantoso bem mais esquisito. Chapéus em forma de banana, de tanque de guerra, de arranhacéu, de máquina de escrever, todos se parecendo, afinal com um autêntico "abacaxi"... E os penteados? Às vezes parecem ninhos de cobras, outras, dão a impressão de um canalial agitado pela tempestade e há alguns que restabeleceram a desordem das cabeleiras dos índios, muito embora certos penteadores ganham fortunas para arrumar os cabelos das elegantes dessa ou daquela forma.

A estética da moda feminina entrou, graças a essas audácias, na literatura e no cinema. Há pouco vimos um desenho animado em que um louco, fugido do hospício, deu para misturar baganas de toda natureza, sob o influxo da sua de-

sordem mental e da complicada salada de cascas de bananas e outros ingredientes semelhantes fabricava chapéus que alcançaram extraordinária fama...

A pi-héria define bem o objeto de que trata.

Mas não nos propuzemos a fazer o comentário de um desenho animado. Queremos chamar a atenção para um outro perito que podem oferecer as criações extremamente originais em matéria de moda. Perigo mais grave do que o das contas elevadas das modistas e do que o dos espetáculos de comicidade na via pública.

Referimo-nos ao que aconteceu em Logansport, Indiana (Estados Unidos) em cujas imediações a sra. Elizabeth Platt estava paseando com um chapéu "que era um mimo" como diz a notícia telegráfica.

Sentando-se às margens do rio Wabash a sra. Platt estava pescando quando um caçador se aproximou sorrateiramente e pum! lá vai mecha. Mandou um tiro no chapéu da desculhada pescadora que jamais pensou pudesse a sua caprichosa carapuça passar por caso de tartaruga.

Preso o caçador, declarou às autoridades que ao avisar a "tartaruga" por trás de uma elevação de terreno fez pontaria, puxou o gatilho e o resultado foi aquele.

Não é preciso perguntar se a moda de chapéu-tartaruga calu no mesmo dia em Logansport...

REVISTA DA SEMANA

ANO XLVII N. 37 :-: 14-9-46

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 90,00; Seis meses — Cr\$ 45,00

Registrada: Um ano — Cr\$ 110,00; Seis meses — Cr\$ 55,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 200,00; Seis meses — Cr\$ 100,00

O número avulso custa Cr\$ 2,00 em todo Brasil; através Cr\$ 2,50

Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tels. — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447;

Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602.

Corresp. na Bahia: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 149

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Koppe & Co. Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 299 — Tel. 33 — Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO CONSTA DE 60 PAGINAS

O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaborações solicitadas pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de originais, mesmo quando não publicados.

NESTE NUMERO

REPORTAGENS

7 DE SETEMBRO	3/5
Leitores de Calças Curtas	8/14
Grandeza e decadência de uma cantora (Roberto Lyra Filho)	20/21
Figuras e Fatos	36/37
Onde os músicos não precisam ter mais empregos	45/47

LITERATURA

Tinha de ser (Hugh McNair Kahler)	15
Arábia (James Joyce)	19
Zacarias Provedor (Escragnolle Doria)	22
A volta de Irene (Ney Machado)	30/31
Livros Novos (João Luso)	38
História de um pânico (conclusão)	42

SECÇÕES

A Semana em Revista	6
Nos Bastidores Femininos (Kitty)	27
Belas Artes	35
A REVISTA em Hollywood	39/41

HUMORISMO

De bom humor	26
A lei seca em sonho (Raul)	44

FEMININAS

Para a Primavera	28/29
Para a noite	32/33
Chapéus	34
Modas conversíveis	50
Para casa e passeio	51
Femininas	53
Vestidos Pretos	57
Um ambiente de elegância e conforto	58

CURIOSIDADES

A encruzilhada do mundo e das raças	16/18
O esplendor do período Elisabetano	23/25
Inx Falkenburg e o "taco"	43



NOSSA CAPA

Com essa fisionomia alegre e brejeira, esse lenço à camponesa mal cobrindo uns maravilhosos cabelos louro-espiga, essa que aí está, chama-se Barbara Lawrence e pertence ao novo "team" da 20th Century-Fox. Trata-se de outra das revelações da temporada. Seu filme de estréia será "Margie", com Jeanne Crain, dirigido por Henry King. Tudo faz crer que Barbara Lawrence conquiste fama e... fortuna, como sempre acontece.

Homens que trabalham

Se V. S. sofre de prisão de ventre e esqueceu-se de tomar **Ventre-Livre** ontem à noite, antes de dormir, não esqueça hoje.

Tome uma dose de **Ventre-Livre** hoje à noite, antes de ir para a cama, que amanhã passará o dia bem e trabalhará com prazer.

Os homens esforçados devem cuidar especialmente da saúde, porque trabalham com afêro e precisam ter o estômago, os intestinos, o fígado, enfim todos os órgãos, e também os nervos, em bom estado.

A prisão de ventre intoxica o organismo, abate as forças e por conseguinte diminui a capacidade de trabalho.

Combata a prisão de ventre sem perda de tempo, usando **Ventre-Livre**.

Ventre-Livre tonifica as camadas musculares do estômago e intestinos e limpa-os das substâncias infectadas e fermentações tóxicas, verdadeiros venenos, que perturbam as funções de todos os órgãos e causam tão grande mal aos nervos.

Tome **Ventre-Livre** hoje, à noite.

Lembre-se sempre:
Ventre-Livre não é purgante

Tenha sempre em casa
alguns vidros de **Ventre-Livre**

CREME DE TOILETTE
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
BRANQUEIA E AVELUDA A PELE
▲ VENDA EM TODA A PARTE



Os grandes concursos literários da "Revista"

A Comissão Julgadora das peças teatrais promete ainda este mês dar o seu "Verdictum".

Segundo comunicação recebida no início da semana, do senhor Daniel Rocha, representante do Club Ginástico Português junto à comissão julgadora das peças teatrais concorrentes ao prêmio de Cr\$ 10.000,00 (dez mil cruzeiros) (Prêmio Apolônia Pinto) do nosso concurso teatral, ainda no transcurso do mês de setembro conheceremos o resultado geral desse julgamento. Como temos insistentemente divulgado, todos os originais recebidos foram entregues ao senhor Daniel Rocha, que por sua vez se incumbiu de distribuí-los entre os demais juízes: Jeraci Camargo, representante da S.B.A.T.; Bandeira Duarte, representante da Associação de Críticos Teatrais, e Floriano Faissal, representante da Casa dos Artistas. Antes de serem entregues a esses elementos julgadores, todas as peças haviam sido lidas por um redator da REVISTA DA SEMANA, o senhor Roberto Lyra Filho.

Esperamos, assim, a conclusão desses trabalhos que efetivamente demandaram alguns meses para serem realizados com a necessária atenção, pois o total de originais recebidos ultrapassou a casa de cem. Imediatamente que seja recebido o "verdictum", aqui o publicaremos, procedendo-se à entrega do referido prêmio, oferecido pelo Club Ginástico Português.

★

Também no dia 30 do corrente será encerrado o prazo para recebimento dos contos destinados à 5ª série do Concurso Permanente de Contos. Como de costume, esses originais não devem ir além de 5 laudas datilografadas em espaço dois, e precisam mencionar nome e endereço dos autores. Dentre os contos recebidos, serão escolhidos os doze (doze) melhores, para publicação posterior, cabendo aos respectivos autores, o prêmio de Cr\$ 100,00 (cem cruzeiros) oferecidos por esta revista. Não serão devolvidos originais mesmo não publicados.

OFICINA DE 1.º ORDEM
AVIAM-SE RECEITAS MÉ-
DICAS COM EXATIDÃO

O PINCE-NEZ DE OURO

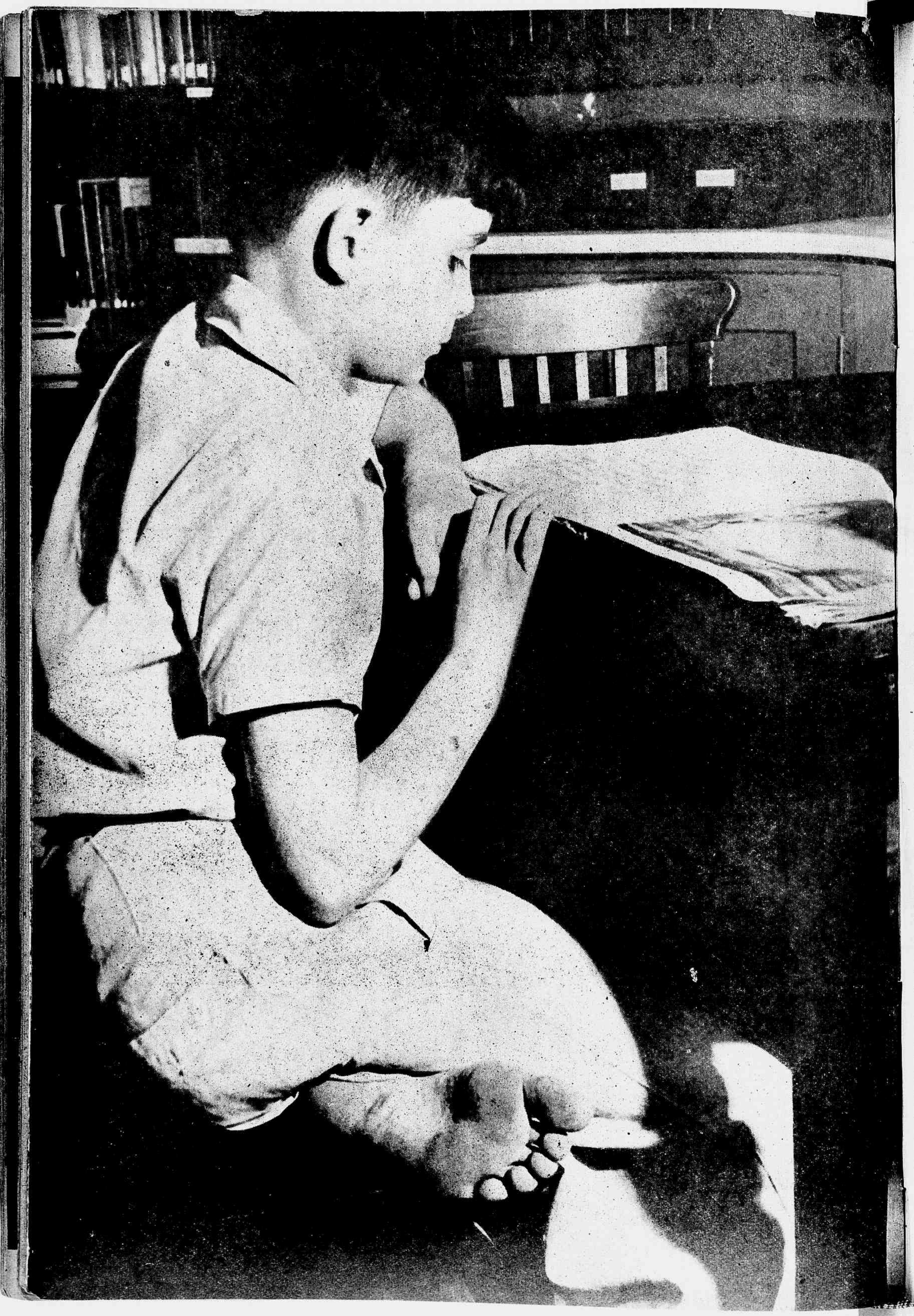
OCULOS, PINCE-NEZ, LORÇONS

R. CARIOCA N.º 28

Loalheria

LUIZ R. RICART
TEL. 22-4690 — RIO

JOIAS, RELÓGIOS, BRILHANTES
E ARTIGOS PARA PRESENTES



"A criança e a mulher são os leitores mais assíduos", — declara Bertrand — "Enquanto escrever para o teatro é uma tarefa ingrata, a literatura infantil dá um rendimento acima do comum", diz Viriato Correia — Monteiro Lobato é o maior escritor no gênero — opinam dois entrevistados — O último retrato do criador de Jeca Tatú traz à baila a história dos bifes argentinos de três andares... — "Nosso Brasil" de Hildebrando Lima tem-lhe dado uns bons cobres — "Não são as crianças que compram os livros que lêem", afirma Maurício Rosenblatt — A Biblioteca Central de Educação

Reportagem de
ADHEMAR NÓBREGA

Fotos de
ARNALDO VIEIRA

No mundo atribulado em que vivemos, carregando às costas a cruz pesada de compromissos materiais de toda sorte, as necessidades do espírito são relegadas constantemente a um plano secundário e às vezes até arrefecem e sucumbem por força das solicitações da vida econômica, exaurindo todas as energias, monopolizando todas as atenções.

O homem vê-se assim perseguido, castigado e esmagado por um sem número de sugestões que a complexidade da vida hodierna lhe indica e para as quais exige a dedicação, senão da sua inteligência, (porque às vezes se trata de visões cinematográficas, fugazes, sem um traço de fixação no espírito), mas pelo menos do seu tempo, dos seus preciosos minutos que em 24 horas de cada dia são tão numerosos e paradoxalmente tão insuficientes.

Disso resulta que a leitura, o meio pelo qual o homem se põe em contacto com o pensamento dos seus semelhantes, vai sendo reduzida à condição de um processo para tomar conhecimento das manchetes sensacionais, dos vespertinos ou para avisá-lo do aparecimento de um novo preparado para a calvície precoce; a visão que outrora lhe proporcionara tantas emoções condensadas em quadros dos grandes mestres da pintura, hoje, afóra as necessidades da vida de relação, só se ocupa em reproduzir imagens do cinema, ou em proporcionar-lhe flagrantes de velocidade, já que vivemos a época da apologia do movimento.

E a febre de simplificação das cousas (mediante processos complicadíssimos) chega aos paroxismo tão bem retratados por Carlitos em "Tempos modernos", chega ao

ponto de pretender poupar ao homem todo esforço mental, desprestigiando a inteligência com as soluções já encaminhadas, condicionadas em fórmulas, sintetizadas em esquemas.

Os reflexos dessas ocorrências sobre o pensamento, de certo não constituem assunto para uma reportagem, mas para um estudo aprofundado de sociólogos e filósofos ao bem da humanidade.

Procuramos apenas fixar o que se passa, no momento, em relação às leituras das crianças, determinar o grau de intensidade e a natureza do interesse que nutrem os homens de amanhã pela atividade intelectual, que vale principalmente, nessa quadra da vida, como um meio de despertar vocações.

E por isso, procurámos ouvir a palavra de alguns escritores e editores que se preocupam com o assunto literatura infantil.

A CRIANÇA E A MULHER SÃO OS PRINCIPAIS LEITORES

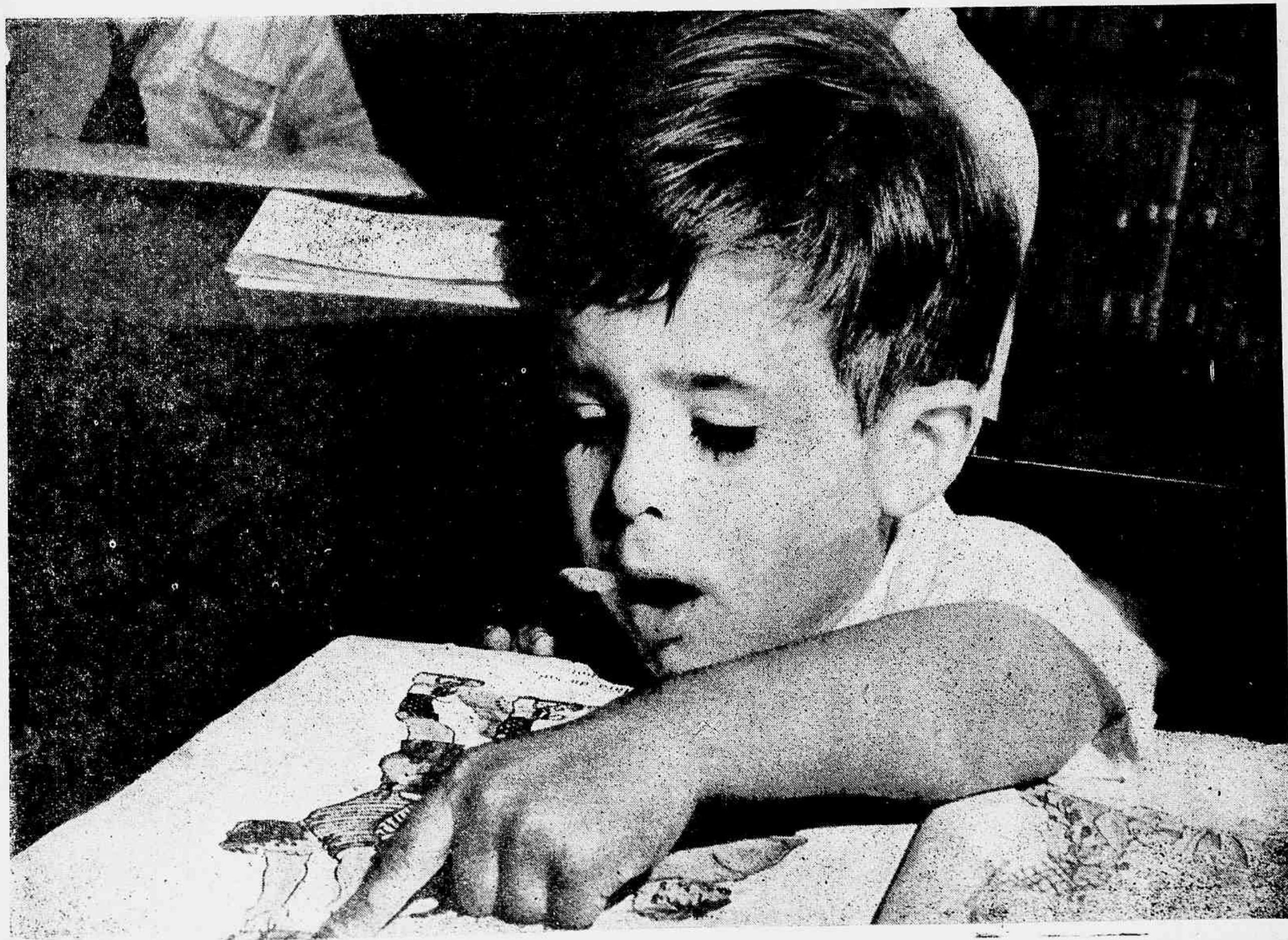
Falamos com Bertrand da Civilização Brasileira. Mas antes, queremos abrir um parágrafo para explicar a relutância de um editor. Bertrand é Fluminense, mais ou menos no mesmo grau de intensidade em que José Lins do Rego é Flamengo. Cem por cento. Ora, acontece que dois dias antes houvera um Fla-Flu cujo resultado fora favorável ao autor de "Menino do Engenho". Disso resultou o que acontece com certos vascainos que rasgam as carteiras do seu clube quando ele perde um jogo.

Assim o nosso amigo fechou-se em copas quanto ao



LEITORES DE CALÇAS CURTAS

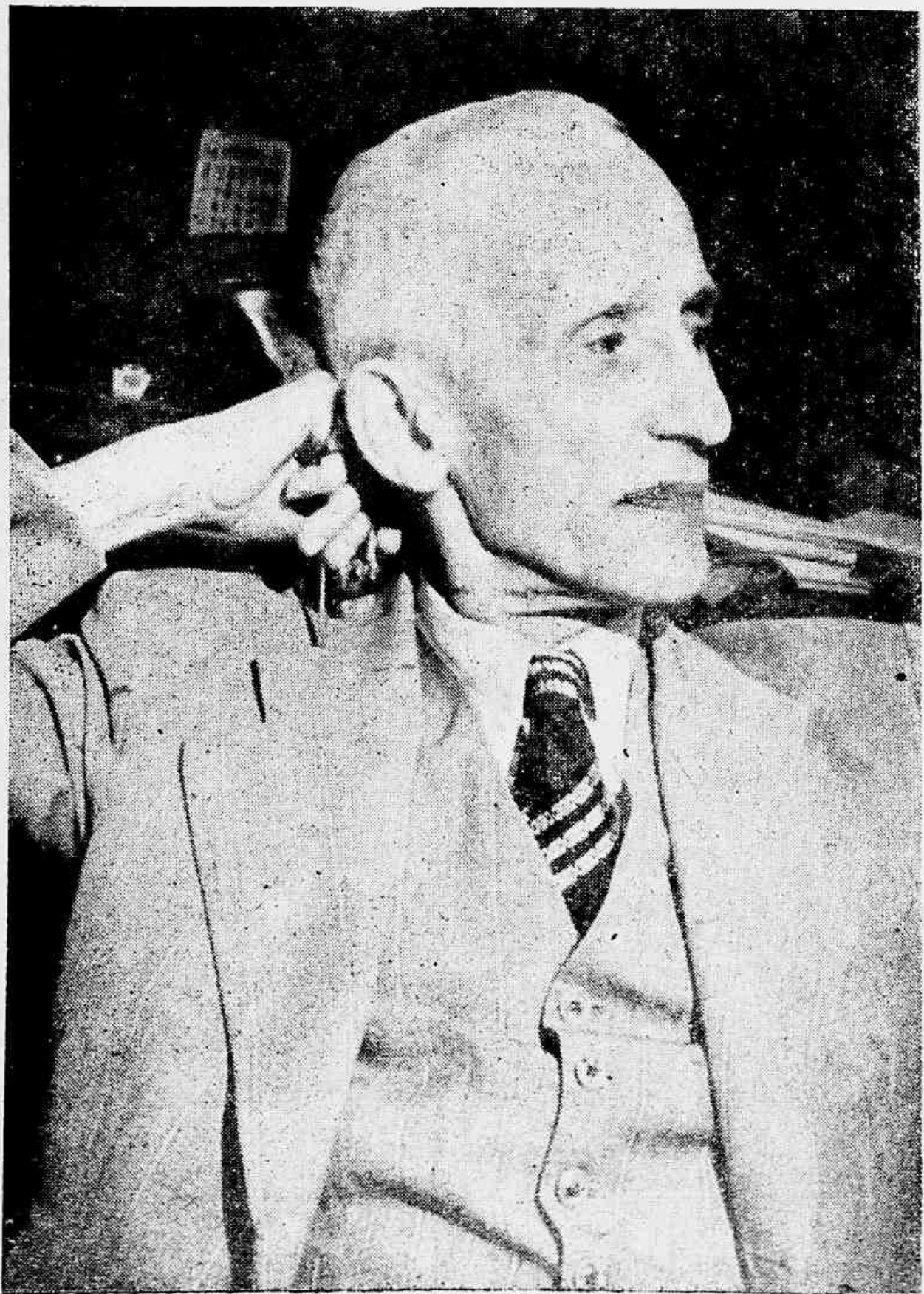
NO MUNDO ENCANTADO DAS GRAVURAS COLORIDAS — Na Biblioteca Central de Educação da Secretaria de Educação da Prefeitura, a instituição mais bem aparelhada no gênero existente no Rio de Janeiro, as crianças se entregam de corpo e alma à contemplação das gravuras coloridas dos livros de histórias maravilhosas, onde a estupidez da realidade dos dias presentes não embota a fantasia dessas cabecinhas inocentes e a pureza dessas almas cândidas. Na página à esquerda, um garoto lê despreocupadamente a história do menino do pastoreio; em cima, Ester Natalia consulta o fichário e em baixo, Carlos, de 3 anos de idade, aponta, embevecido, a figura de um herói.





HILDEBRANDO LIMA começou sua atividade literária escrevendo aventuras que ele possivelmente sonhou na adolescência. Depois organizou um dicionário. Mas não encontrou aí o seu meio de comunicar-se com a humanidade. Foi na série de livros para crianças "Nosso Brasil" que ele se encontrou como intelectual. Que o diga o sucesso das inúmeras edições.

VIRIATO CORREIA é um velho profissional das letras, já tendo dado ao teatro inúmeras obras encenadas com sucesso. No entanto, desde algum tempo, dedica-se quase exclusivamente a escrever livros infantis. O êxito de sua "História do Brasil para as crianças" e de "Cazuza" que ainda hoje lhe dão uma boa renda, afastou o teatro das suas preocupações imediatas.



MAURICIO ROSENBLATT da Livraria do Globo acha que não se pode ainda determinar com precisão quais os interesses literários da criança porque em geral não são os meninos que compram os livros. Estes em geral são adquiridos pelos adultos, como presentes para os seus filhos, parentes ou amigos. Mas à parte essa consideração do problema, pode-se dizer que a fantasia é o traço das crianças.

MONTEIRO LOBATO, o autor número um da nossa literatura infantil, foi passar umas férias na Argentina. Dizemos férias porque não acreditamos que ele se esqueça do Brasil. Logo mais ele voltará. Por enquanto, mandou este retrato para Bertrand da Civilização Brasileira, em que aparece robusto como um sueco, fazendo ótima propaganda do bife e do leite da Argentina...





NA BIBLIOTECA CENTRAL DE EDUCAÇÃO, as crianças passam longas horas esquecidas da realidade que as cerca. Mergulham a inteligência e a sensibilidade nascentes na admiração dos personagens queridos das histórias infantis que a imaginação dos autores lhes dedica. Na foto acima, José de Oliveira Rodrigues Pinho, do 3º ano da Escola Popular de S. Bento, ajuda o seu irmão Carlos, de 3 anos de idade, a compreender o seguimento de uma história. E Carlos está tão empolgado que nem percebe a presença do fotógrafo. Apenas quando Vieira queimou a "flash", ele exclamou, perturbado com a clareza: "Papagaio!" E mergulhou novamente nas aventuras de Lúcia e Pedro.

registro fotográfico da nossa entrevista. Resistiu heróica-mente diante da objetiva ou de qualquer outra referência fora do interesse essencial do assunto desta reportagem, sobre o qual ele deu a sua opinião.

— A criança e a mulher são os principais leitores da atualidade. Os livros destinados a eles são os mais vendidos.

— E quais são esses livros infantis?

— Lobato ainda é o autor preferido da criança.

As suas obras, se bem que não sejam mais editadas nesta casa, (pois a "Brasiliense" está lançando as obras completas do criador de Jeca Tatá) eu sei que têm grande aceitação. Além disso, convém não esquecer que foi ele quem iniciou no Brasil a profissão de escrever para as crianças.

Tenho uma grande admiração por Monteiro Lobato. — acrescentava Bertrand que se retira por alguns momentos para abrir uma gaveta de onde retira um retrato do indomável lutador bandeirante no terreno das letras — e aqui está um presente que recebi hoje e que muito me agradaria vê-lo publicado.

Olhamos para o retrato de Monteiro Lobato e sem querer nos lembramos do Barão de Itararé. Não por semelhança de físico ou por identidade de atitudes filosóficas, mas, pela descrição entusiástica que Aporely havia feito das condições de vida na Argentina, referindo-se a bifes de três andares e a hotéis de luxo a 60 cruzeiros a diária.

O retrato de Monteiro Lobato era um atestado de idoneidade à reportagem do Barão. Forte e de feições saudáveis, era assim que nos aparecia o exilado voluntário que está assistindo de palanque, como ele próprio declarou, à luta que se trava no Brasil para o restabelecimento de um regime de ampla confiança popular.

Olhando aquela fotografia, que publicamos nestas páginas, o leitor pode constatar que essa história de leite puro e bifes de três andares não é boato...

TARZAN E VIRIATO CORREIA

— Afóra os livros de Lobato, a série de aventuras de Tarzan — continua o nosso entrevistado — ainda constitui um ponto alto nas preferências infantis. E além de Tarzan, quero fazer uma referência aos livros de Viriato Correia que têm grande aceitação. Basta dizer que a sua "História do Brasil para as crianças" está com quase 100.000 exemplares. Num país como o Brasil em que as edições se limitam a uns poucos milhares, esse número vale por uma constatação.

(Como vê o leitor, juntando o nome de Tarzan ao do festejado teatrólogo, não quisemos estabelecer nenhuma identidade. Longe de nós a intenção).

— E afóra esses, conclui Bertrand, convém não esquecer os "Contos do país das fadas", de Gondim da Fonseca que foi considerado um dos 10 melhores livros para crianças segundo o resultado de um concurso promovido pela Prefeitura.

Mas a meu ver, os livros de maior sucesso no gênero são a "História do Brasil para crianças" e "Cazuza", de Viriato Correia.

E talvez temendo uma traição do fotógrafo que calmamente preparava a máquina, o ardoroso "fan" do Fluminense pediu licença para atender a um cliente e nos apresentou a Hildebrando Lima.

UM HOMEM QUE ACHOU O SEU MUNDO ENTRE AS CRIANÇAS

Hildebrando Lima que os leitores de calças curtas conhecem de sobra através da sua coleção "Nosso Brasil", é um jovem e já vitorioso autor que percorreu alguns caminhos na literatura até achar o seu mundo escrevendo para as crianças.

— Afóra colaborações esparsas em jornais, a minha estreia como autor de um livro foi a publicação de "Mares de amor", uma coletânea de contos que teve menção honrosa da Academia Brasileira de Letras. Depois, empenhei-me na organização do Pequeno Dicionário da Língua Portuguesa, fui viajante de uma editora e publiquei três livros de aventuras policiais: "O estranho assassinio de Mr. Artwill", "Os assassinos do castelo de St. Denis" e "O crime dos três inocentes".

E o nosso entrevistado fez questão de acentuar: — mas isso são águas passadas, não me interessa mais por esse gênero. Nem mesmo pelos contos de "Mares de amor", cujo título, diga-se de passagem, é um bocado piégas.

— E como enveredou pela literatura infantil?

— Viajando. Em função do meu emprego, observei os nossos costumes e tradições, as nossas possibilidades econômicas e outros aspectos da realidade brasileira e veio-me a idéia de utilizar esses elementos numa série de livros para crianças. Pôs mãos à obra e hoje verifico que não me enganei quanto ao sucesso do empreendimento.

A série "Nosso Brasil" divide-se em cinco volumes, constando o primeiro de noções de civismo e brasilidade. Destina-se às crianças que aprenderam a ler recentemente. Os demais foram escritos segundo a experiência adqui-

rida nas viagens pelas diversas regiões do Brasil, de que já falei. Assim, o 2º volume, aborda os Estados de Minas e São Paulo; o 3º, os demais Estados do Sul, o 4º os Estados do Norte e do Nordeste e no 5º reuni escritos de dois autores de cada Estado. Alguns desses volumes já atingiram de oitenta a 90 edições e até mais do que isso, à razão de 5.000 volumes por edição. Estou pensando do meu trabalho.

E por uma coincidência verdadeiramente cinematográfica, um empregado da editora lhe traz uma comunicação sobre a venda dos seus livros. O reporter olhou como quem não quer ver mas querendo e conseguiu ler: vinte e sete contos e tanto. Não nos interessou muito a casa das centenas. Podia ser uma dívida mas estamos inclinados a crer que se tratava de renda. E nesse caso, não faz mal escrever livros para crianças...

— Nesta série de que lhe falei, — prossegue Hildebrando Lima — procurei reunir à condição agradável de uma leitura destinada ao público infantil a utilidade de certas noções geográficas, econômicas e sociais. Assim, acredito ter prestado uma contribuição à formação de uma base de conhecimentos sobre o Brasil (sem jacobinismo nacionalista, sem verde-amarelismo que eu acho prejudicial) ao mesmo tempo dando oportunidade ao desenvolvimento do prazer pela leitura.

Precisamos de livros que deem elementos aos pais para a educação de seus filhos.

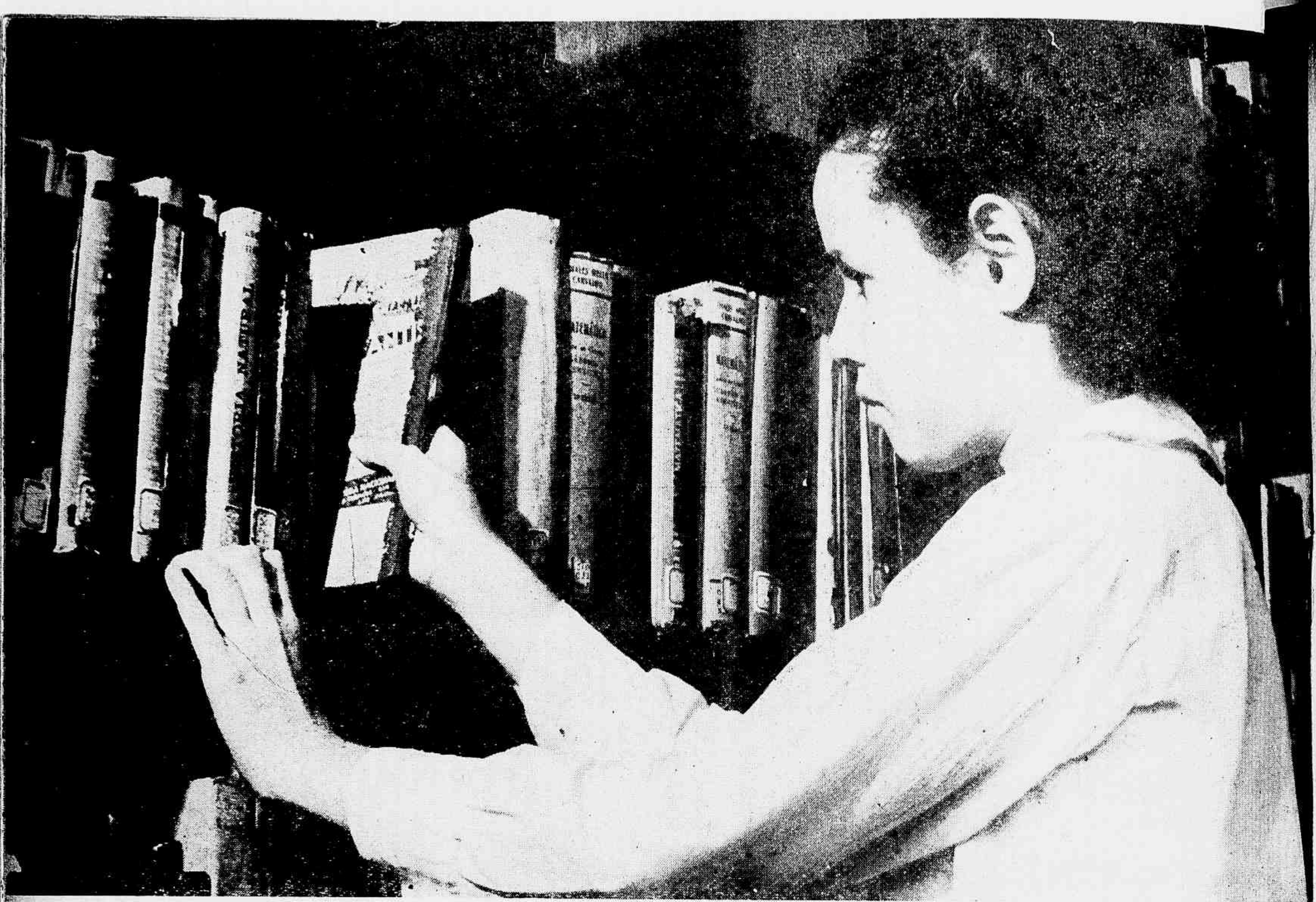
"NOSSO MUNDO"

— Mas esta série de que o amigo nos falou não constitui a rigor literatura infantil. Trata-se de uma coletânea de estudos feitos sobre o Brasil sem a fantasia e a imaginação que são características do gênero.

— Tenho pronta para editar uma obra mais ou menos desse caráter. Dei-lhe o nome de "Nosso mundo — História do progresso humano", em que me ocupo da história universal de um ponto de vista muito grato ao interesse das crianças.

— E quanto às histórias em quadrinhos? Que diz o amigo sobre elas?

— Acho que antes de tudo há um desperdício de esforço, levando-se em conta que o objetivo é educacional. Pois os autores dessas historietas contam com bons desenhistas e o desenho é um auxiliar poderoso da leitura para os meninos. No entanto, o que predomina nelas é o caráter facinoroso de heróis que se notabilizam pelas façanhas que nada têm de louváveis. O que acontece é que as crianças são levadas à admiração de personagens que



HESITAÇÃO ENTRE O DEVER E O PRAZER — Maria Helena Dutra... da Silva estuda na Escola Vicente Licínio, na avenida Venezuela. A professora passou-lhe os deveres para fazer em casa, ela foi à Biblioteca que fica no andar térreo, afim de consultar um livro. Mas chegando à estante, começou a ver as lombadas coloridas dos livros de histórias tão gratas à sua fantasia. "Branca de Neve e os sete anões", "Milho de ouro", "O menino do pastoreio", "Cazuzu", "Pinocchio"... E mais adiante, Matemática, Matemática, Matemática... Meu Deus, que fazer? Os deveres são para amanhã, mas não era nada mau ler uma história dessas. E nessa hesitação foi fotografada e assim ficou.

deveriam ser afiadadas de suas cogitações. Seria melhor que deixassem as crianças viverem o seu mundo de pureza e inocência e não perturbar o seu desenvolvimento moral com o sensacionalismo.

VALORIZAÇÃO DO TRABALHO DOS DESENHISTAS

Todavia, acho que se deveria aproveitar ao máximo as possibilidades dos nossos desenhistas, dando ao seu trabalho uma finalidade mais elevada. O jornal infantil, por ser mais barato do que o livro, pode contribuir grandemente para incentivar o prazer pela leitura. Mas que essa contribuição não acarrete prejuízos à formação moral dos pequenos leitores. No Brasil, sob esse aspecto, precisamos de bons desenhista e de **copyright** para que o trabalho desses ilustradores lhes assegure uma renda apreciável, como acontece nos Estados Unidos. Lá existem empresas que exploram o assunto como uma verdadeira indústria. Lembra-se de **Douglas e os comandos**? Pois o autor dos desenhos pagava a um modelo para pôsar, simulando as atitudes do herói.

Despedimo-nos de Hildebrando Lima e fomos para a "Globo".

VENDEM-SE MAIS LIVROS NO NATAL

Maurício Rosenblatt atendeu-nos com gentileza e falou sem reservas ao saber do nosso intuito.

— Há flutuações na venda dos livros infantis. Em certas épocas do ano vendem-se mais.

— Por exemplo...

— No Natal e Ano Novo. Porque a verdade é que as crianças não compram os livros que lêem. Entre elas não há ainda o hábito de comprar um livro. Se o pai dá dinheiro ao filho e lhe deixa a liberdade de adquirir o que bem entender, há um por cento de probabilidades de dirigir-se ele a uma livraria. Isso não quer dizer, entretanto, a criança seja inimiga da leitura. Tanto assim, que ela vai de bom grado a uma banca de jornais e compra um semanário ilustrado. Mas, livro, mesmo, não. Esse costume as nossas crianças ainda não têm.

Os livros são mais vendidos durante aquele período de que já falei, porque são os adultos que os compram para dar de presente ao filhos, parentes ou amigos. E é bem sintomática desse costume a preferência que se nota pelos livros bem apresentados, não se levando em conta

o preço. Em geral, tem-se escrúpulo de dar um presente de pequeno custo.

LOBATO, O CRIADOR DA INDÚSTRIA DO LIVRO NO BRASIL

Fizemos a Rosenblatt a mesma pergunta a respeito do autor brasileiro de maior sucesso no gênero. E a resposta veio sem demora:

— Monteiro Lobato, disso não tenho dúvidas. Aliás, quero aproveitar a oportunidade para dizer que o considero o verdadeiro criador da indústria do livro no Brasil, embora a iniciativa lhe tenha custado um sacrifício considerável de esforços, além de grandes prejuízos.

Há muitos anos, quando o Rio e São Paulo contavam apenas uma escassa meia dúzia de livrarias e nas outras cidades não se explorava ainda esse comércio, o criador de Jeca Tatá se ajeitou à aventura de que iria resultar o nascimento da nossa indústria. Fundou a Cia. Editora Nacional, publicou alguns livros e os remeteu para todos os estabelecimentos comerciais que vendiam livros no Brasil, propondo-se a fazer novas remessas, no caso de aceitarem o negócio. Isso contribuiu consideravelmente para que se inaugurassem livrarias por toda parte, dando oportunidades à indústria das edições.

— Mas qual foi o motivo do prejuízo se o negócio deu resultados positivos?

— É que ele imaginou uma empresa de grandes proporções, adquiriu máquinas custosas, fez instalações igualmente onerosas e chegou mesmo a fazer plantações para obter a matéria-prima necessária à fabricação do papel. Não estava então em condições de absorver a produção de uma empresa projetada em tais proporções. O impulso dado à solução do problema foi enorme e de resultados extremamente benéficos. Mas Lobato ficou prejudicado economicamente com a iniciativa e teve de abandonar os seus projetos.

A FANTASIA, O ACONTECIMENTO GRATUITO E NÃO A REALIDADE

— Folando de um modo geral com a exclusão e nomes, qual o gênero de literatura infantil mais apreciada?

— As crianças em geral, quando a fantasia, o acontecimento gratuito, despojam-se das conclusões tiradas dos fatos reais. Há um grande interesse na reação do público infantil em face de tudo que lhe não dedicados, que qualquer observador pode constatar a repulsa pelo sermão, a

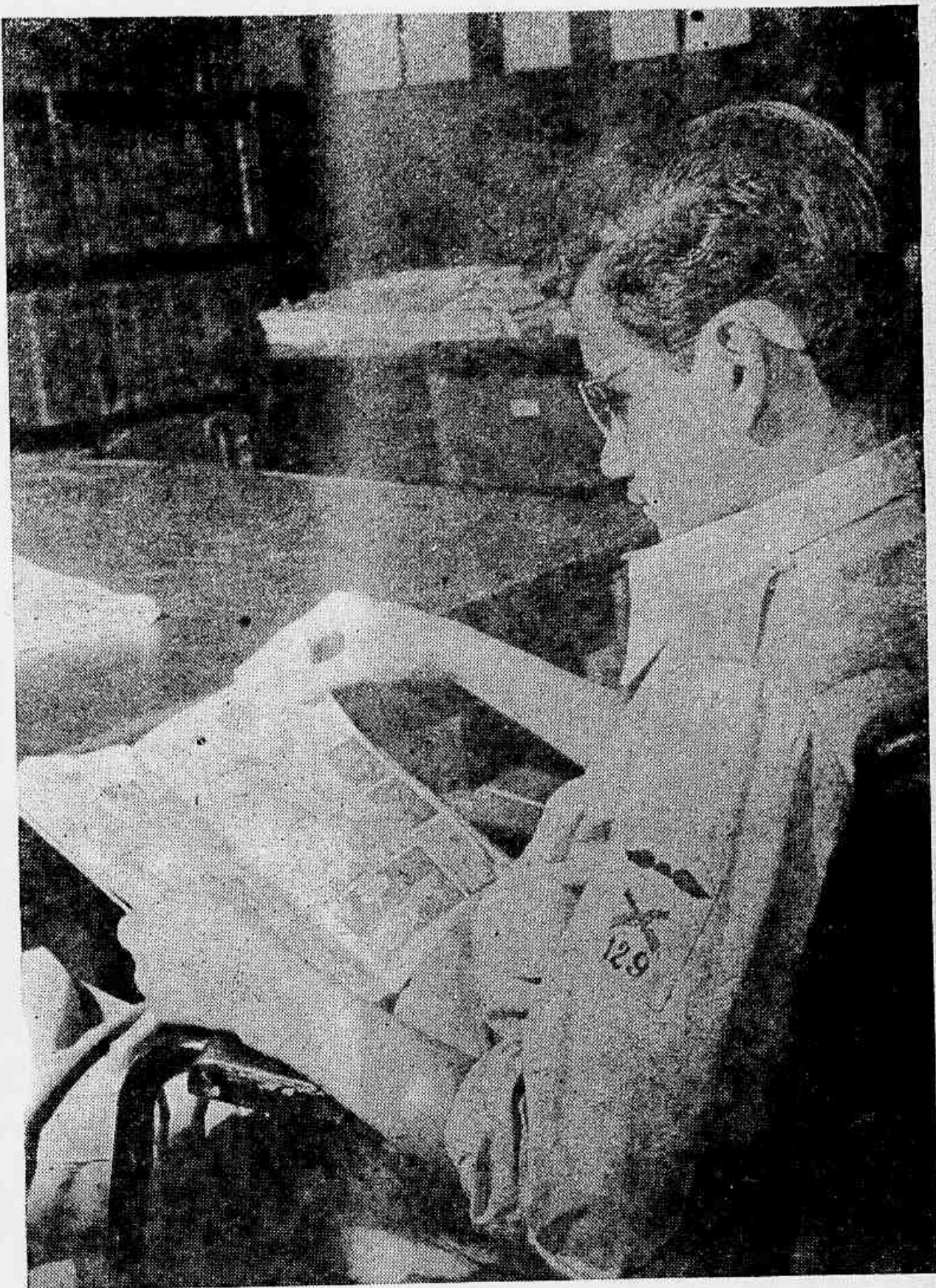
MESA QUADRADA — Gafá uma com o seu livro, e os seus interesses literários. Da esquerda para a direita Maryly, Ika, Ester e a própria autora do livro pelo da colega e Maria Helena Dutra. As crianças aproveitaram o recreio da Escola para conhecer um pouco os personagens das histórias maravilhosas de um mundo melhor...





UM "FAN" DE BRUCUTÔ — Luiz Dias, aluno do Curso de Admissão do Instituto Rabelo, prefere as histórias de Brucutô, do Globo Juvenil ou do Gibi mensal. Os seus 13 anos de idade e a falta de uma orientação para leituras mais sérias ainda não o levaram a conhecer Kipling, Lobato ou Stevenson. Que falem os pedagogos sobre o mérito dessas historietas que fazem a apologia da força...

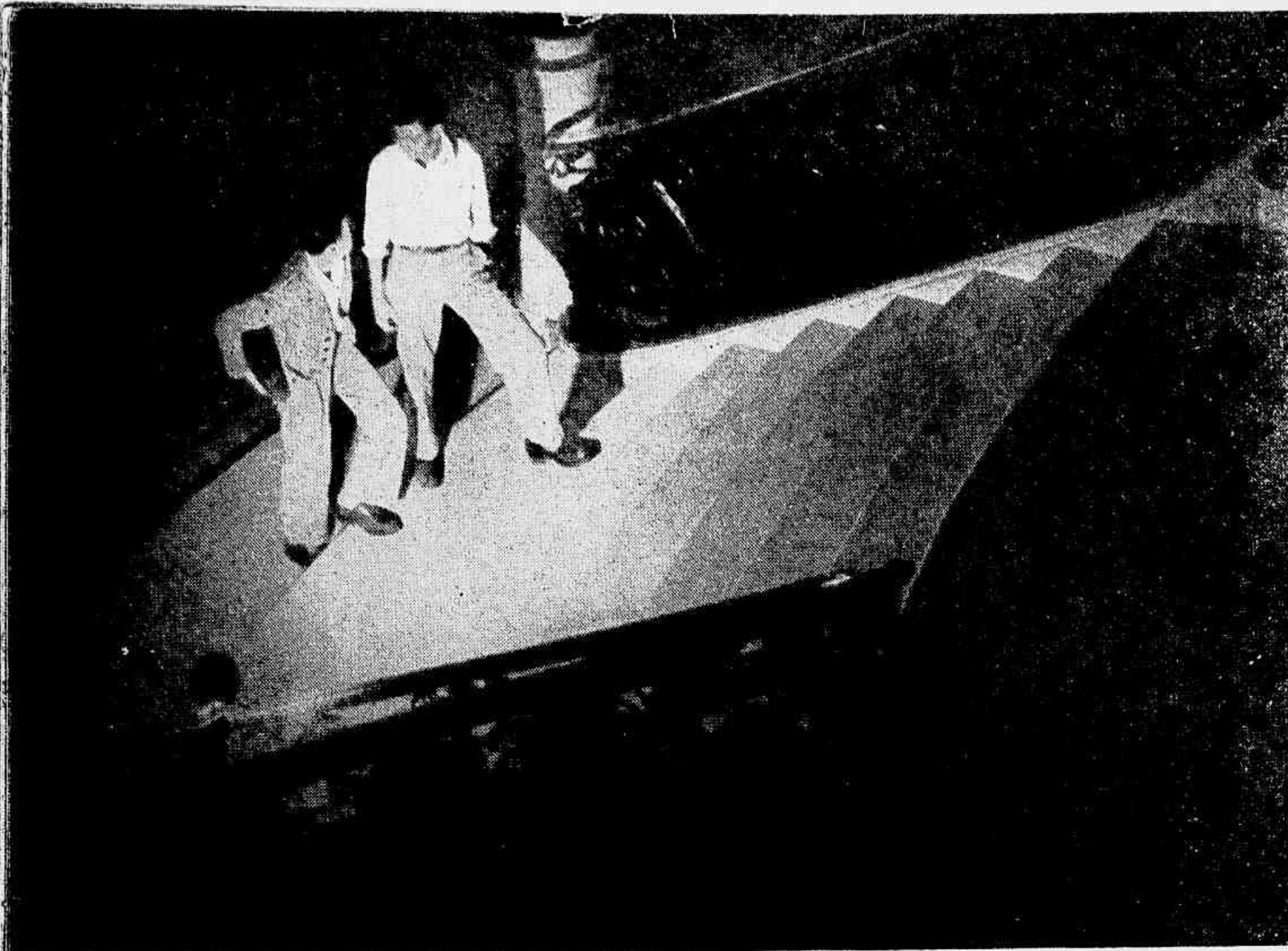
HISTÓRIAS DE JUCA E CHICO — Aluna do 3º ano de uma escola pública da rua Barão de Mesquita, a jovem Adalmir declarou que prefere as histórias "Juca e Chico" e as aventuras de "Cazuza". Mas agora, lê vez por outra uma historietas de quadrinho nos vespertinos. Mas a sua melhor recordação sobre o assunto é a do filme "Branca de Neve".



AFORA O ESTUDO, AVENTURAS ILUSTRADAS — Heyder Leal, do Curso de Admissão da Academia de Comércio, agora os livros de estudo, prefere igualmente as historietas de quadrinhos ilustrados em que aparecem heróis sobrenaturais identificados com as conquistas transcendentais da física e da química. Sinal dos tempos... Estamos na era da bomba atômica.

TERMINOU O RECREIO — E Ester Natalia deixa a Biblioteca com a sua colega Marily Soares Anadias. Que pena! Marily estava no melhor da história de "nanquinote". E agora, ela volta ao mundo real, vai rabiscar números e copiar textos. Mas amanhã, terá uma nova entrevista com o travesso "Nanquinote".





UM MENU SUCULENTO — Aqui está um variado menu para o apetite literário das crianças: "Tico-Tico", "Gibi" e outras histórias, em que não há miséria como nos conflitos da vida real.

indiferença pela atitude conselheiral, o desprezo pela pilula de moralismo introduzida mesmo disfarçadamente nos textos. Quem quiser ser agradável ao leitor de calças curtas não procure dar conselhos. A criança gosta de liberdade e nessa liberdade está compreendida uma atitude soberana diante dos conselheiros gratuitos.

Assim, os livros segundo o modelo das obras de Stevenson são particularmente procurados. Temos, dentre as nossas edições, algumas obras de grande sucesso, de Lewis Carroll, Johanna Spyre, Lúcia Miguel Pereira, Dante Costa e Graciliano Ramos. Graciliano, entretanto, não é o autor ideal para as crianças. É um tanto agressivo, tem uma

linguagem bem mais apropriada ao terreno dentro do qual é um grande escritor: o romance no gênero "Vidas secas". Agora os nomes já citados, acrescento os de Marques Rebelo, Erico Veríssimo e Antonio Barata.

Mas os heróis mais queridos são ainda Pedro, Narizinho e a generosa D. Benta de Monteiro Lobato.

— E qual a sua opinião sobre os semanários ilustrados, para crianças?

— Há quem se manifeste abertamente contra esse gênero de leitura, sob alegação de impropriedade da formação moral dos personagens para as crianças. Não partilho desse ponto de vista. Acho que os Flash Gordons, os

AS ESCADAS DA CULTURA — Os dois garotos estudam um o curso de comércio e o outro ainda não sabe a que se destina. Por enquanto, vão enchendo as horas de descanso com a preocupação do espírito. Vão em busca de leitura na Biblioteca Nacional.

Homens de aço, os Fantasmas são reflexos do tempo. E se as crianças gostam das suas aventuras é que acham neles um meio de se sobrepôr à realidade que não tem nada de amável nem de sedutor. Vivendo as façanhas de um herói das histórias, os pequenos leitores dão largas à sua imaginação estimulada pelo cinema e pelas notícias dos jornais.

Os livros são ilustrados e como se sabe o desenho poupa à criança o esforço de conceituação dos personagens, tornando a leitura mais fácil. Se bem que no fundo isto seja conveniente porque conduz à inatividade, a facilidade de imaginar fisicamente os personagens, e os ambientes, — o desenho realiza pelo menos a função de tornar sugestiva a leitura e conseqüentemente à formação do hábito.

O TEATRO É MUITO INGRATO PARA OS AUTORES

Vitalino Correia nos atendeu com presteza e aproveitando uma tarde em que desceu da Ilhica para uma sessão da Academia, conversou conosco em nossa redação sobre o problema da literatura infantil.

— Não existe propriamente o teatro. Nem o poderia fazer, levando em conta que tive grandes sucessos como autor teatral. Mas a verdade é que escrever para o teatro é uma tarefa ingrata nos dias que correm. O aluguel dos teatros é muito elevado. Os salários dos artistas, devido à carência da vida, também têm de ser compensadores. Esses fatos se refletem sobre as peças encenadas, das quais os empresários procuram tirar o máximo de rendimento, dando o maior número possível de representações. Em pouco tempo, uma peça chega à exaustão, sai do cartaz. Não compensa os esforços do escritor.

100.000 EXEMPLARES DA "HISTÓRIA DO BRASIL PARA AS CRIANÇAS"

Enquanto isso, os livros infantis dão um rendimento muito acima do comum. Basta referir que a minha "História do Brasil para as crianças", saída em 1935, conta hoje com 100.000 exemplares publicados. Levando em conta que começou a ser vendida por 10 cruzeiros e hoje custa 25, segue-se que a literatura infantil é muito mais conveniente para um autor que vive exclusivamente da atividade de escritor, como é o meu caso.

Todavia, faço questão de acentuar. Não abandonei o teatro. O que acontece é o que já lhe expliquei. Ninguém pode viver da criação literária abordando esse campo de atividade quando uma peça raramente chega a um centenário e meio de representações. Refiro-me, — diga-se de passagem — à comédia, pois é bem certo que as revistas, contando com um público muito mais numeroso, atingem a "records" invejáveis.

Mas a verdade é que vivo hoje mais de "Cazuza" e da minha História do Brasil do que das obras de teatro. E creio que falo com absoluta insuspeição porquanto tenho o prazer de me colocar entre os autores mais representados do Brasil.

FALTAM BIBLIOTECAS INFANTIS NO RIO

Saimos em busca de alguns flagrantes para ilustrar a reportagem. Na Biblioteca Nacional, o dr. Rubens Borba de Moraes que se propõe a realizar uma grande reforma, declarou-nos que não está nas suas cogitações uma dependência para crianças. Porque a natureza do estabelecimento não comporta.

— A Biblioteca Nacional é um estabelecimento destinado a promover meios para a difusão da cultura. Não está dentro das suas atribuições a literatura para divertimento das crianças.

Mesmo assim, reconhecendo a carência de estabelecimentos especializados, instalei na ala de leitura de jornais algumas estantes de livros que são muito procurados pelos leitores infantis.

Demos uma volta pelo salão de leitura e verificamos que realmente não havia crianças, conforme nos informou um funcionário.

Lá em baixo, todavia, no salão de periódicos, alguns alunos de nossas escolas debruçavam-se sobre coleções de semanários infantis. Fizemos uma rápida "enquête" e os resultados, com uma única exceção, eram favoráveis à preferência pelas histórias ilustradas. A exceção a que nos referimos é a de Sócrates (pudera!) da Costa Monteiro, do Colégio Pedro II. É um leitor assíduo de Júlio Verne e de Monteiro Lobato e agora está se iniciando nas obras de Machado de Assis.

(Perdeu-se uma das vinte chapas feitas nesta reportagem. Por infelicidade, foi exatamente a do único leitor que nos falou em Machado de Assis).

Quanto aos demais, Heyder Leal, da Academia de Comércio, Luiz Dias, do Instituto Rabelo, e outros, se manifestaram "fans" ardorosos de Brucutu, de Zé Mulambo, do Fantasma e outros personagens da mesma família.

NA BIBLIOTECA CENTRAL DE EDUCAÇÃO

Dissemos acima que há falta de bibliotecas infantis no Rio, mas convém, por isso mesmo, ressaltar uma exceção que é a Biblioteca Central de Educação, da Secretaria de Educação da Prefeitura, localizada na avenida Venezuela, no andar térreo da Escola Vicente Licínio.

MAIS DIFÍCIL DO QUE UM RICO ENTRAR NO CÉU

Não foi fácil, todavia, penetrar com um fotógrafo ali dentro, porque não é fácil atravessar a muralha de restrições que barra a entrada dos profissionais da imprensa re-

(Continua na pág. 55)

POR enquanto, convinha a Skinner que Big Ed continuasse a viajar com ele. Estúpido como era, Big Ed sabia, no entanto, dirigir um carro melhor do que ninguém. E tinha também uma extrema facilidade para se orientar, mesmo através de zonas desconhecidas, descobrindo pelo faro as estradas certas, como se tivesse um verdadeiro mapa dentro da cabeça. Seria fácil livrar-se dele, mais tarde, quando tivessem passado os pantanos de Everglades e deixado aquela estrada, por entre canais, ganhando adiante a planície enxuta. Até então, o instinto de Big Ed para descobrir caminhos seria-lhe necessário. Skinner o havia quase esquecido, quando o carro fez uma volta brusca para a esquerda.

— Que idéia é essa, idiota? — Perguntou Skinner. — Será que você quer entrar na estrada principal?

— É isso mesmo, — disse Big Ed. — Esta estrada, em que nós vamos, pára num grande canal, um pouco ao norte. Temos de pegar a estrada grande, além de poder atravessar a ponte...

— Quer dizer que só há uma ponte? — perguntou Skinner, já meio alarmado e em voz áspera. — Foi isso o que eu ganhei por julgar que você era capaz de raciocinar! Dirigindo um carro que, de tão quente, está quase pegando fogo e envereda para um engarrafamento do tráfego, onde metade da polícia da Flórida deve estar à nossa espera!

— Talvez eles não estejam, — disse Big Ed, que, na sua estupidez, era sempre otimista. — Talvez eles não vejam o número da placa do nosso carro. Ou, se virem, talvez a placa não chame a atenção e eles não pensam que podemos estar já tão longe, tão ao norte. De qualquer jeito, há uma pequena cidade aí adiante... É uma cidade pequena e de ruas largas, mas talvez a gente possa trocar de automóvel por lá...

Skinner resmungou qualquer coisa, com grande irritação. Quando ele estava por conta de seiscentos diabos ficava sempre assim. E ele se irritava todas as vezes que Big Ed, com sua clássica estupidez, fazia alguma sugestão. Especialmente quando era forçoso que ele, Skinner, adotasse essa sugestão. Entretanto, consolava-se ao pensar que, se o plano desse certo, Big Ed não tiraria nenhum proveito dele. Skinner voltou-se para trás, sorrindo, ao lembrar-se de que ainda não havia feito a partilha do que haviam roubado na casa de jogo de Miami.

TINHA DE SER...

Conto Policial de HUGO MacNAIR KAHLER

— Pára antes de atravessar a faixa das luzes!

Big Ed inclinou a cabeça, em sinal de assentimento, e o carro embocou para um recanto ensombrado, onde havia uma enorme mangueira. Skinner tratou de apear-se.

— Espere aqui, Big Ed. Eu vou dar uma espiada por aí e depois volto...

— O. K., — disse Big Ed, acendendo um cigarro.

E, depois disso, reclinou a cabeça nas almofadas, tirando baforadas atrás de baforadas. Skinner sorriu. Tudo seria fácil, se encontrassem por ali um carro estacionado, sem o dono dentro. Ele andou pelas ruas, fingindo interessar-se pelas lojas modestas. Havia alguns carros estacionados ali perto, mas nenhum que pudesse justificar o risco de um roubo. Eram carros velhos, gastos, aos pedaços. Skinner cruzou a rua, à procura de melhor coisa, mas sem maior sorte. Mas, quando já estava de volta, viu um "sedan" negro, parado alguns passos adiante. As esperanças de Skinner reverdeceram. Ele caminhou lentamente, fingindo não ter visto o homem gordo que, vestido um terno de linho, começava a sair do "sedan". Ele passou por Skinner, com uma das mãos enfiada no bolso do paletó branco amarranhado. Skinner rumou ao lugar em que o carro parára, tentando dissimular-se por trás do veículo, caso o homem se voltasse para contemplá-lo. Entrou quase de um salto no carro e, nervosamente, puxou a chave da ignição. Ouviu, então, uns passos atrás de si. Era Big Ed, que dizia:

— Trancada, não?

Skinner não se deu ao incômodo de responder-lhe. Estava observando o homem gordo, que acabava de atravessar uma das portas iluminadas. Seu pensamento trabalhava ativamente. Talvez, apesar de tudo...

— Ouça, Skinner, — teimou Big Ed. — Eu tenho uma idéia...

— Cale-se, — disse Skinner, com impaciência. — Estou procurando pensar...

— Mas quer me fazer o favor de ouvir? — perguntou Big Ed, com certa ansiedade na voz.

— Você está comigo para receber ordens, — disse Skinner, peremptório. — Volte para o outro carro e fique lá até eu lhe dizer...

— Se se você ao menos deixasse que eu...

— Vá andando, seu idiota!

O tom de voz de Skinner não admitia mais réplica. E Big Ed tinha, além do mais, o hábito da abediência. Ele levantou os ombros, deu um muxoxo e saiu, a caminho do outro carro. Skinner, apressadamente, correu para a rua em que havia as lojas abertas e iluminadas. Correu para uma das portas, — a de uma barbearia, — por onde desaparecera o homem gordo. O dono do "sedan" estava afundado numa cadeira, a tesoura trabalhando no alto da sua cabeça e o paletó de linho pendurado num cabide.

— Dentro de cinco minutos eu o atenderei, — disse o barbeiro, enquanto Skinner tirava o seu paletó e punha no cabide.

Mesmo que estivesse olhando, o barbeiro não teria visto Skinner meter a mão no bolso do paletó do homem gordo, — exatamente o bolso em que o vira depositar a chave do automóvel. Depois de um segundo, Skinner exclamou:

— Bolas! Acho que deixei minha cigarrreira no carro...

Tirou o paletó do cabide, vestiu-o de novo e disse:

— Guarde a minha vez que eu já volto...

E saiu e caminhou silenciosamente, pela rua, procurando não despertar a atenção. Não havia ninguém perto do

(Continua na pág. 56)



de membros das outras comunidades protestantes menos importantes.

Os primeiros moravos foram enviados à "Costa Brava" no século XVIII, mas a missão católica não iniciou nenhuma atividade organizada em Surinam até quase um século atrás, quando o território foi levado à categoria de Vicariato Apostólico. A missão está a cargo dos Padres Redentoristas, e seus paroquianos igualam em número os dos Irmãos Moravos, tendo feito, como estes, muito também em favor da educação popular. Suas escolas, em número de 37, têm 7.400 alunos, ao passo que as escolas dos Moravos têm 5.350, e as do governo 7.480. As instituições católicas de caráter social e beneficente de Surinam são numerosas. O hospital mais moderno de Paramaribo, por exemplo, pertence à missão católica. Ambas comunidades estão também desenvolvendo uma magnífica atividade entre os leprosos, com tal dedicação que um dos primeiros missionários católicos enviados a Surinam, o Reverendo Padre Petrus Donders, sucumbiu quando a serviço daqueles infelizes.

Os católicos têm conseguido muitas conversões entre os índios peles-vermelhas, e tanto eles como os protestantes têm também obtido progressos entre os hindús e os javaneses.

Os judeus, embora pouco passem de um milhar constituem um fator sumamente destacado na vida cultural e religiosa do país, pois figuram entre os colonos mais antigos e têm exercido uma influência considerável no progresso da população crioula.

Os hindús formam uma comunidade étnica e religiosa forte e bem organizada, e, embora se orgulhem da cidadania holandesa que adquiriram, mantêm relações culturais não somente com a "Mãe Pátria", bem como com as comunidades de Demerara e Trinidad. O número dos maometanos aumentou notavelmente desde que se iniciou a imigração javanesa para Surinam, no período de uma geração.

Apesar da grande diversidade de crenças religiosas, as relações entre as várias comunidades não deixam nada a desejar. Quando, nos fins de 1942, foi realizada uma grande manifestação pública para protestar contra as atrocidades que os alemães têm infligido aos judeus, os dirigentes protestantes, católicos, mussulmanos, hindús e hebreus falaram da mesma tribuna e com o mesmo espírito de veemente indignação.

"TALKEE-TALKEE", "NINGRE", "NINEGRE-TONGO" OU "SRANAN-TONGO", AS QUATRO DENOMINAÇÕES DA LÍNGUA VERNÁCULA DO SURINAM

Tem quatro nomes a língua dos habitantes do Surinam, — a língua não oficial, é claro, porque a oficial é o holandês. Chamam-na os visitantes, "talkee-talkee". Os negros chamam-na "ningre", "ninegre-tongo" (linguagem dos negros) ou "Sranan-tongo" (linguagem de Surinam). Os holandeses chamam-na "inglês dos negros". Mas, como quer que seja denominado, "talkee-talkee", "linguagem Surinam" ou "inglês dos negros", trata-se de um idioma que evidentemente não é nem exclusivamente dos negros nem muito menos inglês.

Num interessante artigo sobre esse linguajar, diz o inspetor da Instrução Pública do Surinam, R. D. Simons, numa contribuição para o interessante trabalho "A Holanda nas Américas" (A Guiana e Curaçau):

"Esse inglês dos negros é a linguagem popular que se fala nas ruas de Surinam. Falam-na os negros, os índios, os hindús, os chineses, os javaneses, os portugueses, e os próprios holandeses. Mas, embora esse jargão seja falado por quase toda a população, podendo ser considerado como a língua universal das numerosas raças que habitam o Território, talvez não desempenhe um papel tão importante na vida social e cultural de Curaçau como o "papiamentu". Isso se deve ao fato de que, com exceção dos negros da selva, dos peles-vermelhas e de alguns emigrantes asiáticos mais recentes, toda a população de Surinam fala com desembaraço o holandês. O inglês dos negros da selva tem, entretanto, a mesma importância, na vida comercial corrente de Surinam. Contem palavras das línguas negras nativas, vindas diretamente da África, bem como termos franceses, portugueses, espanhóis, ingleses, holandeses e até hebreus, e é uma linguagem tanto gráfica como oral, na qual foi traduzida a Bíblia, servindo, ao mesmo tempo, para escrever canções, contos e histórias. Possui um grande acervo de provérbios e, o que é mais importante, tem história.

O inglês dos negros deve a sua existência às necessidades criadas pela importação de escravos, os quais começaram a chegar a Surinam no ano de 1650. Não somente os donos desses escravos precisavam de uma língua comum que lhes permitisse se entender com eles, mas os próprios escravos, vindos de diferentes partes da África, necessitavam também de um meio de expressão para que se entendessem entre si. Foi essa a origem do inglês dos negros. No princípio consistia meramente de uma combinação de palavras inglesas e vocábulos africanos. Mas logo, com a chegada de emigrantes de outras nacionalidades, foram-se-lhe incorporando, como é natural, termos de outros idiomas. E, como Surinam tem sido holandês continuamente quase durante 300 anos, acontece que o "inglês dos negros" de hoje em dia contém mais elementos derivados do holandês do que do próprio inglês. Aliás, é uma linguagem que está evoluindo continuamente. Por exemplo, na primeira edição da Bíblia, publicada em 1829, em Surinam, a palavra perdão é *dasnoit* (do inglês *that is nothing*, ou seja, não é nada); hoje, a mesma palavra é "perdon". Do mesmo modo, reunir-se, ou *to come together* em inglês, antigamente era *kem togedere*, e hoje é *kem makandra*, do holandês *markander*. Os derivados de todas as palavras do inglês dos negros não são, entretanto, tão fáceis de distinguir. Por exemplo, temos a palavra *barril*, que significa barril, que tanto pode ter procedido do inglês *barrel* ou do francês *baril*, português ou espanhol.



Tipo de menina de Paramaribo, capital do Surinam, a terra da bauxita. É uma descendente de asiáticos.

A ENCRUZILHADA DO MUNDO E DAS RAÇAS

O Surinam, que conhecemos pelo nome de Guiana Holandesa, e seu mosaico racial — Costumes e línguas daquele recanto setentrional da América do Sul — O Surinam e sua cooperação para a derrota do Eixo.

Nosso continente, há aspectos ainda bem pouco divulgados: mesmo em zonas vizinhas, em países limítrofes, em regiões confinantes, as quais, por isso mesmo, nos deviam ser, quando não familiares, ao menos superficialmente conhecidos. O Surinam, por exemplo, é um desses países inexistentes em que se passam operetado estranho e nada significa. Dá mesmo a idéia de um desses países inexistentes em que se passam operetas vienenses. Mas o Surinam existe, — e é o nome oficial da região a que chamamos Guiana Holandesa. Para muito, a Guiana Holandesa é um simples pedaço de mapa com um colorido diferente e do qual aprendemos, quando muito, as dimensões em quilômetros quadrados e a capital, Paramaribo. Essa região é, no entanto, uma das mais curiosas do nosso continente e ofereceu um valioso contingente à vitória das nações aliadas, com o seu principal material estratégico, a bauxita, de que se extrai o alumínio.

O MOSAICO RACIAL DE SURINAM

Povoada por descendentes de índios, por índios, holandeses, negros asiáticos etc., Surinam é um verdadeiro mosaico étnico e religioso, como se pode observar da seguinte estatística sobre os diversos credos pelos quais se distribui a sua população recenseada: Protestantes, 42.027; católicos, 27.124; judeus, 1.069; maometanos, 41.300; bramanes, 32.000; confucianos, 1.300. Para muita gente, sem dúvida será surpresa verificar que existe, na América do Sul, uma região na qual a religião católica perde para a maometana por mais de dez mil almas. A primeira religião a se instalar no Surinam foi a protestante, através dos irmãos moravos. A comunidade protestante dos irmãos moravos tem atualmente cerca de 30 mil membros. A Igreja Holandesa Reformada tem 8.600; na, ainda 3.800 Luteranos Evangélicos — quase um milhar



A esquerda, uma menina de sangue negro do Surinam, a encruzilhada do mundo e das raças; ao centro, um grupo de mulheres indús; à direita, uma mulher negra, com o traje "kotto missie", parecido com o das nossas vendedoras de quitutes.

Em geral, o inglês dos negros é uma das coisas mais interessantes, senão desconcertantes, de Surinam. Seus cultivadores, através dos anos, têm demonstrado possuir um verdadeiro engenho para ir ampliando o seu vocabulário. Encontramos, por exemplo, **hati hoso**, que quer dizer **hospital**, ou, mais literalmente, **casa da dor**; **tranga hede**, ou **obstinação**, literalmente **cabeça dura**; **laurieurie-fomlom**, ou arrependimento, literalmente **aquele de consciência**; o familiar caranguejo conhecido em inglês pelo nome de **violinista** (fiddler crab), se chama **odi odi botonam**, o que quer dizer **olá, olá, marinheiro** — porque, enquanto que os saxões vêm no movimento das patas do caranguejo algo que sugere os ademanes de um violinista como o seu arco, os negros de Surinam vêm nesse movimento uma saudação aos marinheiros que passam nas cercanias.

Ha detalhes que demonstram que os inventores do "talkee-talkee" tinham um acentuado sentido humorístico; um grante charuto chamam de **loutoe-joto**, cuja significação literal é **à volta da cidade**, isto é, um charuto tão grande que dá para ser fumado durante toda uma excursão pela cidade. Há a expressão com que se designa uma pessoa impaciente: **musra wanten wanten**, o que quer dizer, com muita ironia, **o senhor imediatamente imediatamente**.

Se os exemplos citados não são bastantes para mostrar o ágil espírito do "talkee-talkee", poder-se-ia fixar finalmente a atenção nos antigos provérbios, ou **odos**, de Surinam, em que um fanfarrão, para somente citar um exemplo, é objeto desta irônica expressão:

Secepatoe no habi wiwiri, a kari hem wefi kisi loso.

ou seja:

Em baixo, trecho da praça do governo, na capital do Surinam. Desde 1866, a Guiana Holandesa tem um corpo legislativo e, em 1937, passou a fazer parte territorial do reino. Em 1941, equilibrou o seu orçamento, deixando pela primeira vez em oitenta anos de receber auxílio do Tesouro da Holanda.

A tartaruga macho não tem pêlo, mas chama a sua companheira para tirar-lhe os piolhos".

ONDE A ÁFRICA, A EUROPA, A ÁSIA E A OCEANIA SE ENCONTRAM NA AMÉRICA

O Surinam, antigamente conhecido pelo nome de "Costa Brava", foi primeiro pisado pelo homem civilizado em 1593, quando ali desembarcou o espanhol Domingos de Vera, que tomou posse da região em nome do rei de Espanha. Mas, não existindo ali os tesouros fabulosos que constava existirem e se haviam tornado lendários, os espanhóis abandonaram os seus raros estabelecimentos e, em 1615, chegaram ali os primeiros holandeses. Estes estabeleceram uma pequena feitoria. Mas logo desanimaram, também, e partiram. Vieram os ingleses, em 1630, com um capitão, Marshall, à frente. Deram estes ao seu estabelecimento o nome de Thorarica e construíram um forte, para se protegerem contra os índios. Ou o forte era insuficiente e os índios os venceram, ou eles deixaram o Surinam, sem ficar de sua passagem maiores vestígios. Em 1650, voltaram os ingleses, com Lord Willoughby à frente e o capitão Anthony Towsen como vanguardeiro. Lord Willoughby fez tratados com os índios e proclamou Thorarica a capital do Surinam. Fez outros melhoramentos, mas em 1667, estalando a guerra entre a Holanda e a Inglaterra, os ingleses foram dali desalojados em represália pela tomada de Neus Amsterdam (hoje Nova York) pelos britânicos. Feito o tratado de paz, ficaram os ingleses na posse permanente da primeira praça e os holandeses na da segunda, o que prova bem a força dos arranjos diplomáticos britânicos... Entretanto Nova York, como

toda a Nova Inglaterra, se escapou das mãos dos ingleses, ao passo que o Surinam continua holandês...

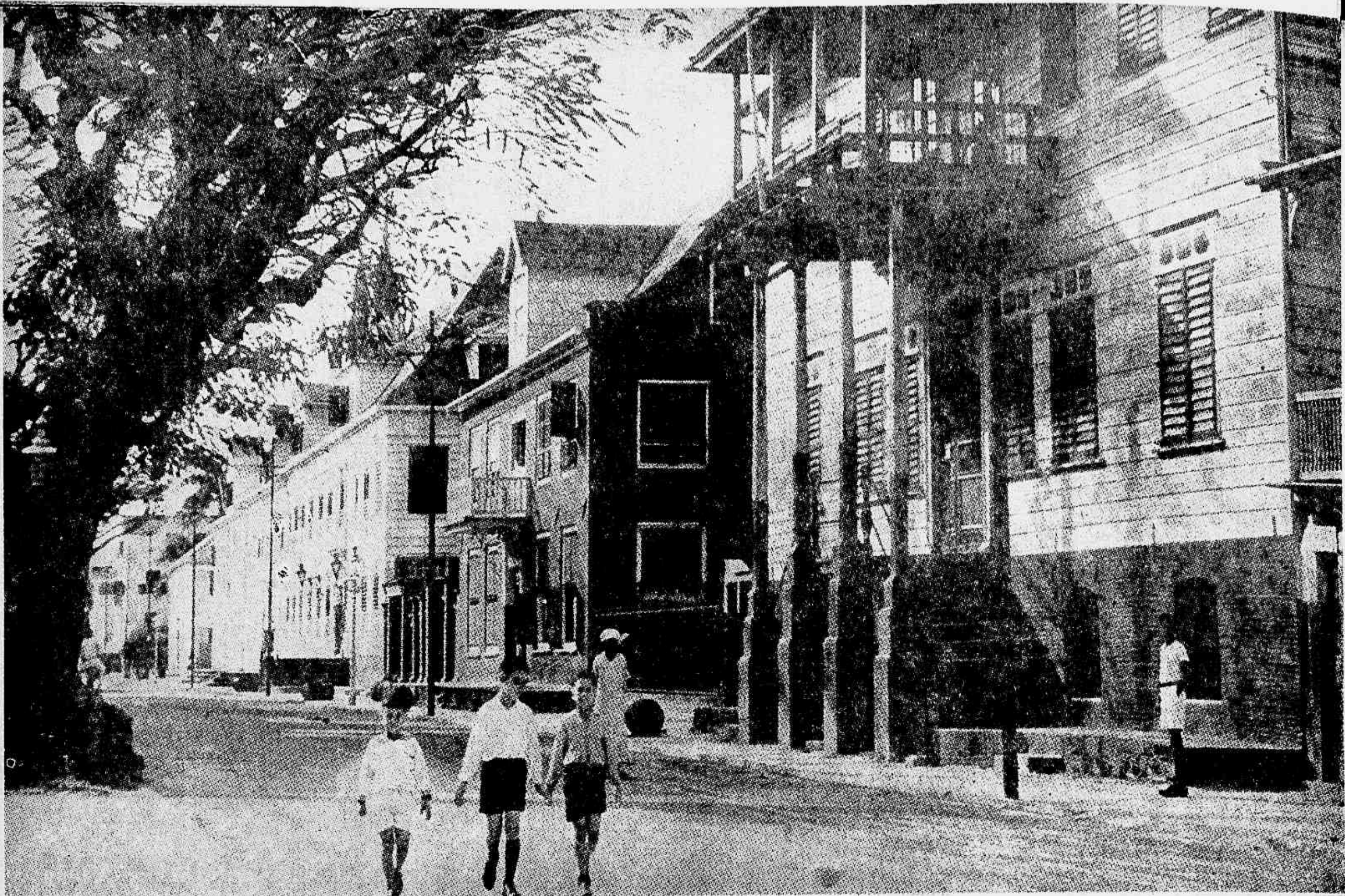
Habitado por holandeses e europeus de outras procedências, a população do Surinam foi engrossada, depois, por gente de todos os continentes. Com a escravidão africana, vieram grandes leva de negros.

Hoje, porém, a maioria da população de Surinam é asiática. Os emigrantes do Oriente vieram depois que os negros recuperaram a liberdade; seus ascendentes podem ter passado duras vicissitudes em seus países de origem, podem ter conhecido a humilhação e a opressão, as privações e a miséria — mas sua formação mental não se acha afetada pela herança latente da escravidão.

No transcurso dos oitenta anos de sua liberdade, a população negra e mulata de Surinam tem feito notáveis progressos, mau grado os inegáveis obstáculos decorrentes de seu passado. Desse grupo racial procedem quase todos os funcionários públicos e empregados de escritórios; muitos deles fizeram seus estudos na Holanda, e alguns têm se distinguido brilhantemente nas profissões liberais, ao passo que, como trabalhadores manuais, todos desfrutam de uma reputação excelente.

Os hindús, por parte, com sua grande tradição cultural, se destacam dos outros elementos raciais em alguns aspectos. Dotados de uma aptidão especial para o comércio, e de uma extrema parcimônia, muitos deles têm conseguido consolidar florescentes estabelecimentos de venda a varejo, em que ganham muito dinheiro. São, também, ambiciosos e trabalhadores, e são inúmeros os professores, advogados, médicos e autoridades intelectuais da segunda e da terceira geração de emigrantes hindús. Em sua grande maioria se dedicam à agricultura, na qual, em conse-





A nova geração do Surinam e um recanto da cidade de Paramaribo...

quência de sua sobriedade e robustez física, prosperam tanto quanto as circunstâncias o permitem. Mantêm-se estreitamente ligados entre si pelos laços religiosos — hindus, da maioria, e maometanos, da minoria. Seu sistema de castas, embora não se pratique em uma coletividade tão reduzida, serve de fundamento da sua ordem social, que não apresenta os aspectos desagradáveis e rígidos existentes na Índia. Seus "pandits" são, em Surinam, seus dirigentes morais e intelectuais, alguns dos quais têm uma extraordinária cultura, com um conceito claro do que representa essa coletividade holandesa para os descendentes

dos hindus que nela ingressaram tempo atrás como simples trabalhadores braçais.

Os javaneses, cuja imigração para Surinam data somente de uma geração, não têm podido, como é natural, colocar-se como grupo em situação de influência comparável à dos hindus. Quase todos se dedicam à agricultura e à horticultura, em que se destacam como os melhores trabalhadores que se podem encontrar. Constituem um povo afável, de grande simpatia, que, em sua terra natal, criou obras de arte maravilhosas, mas que, "no vasto campo de batalha do mundo", não possui, talvez, as mesmas

qualidades de realização dos energicos hindus; não tem a parcimônia nem o espírito comercial necessários, de modo que seus componentes não se encontram em condições de lograr êxito material na vida. Os javaneses desfrutam, entretanto, de um alto conceito, como trabalhadores agrícolas, especialmente nos campos de arroz e nas plantações de açúcar. São, por natureza, de um caráter nostálgico, fato que não surpreende a ninguém que tenha visitado uma só vez a maravilhosa ilha de onde procedem. O Governo

(Continua na pág. 54)

A esquerda, uma mulher indú da alta sociedade de Paramaribo; à direita, uma negra dos quilombos da selva, com o filho ensacado às costas.





NORTH Richmond Street era um saasegado beco sem saída, exceto à hora em que a Escola dos Frades soltava na rua a meninada. Destacava-se no fundo do beco uma casa de dois andares, desabitada e isolada dentro de um quadrado de terreno. As outras casas, cõscias de abrigarem gente digna e honesta, enfrentavam-se, imperturbáveis e carrancudas.

Antes de nós, morava na nossa casa um padre, que morrera na sala dos fundos. Respirava-se em todos os aposentos, fechados por muito tempo, um ar bolorento e no quarto de despejo, atrás da cozinha, amontoava-se uma papelada velha e inútil. Entre esses papéis descobri algumas brochuras, cujas folhas a humidade encrespava: "O Abade" de Walter Scott; "O Comungante Devoto" e "As Memórias de Vidoc", meu livro predileto, por ter as páginas amareladas. No centro do jardim abandonado, que ficava por trás da casa, crescia uma macieira entre notícas rasteiras e numa delas encontrei uma bomba de bicicleta enferrujada, pertencente ao antigo locatário, indivíduo extremamente caritativo, que legara todo o seu dinheiro a instituições pias, e os móveis da casa à irmã.

Nos dias curtos de inverno, escurecia antes do fim do jantar e, quando a criança se reunia lá fora, as luzes das casas já estavam apagadas. Sobre as nossas cabeças estendiam-se uma neza de céu roxo furta-côr para a qual se erguiam da rua, bruxoleando, os postes de iluminação. Brincávamos ao ar livre, e acabávamos alagados em suor. A nossa gritaria ecoava na rua silenciosa. Atravessando nessas brincadeiras desertificadas, campos escuros e lamacentos que ficavam por trás das casas, desafiávamos a moleza da subúrbia correndo ao longo das cercas dos úmidos jardins sombrios de onde se evadava o perfume de barralho e dos muros das estrebarias escura e cheirosas, onde um ou outro cocheiro alisava o pelo e as crinas dos cavalos fazendo tinar os metais dos arreios. Ao voltarmos para a rua a luz acesa nas cozinhas branqueava os quintais. Caso avistássemos tito vi-

rando a esquina, escondíamo-nos prudentemente na sombra, até que sumísse na casa. E, se a irmã de Mangan chegava à soleira chamando-o para o chá, espriavamos sorrateiros ela percorrer a rua com o olhar, vendo se persistia ou tornava a entrar. No primeiro caso, saindo do esconderijo, encaminhavamo-nos resignadamente para a casa de Mangan. Elas nos esperava no patamar e seu vulto delineava-se na claridade da porta entreaberta. Mangan obedecia-lhe resmungando invariavelmente e eu encostado à grade, ficava a contemplar-lhe o vestido oscilando ao menor movimento e as tranças sedosas balançando de um lado para outro.

Todas as manhãs, estendido no chão da sala da frente, vigiava-lhe a porta da casa, baixando porém cuidadosamente a veneziana, deixando apenas uma fresta pela qual via sem ser visto. O meu coração pulava quando ela surgia na soleira. Correndo então, ao vestibulo e agarrando os livros, seguia-a de longe, sem nunca perder de vista aquele vulto vestido de marrom. Chegando ao ponto em que os nossos caminhos se separavam, picava o passo e passava-lhe à frente. Assim fazia todas as manhãs. Trocara com ela uma ou outra frase banal e no entanto bastava ouvir-lhe o nome para sentir o sangue ferver-me nas veias.

Evocava-lhe a imagem nas mais prosaicas circunstâncias. Aos sábados, à tarde, minha tia costumava ir à feira e eu acompanhava-a para ajudá-la a carregar os embrulhos. Percorriamos as ruas iluminadas, esbarrando em bêbados, em vendedoras, ouvindo pragas dos lavadores, os pregões esganados dos caixeiros, montando guarda aos barris cheios de cabeças de porco, e a voz fanhosa dos cantores de rua, entoando um hino em louvor a O'Donovan Rossa ou cantando alguma balada inspirada nas vicissitudes da nossa terra natal. No entanto, através desses ruídos todos, uma única sensação me dominava: e eu seguia impávido como se levasse o Calix a salvo, através uma multidão de inimigos. Por vezes o

nome dela desabrochava-me dos lábios em estranhas preces e em cânticos que nem eu mesmo entendia. Meus olhos se enchiam frequentemente de lágrimas (não saberia dizer porque) e às vezes subia-me do coração uma onda de emoção penetrando-me até o âmago do ser. Pouco me preocupava o futuro. Nem sequer pensava em falar-lhe um dia, exprimindo-lhe a minha confusa adoração. Sobre as cordas do meu corpo, transformado em harpa sonora vibravam as palavras e os gestos dela.

Entrei certa tarde na sala dos fundos, onde morrera o padre. O tempo estava escuro e chuvoso. Nem um ruído em casa. Por um dos vidros quebrados, ouvia a chuva zrivando incessantemente de agulhadas a terra encharcada dos canteiros. No andar de baixo uma lâmpada iluminava uma janela distante. Mergulhado naquela deliciosa escuridão propícia aos devaneios, murmurando várias vezes: — "Oh! Amor, amor!"

Mas um dia enfim ela falou-me. Ouvindo-lhe as primeiras palavras, fiquei tão atropalhado que nem lhe sou-

(Continua na pág. 48)

ARÁBIA

Conto de JAMES JOYCE



A esquerda: Zinka Milanov melhorou cem por cento... A direita: Kurt Baum — este continua importunando.

GRANDEZA E DECADENCIA DE UMA CANTORA

A temporada lírica vai arrastando suas réctas pelo palco corcomido do Teatro Municipal, aproximando-se de seu fim melancólico. Chegará, então, o momento do balanço, a pesagem dos prós e dos contras e a decisão definitiva: que tal foi a série de espetáculos?

Após a investida wagnero-debussy-straussiana, logo de início, assustando alguns assinantes e afugentando, definitivamente outros, a direção resolveu trilhar caminho mais seguro e passou a valer-se das velhas, mas sempre vitoriosas melodias italianas. Voltaram Verdi, Puccini, Gounod, com característica elegância gauleza serviu de veículo a Bidu Sayão, em plena forma.

É conveniente observar, entretanto, que a volta dos filhos pródigos ao velho amor italiano não se revestiu das condições habituais de sucesso. Assim, Ballo in Maschera, que servira para provocar uma das maiores ovações de que temos recordação, grande sucesso pessoal de Leonard Warren, esteve, este ano, entregue aos esforços de Kurt Baum, da-

A "réntree" de Maria Caniglia — Aida, mas não Celeste — onde a voz se despede da partitura... — Um negro, um susto e uma corrida...

Roberto Lyra Filho

(Especial para a REVISTA)

Margaret Harschaw, que tem se mantido firme desde a estréia, sabe valorizar todos os seus desempenhos com as mesmas seguras qualidades de canto e atuação dramática. Voz extensa, de belo timbre, empregada com inteligência, riqueza de colorido e precisão de fraseado.

AIDA, MAS NÃO CELESTE

Assim foi Ballo in Maschera. Mas agora nos aproximamos da inteliz estréia de Maria Caniglia. A ópera — Aida — e a fama de Caniglia tinham contribuído para criar um ambiente de expectativa em torno da sua apresentação. A lembrança de outras temporadas leva-nos a esperar muito. Talvez isso tenha contribuído um pouco para a impressão desastrosa que ela nos causou. O fato, porém, é que a estréia

tado de possante órgão, bons pulmões, propícios aos berros retumbantes, e Gino Bechi, que veio da Itália precedido de uma propaganda que agiu em sentido negativo. Dava-o — nada mais nada menos — como o único verdadeiro sucessor de Titta Ruffo. Uma claqué organizada e disposta em pontos estratégicos não conseguiu, contudo, despertar o entusiasmo do público, refratário a tais manifestações "espontâneas".

Salvou-se do team que lutou esportivamente em Ballo in Maschera, a arte de Zinka Milanov, que depois de ter falhado na última hora, a uma temporada, voltou ao Brasil, demonstrando ter aproveitado bem os anos de ausência, corrigindo os defeitos antes tão graves e que agora se acentuaram a ponto de só podermos citar algumas ligeiras imperfeições: um ou outro agudo estridente,

seu renome, seríamos capazes de jurar estarmos diante de uma cantora experiente, cuja voz não dava maior rendimento em virtude das deficiências técnicas, facilmente sanadas com a intervenção de um professor de canto... Parecemos, na verdade, um desses talentos que surgem em condições adversas e se impõem, menos pelo perfeito acabamento de suas interpretações, do que pelo potencial inaproveitado que revelam. Os agudos, alcançados com dificuldade — nem sempre alcançados... — os graves trovejantes, abruptamente, um fraseado irregular, pianíssimos mal emitidos — ou não emitidos... — onde terá ela escondido a sua arte? Mistério.

GRITOS, CORRIDAS E O RESTO

Kurt Baum repetiu sua intervenção de assustado estranho com muita dificuldade um sucesso que foi menos de cantor do que de piloto... A Celeste Aida, o famoso Sacerdote do Resto a Te, foi, em consequência, preparado visando

eleito não propriamente artístico. Nos momentos indicados, todos e manjões como culminantes, fontes das exaltações espetaculares. Rara, entretanto, seria a conta que se dá. Lá vai! — e brava, então, ao seu quarteto a gala ou o erro.

Notava-se, portanto, que, indo ao Teatro na melhor das disposições, o público pouco a pouco se impacientava.

No segundo ato, a cena da vitória transcorreu com muita ostentação. Ouviu-se os comentários dos coristas: zum zum perturbador. A famosa parada dos vencidos provocou risadas da parte do público. "Ridículo"... comentava-se. Mas o pior ainda estava por vir: um bailado conleccionado pelo sr. Yucco Lindberg coroou o fracasso. Que fazia um bailarino da qualidade de Nathaniel Stoudenmire no meio daquilo tudo? Displacientemente, desincumbiu-se da sua curta intervenção coreográfica, que exigia muito pouco dos seus recursos de intérprete.

O TERCEIRO... FOI DE MAIS

No terceiro ato, instalou-se solenemente, o absurdo tomando conta de tudo e presidindo o espetáculo, parece que preparado sob seus auspícios. Maria Caniglia teve a sua oportunidade — com a ária O Patria Mia... — e perdeu-a. Pior, muito pior do que o **Ritorna Vincitor**. Aconselhável seria, até, que ela lesse a partitura afim de verificar quantas vezes se divorciou da música de Verdi para improvisar, por sua conta e responsabilidade...

Quando terminou a ária, Caniglia ingressou impetuosamente na série de duetos, com arrebatamentos que a levavam ora a deixar atrás a orquestra, ora a "ver passar" os compassos, com mimica expressiva.

Gino Becchi, pintado de negro, numa "maquillage" exagerada. De acordo com a aparência, foi o canto. Um berro era o sinal para a claqué. Esta prorrompia em aplausos. E o público, indignado: Psiu!

SALVOS DO DESASTRE

Evidentemente tudo não poderia ser mal feito naquele espetáculo, uma vez que ele contava com a presença de Giacomo Vaghi, que emprestou a serena imponência de sua figura e voz ao sacerdote Ramfis. É preciso não deixar passar, também, sem uma referência elogiosa, Margaret Harschaw que, como Amneris, colheu a maior parte dos aplausos verdadeiramente sinceros da noite.

No primeiro ato, o tenor canta a celeste Aida, refere-se, extático, à sua beleza, declarando que Aida é "um raio de luz e flor". Reportando-se ao libreto comentou um espectador que entendia perfeitamente o raio de luz dos refletores, mas ainda não conseguira desvendar o enigma do "raio de flor", a não ser que se tratasse de um lusitano "raio de Flor!" restando, ainda assim, descobrir se a flor aludida era uma eufemismo de que Radames lançava mão para referir-se à sua amada.

Enquanto no palco se multiplicavam os tropeços, o espírito do público se exercitava em vivos comentários. Assim, disse alguém:

— Ora bolas! Eles morrem dizendo que o céu está se abrindo para que suas almas penetrem... E nós? Celeste Aida... Céu aberto... Mas isso aqui foi um inferno! Quem não dormiu ficou sacateado...

A direita: Leonard Warren — este deixou saudades



ZACARIAS PROVIDOR

O Rio de Janeiro urbano é cada vez menos vetusto. Astando-lhe antiguidade restam-lhe alguns edifícios característicos do seu passado. Estão à espera de rasoira em cidade taxada de "maravilhosa". Na década de 1930, lá estavam as maravilhas, talvez em contradição com os raros jarrões.

Entre os poucos testemunhos do antigo carioca resta uma constituição multi-secular, de fóros históricos em Portugal e continuada no Brasil.

Os primeiros provedores do Rio de Janeiro foram os primeiros irmãos da confraria da Misericórdia. Opinião de Vieira Fazenda, opinião de peso em história carioca, tanto para acertar o probro cronista leu e interpretou docilmente.

Datou Vieira Fazenda de 1581 a fundação de primitivo hospital da Misericórdia, datando de 1584 a celebração de auto à porta de igreja também da Misericórdia, auto aquele descrito por Fernão Cardim na pitoresca linguagem do tempo.

Organizando lista dos provedores da Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro, Vieira Fazenda a fez vir de 1605, albrindo-a com o nome do governador Martin Corrêa de Sá cuja memória a irmandade da Santa Cruz dos Militares até hoje venera. Sufraga-lhe a alma todos os anos, por muito que pareça isto espantoso em época atual, tão oposta à honrosa e legítima vida brasileira tem vivida sem possibilidade de revivência. O gosto simio de imitar nos é atribuído por viáveis de centinente.

Voltando a Brasil e pois ao seu legítimo Rio de Janeiro encontramos o extenso rol dos irmãos da Santa Casa de outros nomes que enterdem com a litoria pátria.

Eis um, o de Zacarias de Góes e Vasconcellos, que, cedo, até desde estudante, foi crescendo em estima geral para chegar ao conecimento de paiz inteiro.

Admitido irmão da Misericórdia do Rio de Janeiro era Zacarias, a 11 de Julho de 1865, eleito membro da anualmente renovada administração da Santa Casa, cabendo-lhe nela o cargo de mordomo dos presos.

Servia então de provedor o marquês de Abrantes, que ao subcrever atas de sessões da Santa Casa reduzia assinatura a um simples *M. d'Abrantes*.

A 11 de Julho de 1865 também se via eleito mordomo dos presos José Ildefonso de Souza Ramos, já senador do Império, como Zacarias, mas ainda não barão das Tres Barras, por fim visconde de Jaguaray.

Ficou Zacarias em boa companhia, de igual a igual, cumprindo explicar o que vinha a ser o cargo de mordomo dos presos.

O compromisso originário da Irmandade impunha aos membros da confraria a execução das Obras de Misericórdia, uma a de visitar enfermos e encarcerados.

A visita a estes, rezava o compromisso, assinalava obra de grande merit, tico, és

encarcerados "pelos maiores dos infelices, nunca demagado o consolo e auxilio que se lhes devia."

Assim se pensava em 1608.

O compromisso da época prescrevia aos irmãos presos o dever "de visitar prisões, não deixando ao desamparo os doentes acidentais, os não reincidentes, os menores, os injustamente detidos."

Para tanto aconselhava o compromisso, "fess em evides os encarcerados, atendidos conforme a culpa, a idade, os antecedentes, o alandono em que se achassem."

Os mordomos dos presos "tomariam os nomes dos réus e os esclarecimentos necessários para se lhes atenuarem os males pela melhor forma."

O Compromisso da Misericórdia, em antes a Assistência Judiciária Cristã de 1608, reconhecia "penas e delicadas" as obrigações dos irmãos mordomos dos presos.

Ficasse-lhes perem na lembrança que o de em perdo exato do cargo constituiria "uma das cousas de particular menção quando Jesus Cristo os julgasse em sua final sentença."

Executado à risca o programa humanitário do século XVII, a sociedade que o praticasse ferrar-se-ia às queixas dos desherdades da sorte, como sempre justamente revoltados com os abusos e crimes impuros dos que na presunção de escol se julgam acima da lei.

E' impossível verificar se o compromisso da Misericórdia em relação a encarcerados foi obediência de continuo. Dada a natureza humana é preferível pensar que sim, o cargo de mordomo dos presos hoje inteiramente banal.

Pouco depois da eleição de Zacarias para a Mesa da Misericórdia, falecia o marquês de Abrantes, deixando vaga automaticamente prececlia. Te recordo com o compromisso, tomava cargo a segunda pessoa hierárquica da Santa Casa, o seu escrivão, no momento o conselheiro Ant nio Rodrigues Fernandes Braga, encarregado de completar mandato do ano compromissal em curso.

A 8 de Julho de 1866 procedia-se à eleição de provedor da Misericórdia, Zacarias para tal posto unanimemente sufragado.

O novo provedor, a 5 de Agosto de 1866, organizava gabinete, terceira vez presidente do conselho de ministros.

Passou a acumular dois cargos de relevo, um transitório, o outro permanente na confiança de irmãos. Zacarias ministro de Estado e ministro da Caridade, para tanto feita a provedoria da Santa Casa nas suas altas e aldréticas funções de assistência social toda gratuita.

Cabeça de um dos grandes ministerios da monarquia, qual o 5 de Agosto de 1866, Zacarias desdobrou-se em atividade no acudir ao perido mais agudo da guerra do Paraguai, assistido o presidente do conselho por dois ministros civis, as pastas da Guerra e da Marinha em mãos de Paragnã e Alvaro Celso.

Administrando negocios do Estado, geria Zacarias também os da Santa Casa, sem e quecer a atenção que, membro do poder executivo, devia prestar ao poder legislativo, à critica do qual se submetiam os ministerios, as oposições parlamentares permanentes comissões de inquerito em razão da defesa dos interesses públicos.

A Constituição do Império exigia a idade mínima de quarenta anos para ser senador, a mesma idade exigida para provedor pelo Compromisso da Santa Casa, Constituição mais modesta.

Senador aos quarenta e nove anos, era Zacarias provedor aos cinquenta e um anos, pr iliu eleição de qualquer irmão da Misericórdia antes do primeiro ano de admissão na irmandade.

O maior dos provedores da Santa Casa ficou sendo José Clemente Pereira. Bem de perto lhe conheceu Zacarias o celebrando prefinio todo a favor da Misericórdia de tanto desdobrar de administração em hospitais, alios, e nosples.

Os serviços de Zacarias provedor no Rio de Janeiro, nas epulenias de fel re anarela de flagelo à cidade, foram inimitáveis sobretudo na epidemia de 1876.

Tendo estudado a administração Zacarias na Santa Casa, de 1866 a 1877, data da morte do grande provedor muita coisa encontramos em alano dele no precioso e despretido arquivo da Santa Casa.

Fneceu-nos um officio de Zacarias ao ministro da Marinha, conselheiro Pereira Franco, officio de proprio punho, do provedor, com bella pagina encando a supplica de alguém esperando a morte talvez em plena vida!

Expedido ha setenta anos, o seguinte officio comove todo coração generoso:

Senhora:

O soldado do Batalhão Naval, Undeino Ferreira Lima, condemnado à morte, dirigio per intermedio do Commandante do Corpo a que pertencia, uma carta à Administração da Santa Casa da Misericórdia da Corte pedindo-lhe que implorasse a Vossa Alteza Imperial a commutação da pena que lhe foi imposta.

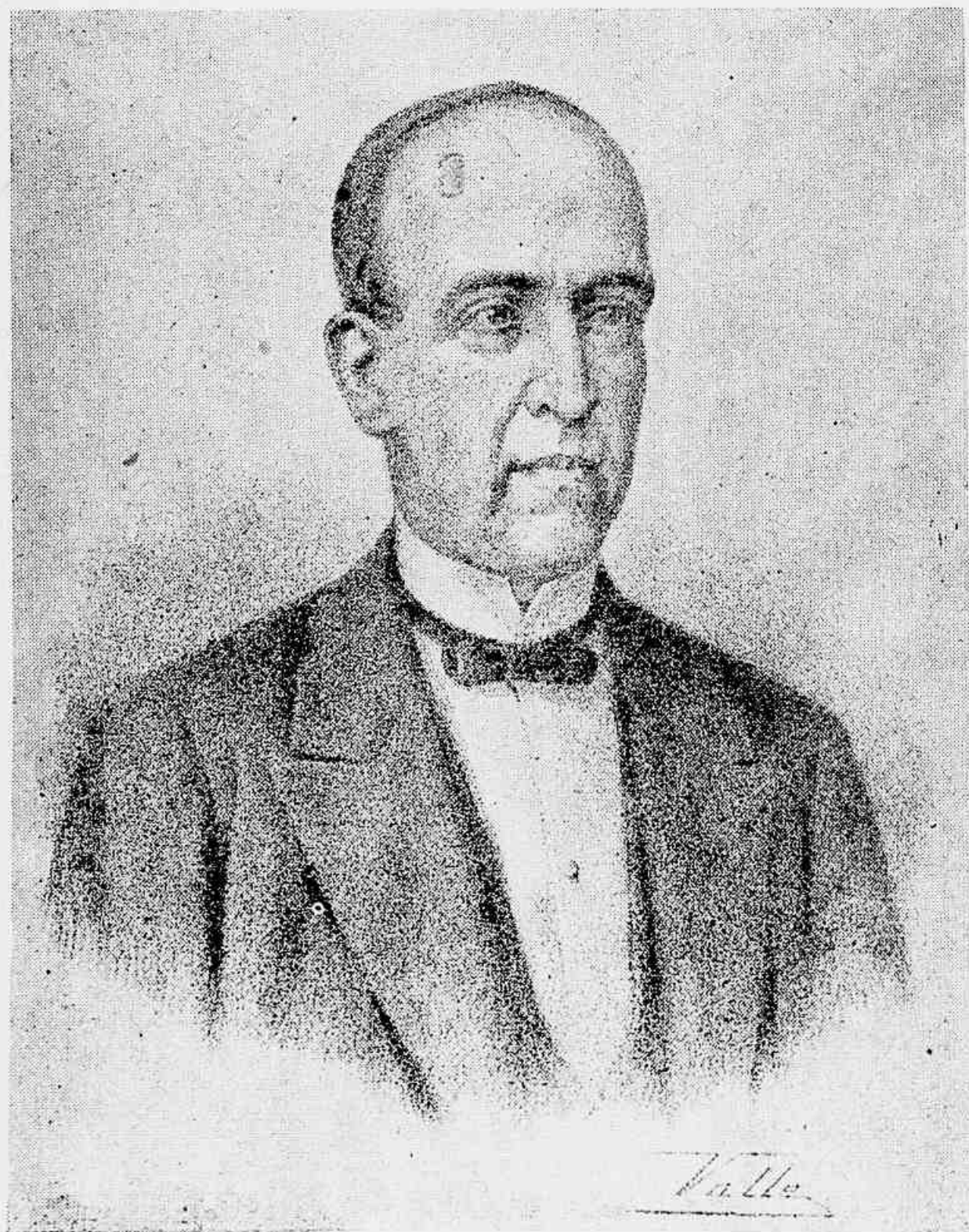
Em tal conjunctura, Senhora, a Administração da Santa Casa não tendo conhecimento do facto nem das suas circunstancias, julga todavia checar de consciencia, não recusando ao infeliz que se achava em tão afflictiva situação a caridade de interceder ella perante a clemencia de Vossa Alteza Imperial.

O abaixo assignado, fiel interprete dos sentimentos da Administração da Santa Casa da Misericórdia da Corte confia que Vossa Alteza Imperial faça como sempre justiça.

Rio de Janeiro, Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro, em 15 de Setembro de 1876.

Zacarias de Góes e Vasconcellos.

D. Pedro II, praticamente, aboliu a pena de morte no Par II, não de crer que a regente do Império, D. Isabel, cristã e moça, deign se deontender à supplica do soldado naval enzaninhada pela Misericórdia, adojando clemencia.



CONSELHEIRO ZACARIAS DE GÓES E VASCONCELLOS
PROVEDOR DA SANTA CASA DE MISERICORDIA DO RIO DE JANEIRO DE 1867 A 1877

ESCRAGNOLLE DORIA



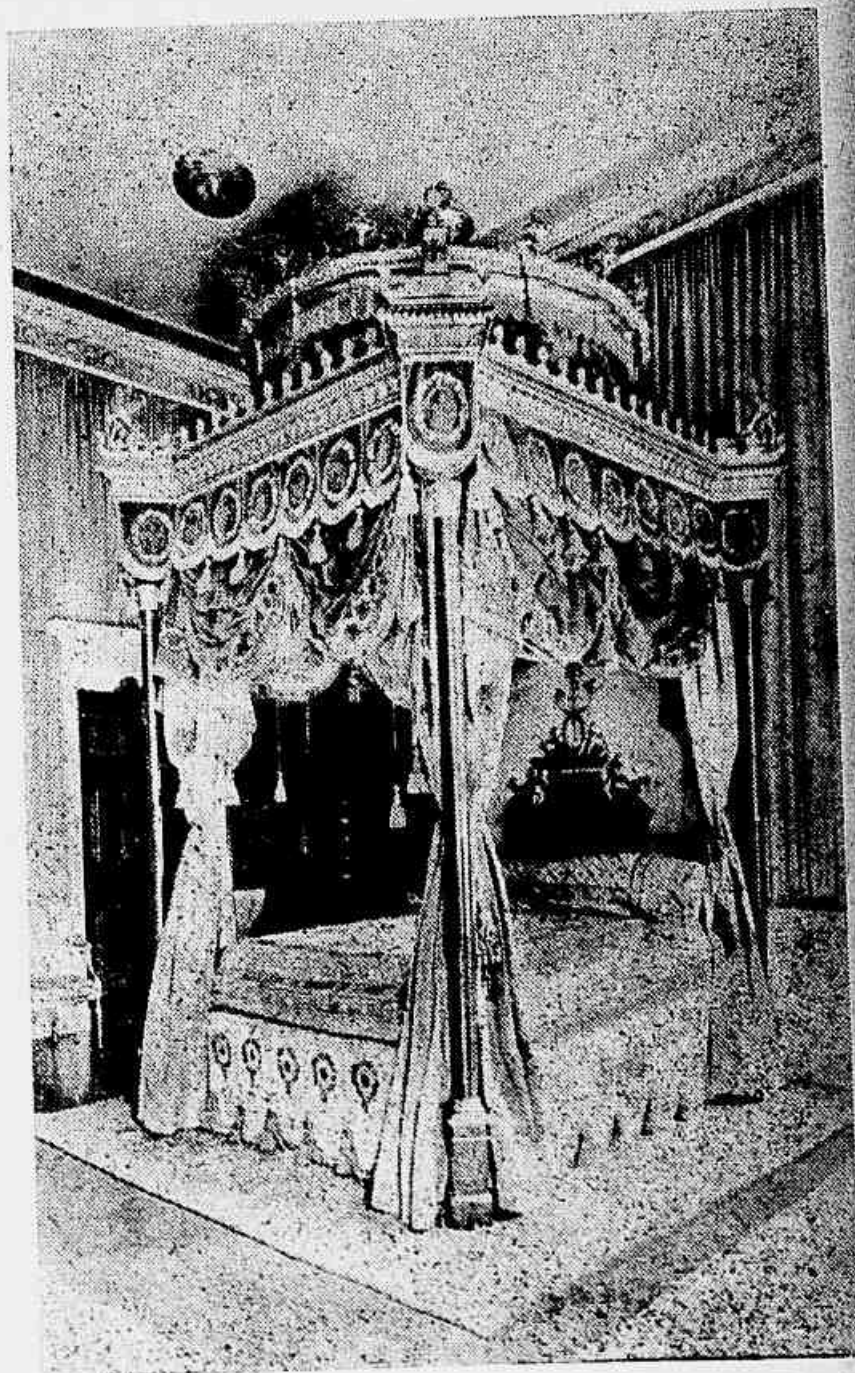
O ESPLENDOR DO PERÍODO ELISABETEANO

A oferta generosa que Lord Jersey fez ao National Trust, doando-lhe o Parque Osterley, veio acabar com os temores existente relacionados com o futuro daquela famosa mansão, cujos arredores principiaram a ser engolfados, antes da guerra, pelo rápido desenvolvimento da cidade de Londres. Juntamente com a Mansão Syon e o Solar Kenwood, esta é uma das três grandes casas dos limites da cidade de Londres que ilustram a notável engenhosidade e a soberba versatilidade de Robert Adam, arquiteto e decorador. O fato de que todas as três permaneçam intactas com todos os seus acessórios e pertences, incluindo-se os móveis desenhados pelo próprio Adam e seus contemporâneos, é motivo de gratidão e alegria, pois muitos de seus trabalhos idênticos foram destruídos pelas bombas inimigas nesta última conflagração. Osterley uniu-se à Kenwood, passando para a propriedade pública como um dos tesouros arquiteturais da nação.

Conforme o acordo proposto, ao lado da mansão, cerca

de 320 acres do parque serão doados ao Trust, e parte daquele será oferecida às vilas circunvizinhas de Heston, Isleworth e Southall, com a finalidade de ser transformada em campos de tennis. Lord Jersey lega ao Trust os móveis originais e a esplêndida coleção de obras de arte, sem os quais o edifício seria nada mais do que uma bela concha marinha despida de pérolas.

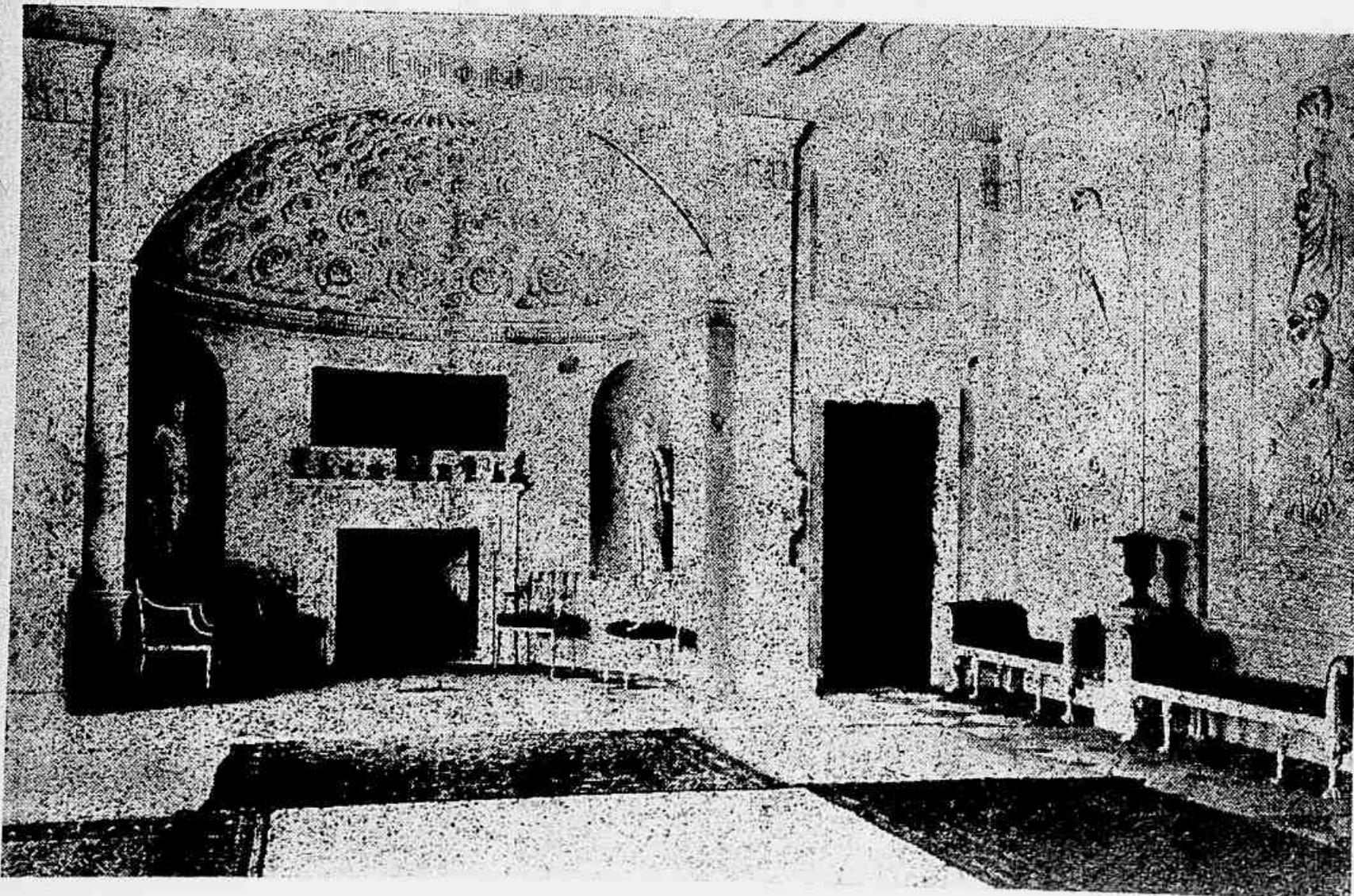
A seu tempo, a mansão será aberta ao público novamente, assim como o foi antes da guerra, quando já tinha começado a atrair grande número de visitantes. Que isto não possa acontecer por alguns meses ainda, é devido a um fato que teria deixado surpreso Sr Francis Child, o banqueiro caso ele pudesse ter visualizado o futuro quando adquiriu a propriedade nos dias da Rainha Ana. Durante a conflagração, por uma daquelas oportunidades que levam a continuidade em feliz sucesso, apesar de todas as mais distintas revoluções de nossa vida, a casa que o banqueiro comprara para servir de retiro no campo, serviu para o mesmo propósito, porém para os empregados de seus sucessores, pois foi ocupada por ramos da Glyn



Ao alto, o Grande Portico do Parque Osterley, e à direita, o leito pomposo, ornado com setim verde, legítimo estilo elisabeteano, que se encontra no famoso "palácio dos palácios", de Londres.

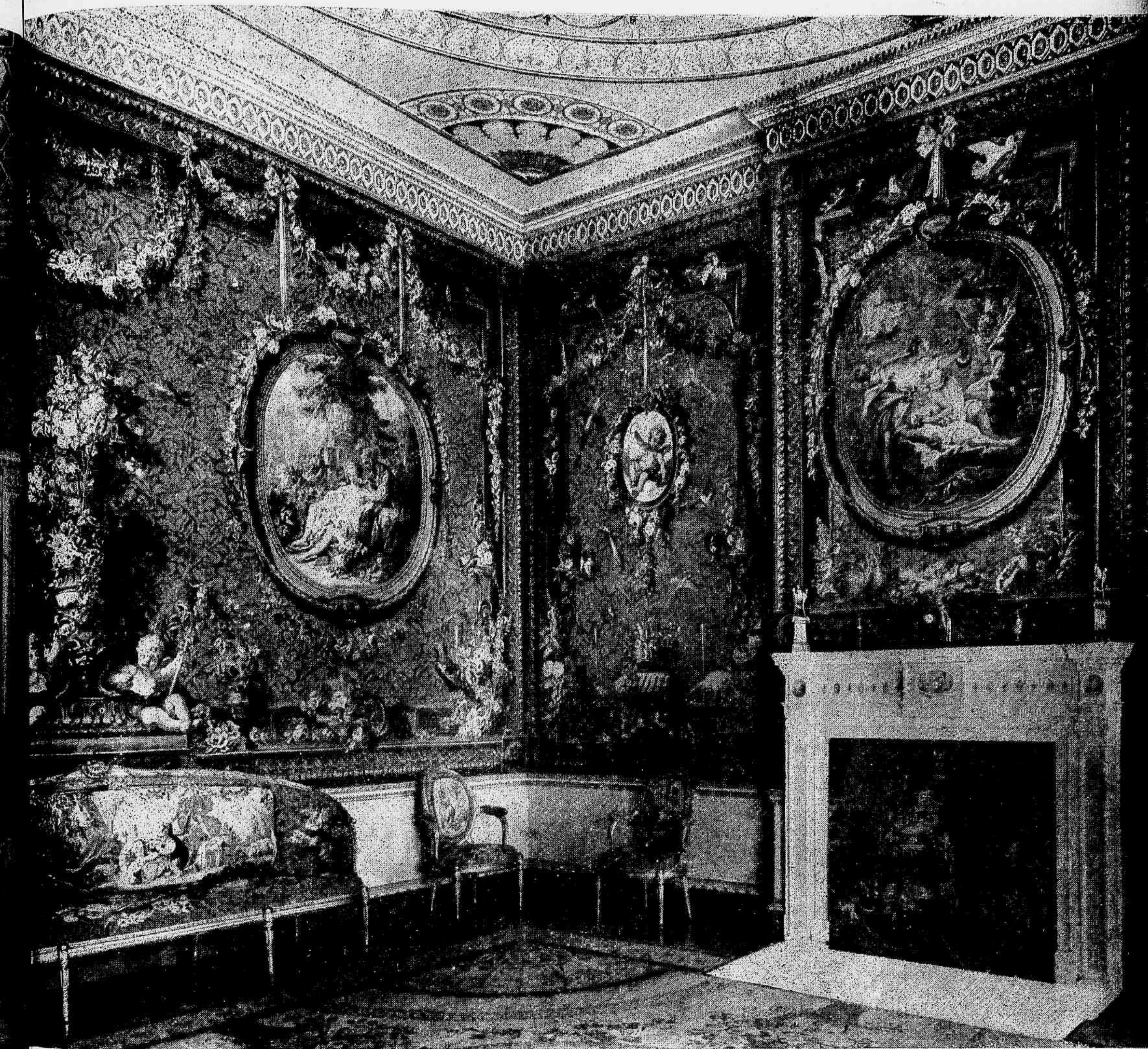


A Sala de Recepção (na gravura superior), vendo-se o retrato de Robert Child, de autoria de Reynolds. — O Saguão, decorado no estilo característico de Adam. Há no interior do Parque Osterley, uma coleção de pinturas preciosas, que também inclui o célebre retrato equestre do Duque de Buckingham.



Mills & Co., na qual fundiu-se o banco de Child. Esta disposição provisória terá de continuar ainda alguns meses, mas espera-se que algumas de suas salas serão liberadas muito em breve. O Parque deve estar muito vívido na memória dos jovens da Guarda Nacional que realizaram cursos de Comandos ali, nos dias negros de 1940, de maneira que entre as atrações futuras, para aqueles veteranos, estará a de pôr em campo suas batalhas novamente, em retrospecto simbólico no local antigo.

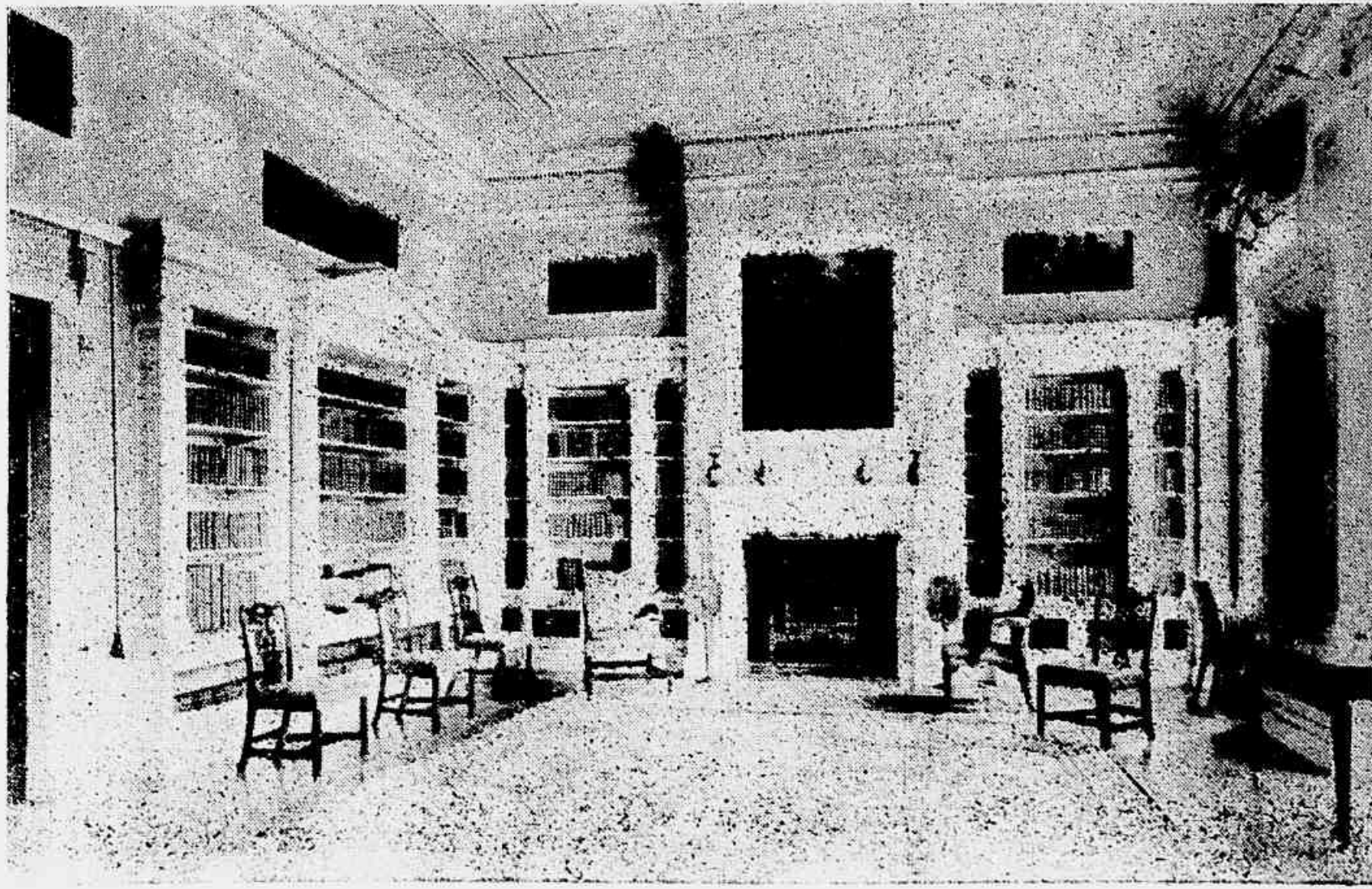
Como aconteceu com a Mansão Syon e o Solar Kenwood, Robert Adam foi chamado para remodelar um edifício existente em Osterley, uma vasta construção elizabetana, que muito dificilmente poderia ser considerada própria para o embelezamento artístico. A estrutura foi erigida ali, no século dezesseis, pelo grande comerciante e financista Sir Thomas Gresham, e seu aspecto exterior era o das paredes alegres de tijolos vermelhos. Cerca de um século e meio depois, ela foi adquirida, como já vimos, por Sir Francis Child. Foi o neto de Sir Francis, do mesmo nome, quem comissionou Adam para transformar a velha casa, apesar de que a maioria da obra te-



O Salão dos Tapetes, ostentando uma tapeçaria avaliada em vários milhões de libras. Ali se encontram peças raras que os colecionadores de todas as partes do mundo tem cobiçado. Em baixo, a Biblioteca, decorada com obras de Zucchi. É uma peça ampla, cara e limpa, cuja conservação se faz com todo o esmero.

na sido realizada após sua morte, quando ele foi sucedido por seu irmão, Robert Child. Um retrato em tamanho natural deste último, com sua arma e seu cão de caça pode ser visto na fotografia da sala de recepções. Foi pintado por Reynolds em 1772, quando os melhoramentos em Osterley estavam em franco progresso. Este é, talvez, o melhor de uma série de retratos da família, na qual estão representados muitos dos grandes mestres do século dezoito. A coleção de pinturas também inclui um soberbo retrato equestre do Duque de Buckingham.

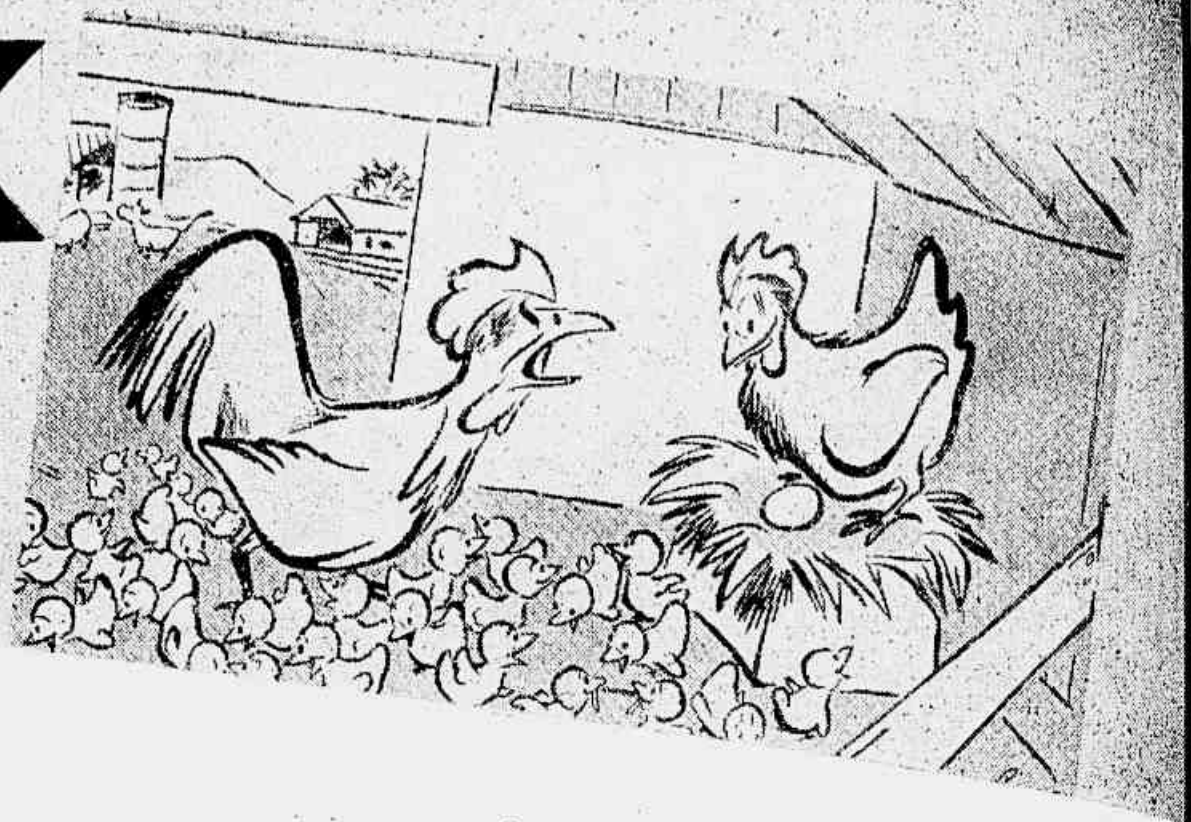
Alguns trabalhos georgianos mais precoces foram efetuados antes de Adam ter sido chamado e parte daquele ainda permanece na comprida galeria, nos quartos atícos do dormitório, e na sala conhecida como "de mister Child". Por outro lado, o interior foi inteiramente redesenhado, e numa tal escala de magnificência e com tanto cuidado de minúcias que não existe nenhum outro mais aprimorado da obra de Adam. Podemos ainda compartilhar do entusiasmo de Horace Walpole, quando exclamou — Oh, o palácio dos palácios — tendo redigido igualmente esta frase em sua primeira visita de 1773.



DE BOM HUMOR



— Ora o que há de ser! CABELO, não vê logo?



— Mas você não pára com isso, Marocas? Acha que ainda temos poucos?



— Boa idéia, querida! Justamente o que eu estou precisando: um calmante!



— Veja, Mirandolina! Um amigo "me" trouxe para jantar...



— Nada de grave. Apenas um caso típico de exaustão... depois das fêrlas, coitado!



— Está vendo este moço, Zéquinha? Beije a mão dele pois será o seu novo papai!



ROSALIND RUSSELL (COLUMBIA)

PORQUE insistimos em complicar a vida? Tudo é tão simples e no entanto, a imaginação se esmera cada vez mais para criar casos que só servem para nos aliviar a existência... Há mulheres então, que se convenceram realmente de que as coisas simples não têm encantos e daí passam a constituir verdadeiros tormentos para aqueles que têm de aturar as suas complicações.

Por certo você conhece a mulher tipo "difícil". Essa que põe dificuldade e mistério em tudo, unicamente pelo prazer de complicar as coisas.

Em matéria de amor, então, nem se fala; podem gostar dos seus maridos, noivos ou namorados, mas permanecem sempre misteriosas (mistérios que em geral inventam...), afim de manter — assim elas pensam — bem viva a chama do amor.

Naturalmente lerem ou ouvirem dizer que o homem se desinteressou pela mulher, tão depressa tenha a certeza de que esta o ama. Esqueceram-se, porém de verificar a data em que isto foi dito ou escrito. Sim, porque atualmente, com tanta agitação, tanta responsabilidade, tanto trabalho e tanta luta, não resta mais tempo para estas "deliciosas" volútes...

O homem de hoje quer e precisa encontrar uma companheira franca e sincera; uma amiga a quem possa recorrer em qualquer ocasião, em quem possa confiar e de

quem possa esperar atitudes honestas e de desprendimento. Nada há que se compare à camaradagem que pode existir entre um casal assim.

A "solisticação" só é admitida em cinema, e, por favor, não queiram levar para casa esses "ares" de dama misteriosa, fatal e incompreendida... O resultado seria desastroso.

Quantas vezes uma mulher desse tipo vê partir o homem a quem ama, sem compreender porque não conseguiria retê-lo!

A resposta é simples: o homem, mesmo amando-a profundamente, não pôde ter tempo e paciência para decifrá-la.

Bom seria si estas criaturas se modificassem, tornando-se simples e naturais, francas e agradáveis, companheiras e amigas, deixando, de uma vez para sempre, de lado, todas essas teorias tolas que acabam por lhes prejudicar a vida...

KITTY

NOS BASTIDORES FEMININOS



A esquerda — Vestido de jersey estampado, sugestão de Gloria Stuart. Drapeados na blusa e na saia, arrematados na frente com laço do mesmo tecido. À direita — Modelo simples e gracioso, também de Angela Greene para os dias mais quentes da primavera. É de seda rosa pálido com estampado de diversas cores. Saia franzida na frente.

MODELOS PARA



A esquerda — "Duas-pegas" em seda estampada limão e preto. A estampa é chamada "renda do México". Decote interessante com pequenos laços sobre os ombros. Saia franzida. Sugestão de Angela Greene, da Warner Bros. A direita — "Short" em algodão liz estampado, apresentado por Andrea King, da Warner Bros. Saiote "godet". Na parte superior, babado pregueado ao redor do decote e laço na frente.

A PRIMAVERA

A VOLTA DE IRENE

A QUELA tarde de inverno, com uma
estorrendo pelos telhados quietos,
"limousines" velozes, escurecendo ainda
das avenidas, parece que viera a propo-
o céu cinzento, transeuntes encapuçados,
de nós sentimentos mais suaves, mais ínti-
o encontra dessa tarde necessitava de
propriedade das coisas, pois a reconcilia-
das palavras que trocassem daí a duas
frio que enregelava o nariz e as orelhas
tar com mais força as mãos de encontro
tro dos bolsos, fazia desejar um lar quieto,
relúgio tranquilo e ameno, para o qual



intempéries como quem se abriga das vicissitudes da vida...

Ele sabia que a vida de Irene, depois da separação três anos atrás, tinha sido uma luta incessante contra a degradação que a espreitava, contra as necessidades de todos os dias pelas quais tinha que se bater. O orgulho que a mantivera aiastada durante tanto tempo cedera, afinal, e ela que afirmara por sagrados juramentos não haver reconciliação, mandara chamar-lhe. Pedira, por um amigo comum, que lhe fosse ver e, hoje à tarde — o dia marcado — sua paciência vinha aumentando, crescendo, à medida que os ponteiros percorriam lentamente o mostrador do seu relógio de pulso. Naturalmente que ela sucumbiria a tantas privações e por isso esperara, com paciência fria e calculada, o dia em que teria de voltar para ele. Se fora Irene mais forte, talvez ele não superasse a sua ausência e iria, derrotado em seu orgulho, pedir-lhe que voltasse! Julgou, muitas noites, que a solidão o enlouquecesse e agora, dentro de mais uma hora, a teria de volta, abrindo mão das exigências que um dia lhe fizera, rogando que a deixasse ficar, submissa a todos os seus caprichos! O seu egoísmo ansiava por isso; tinha sofrido tanto, que veria a angústia de Irene como um consolo, uma reparação...

É sempre com ansiedade e receio que se reencontra um velho amor. Como estaria ela? Fechava os olhos para vê-la melhor na imaginação... Uma pele muito clara, os olhos verdes, inquietos, o corpo flexível, o cabelo castanho caindo em ondas naturais até o pescoço alvo e longo. Mãos lindas e finas, desafiavam, assim mesmo, os mais pesados trabalhos caseiros. Estaria ainda linda como a deixara? O riso nervoso, entrecortando a voz suave e quente, lembrando, as vezes, pequenina cascata dentro da quietude de um bosque. Como fora louco em deixá-la... Enfim, lá tã-la de novo, toda sua, como só ela sabia fazer-se. Olhava o seu confortável apartamento, mobiliado com gosto e sobriedade, sentindo-se feliz. Poderia oferecer-lhe segurança e bem-estar, o que sempre faltara a Irene, principalmente quando, há três anos, viveram juntos. E ficou a imaginar quando ela estivesse tomando conta da casa, enchendo de alegria aquelas pegadas, mudando e arrumando as cousas, com um jeito todo seu.

Depois de vestido, arrumou com cuidado os papéis sobre os móveis; não queria que encontrasse desmazelo em casa. Olhou mais uma vez o apartamento e saiu. Mergulhou o rosto dentro da capa impermeável, apressou o passo, fugindo da chuvinha fria que caía com insistência. O Largo da Glória do lado da Praça Paris parecia um postal do inverno na França. Os "figus" parados em estilo gaulês, verdes e brilhantes da chuva que os lavava, fontes e estátuas muito quiéti, os carros chiando no asfalto molhado, o mar cinzento e esfumado, não davam, realmente, a impressão do Rio, tropical e colorido. Eram jardins franceses, com o quebra-mar de Marseilha lá ao fundo. O clima que Walter adorava! Gostava dos meio-tons, da chuva em neblina caindo-lhe no rosto. Por isso, o dia viera sob encomenda. Saltou do bonde

em frente ao Monroe, encaminhando-se para uma cafeteria conhecida. Dentro de 15 minutos ela deveria aparecer. Pediu um "cognac" para esperar. O relógio, desconhecendo sua aflição, ia devagar, marcando sem pressa alguma minuto por minuto. Tantas eram as portas por onde ela poderia entrar que o obrigava a varrelas com olhar a todo o instante. Teve o pressentimento de que Irene entraria por ali, pela porta do meio e procurou distinguir, entre os vultos que se cruzavam na calçada, a silhueta da sua amada. Seu coração galopou neste momento. Lá bem ao fundo, onde a poeira da chuva tornava tudo cinzento, reconheceu um andar inconfundível. Sim, era ela! Parou um pouco entre as vitrinas, à procura de sua mesa. Alta e elegante, metida num capote de "minks", um chapéusinho negro sobre o penteado bem feito, era um "modelo" de capa de revista. Walter ficou sem ação, esquecendo-se de acenar-lhe. Continuou a olhá-la extasiado! Engordara, por certo, mas somente um pouco para arredondar-lhe ligeiramente a curva dos ombros e dos quadris, — o rosto rosa, do carmim e do frio, onde os olhos glaucos marcavam sua personalidade inquieta. Ela mesma o descobriu, sorrindo ao se aproximar. Walter conseguiu sorrir e oferecer-lhe uma cadeira.

— Que é isso, Walter? Parece que viu algum fantasma! Nem me diz boa-tarde.

Pegou-lhe naturalmente a mão, como se ainda ontem o tivesse visto.

— Irene, você está tão linda... tão mudada que...

— Não gosta de mim assim?

— Quem não gostaria de uma princezinha bonita como você?...

E enquanto a examinava sentiu que estava perdendo a sua cartada. Não, não poderia esperar que ela estivesse assim. Uma perfeita rainha, a que não falta nada. Uma dúvida cresceu dentro de si. Que desejaria então? Quando um seu amigo lhe avisou que Irene precisava vê-lo, teve um único pensamento. Julgou-a necessitada de recursos e arquitetara o conforto que lhe daria, compartilhando de sua casa e de sua vida, agora para sempre; ela voltaria simples e modesta como a deixara. Mas aquela Irene que estava agora à sua frente era muito diferente. Vinha de seu casaco e de seus cabelos um perfume suave; tinha nos menores detalhes um luxo que nunca pudera prever.

Teria que dizer adeus aos sonhos que pressupôra realizados...

Agora era aguardar o que de importante ela teria para lhe comunicar e voltar depois à sua solidão de sempre. Voltar ao vazio que lhe cercava a alma e para o qual só uma salvação existia. Esperança que sabia tão longe e impossível como guardar aquele perfume gostoso que parecia vir da própria carne dela!

— Você ficou mudo?... Que maneira fria de receber-me depois de anos sem nos vermos...

— Não pense nisso, Irene. É que eu tive umas idéias loucas quando soube desse encontro. Não sei mesmo porque as tive...

— E ficou triste por isso? Creio que depois que você

souber porque estou me encontrando hoje consigo, sua tristeza desaparecerá completamente. Ainda não conversamos e já está amargurado?...

— Afinal, qual é a grande notícia, ou o grande favor que lhe poderei fazer, se é que algum favor eu possa prestar por você que parece ter tudo o que deseja?

— Tenho tido realmente tudo o que desejo. Mas não se impressione eu preciso muito de você, Walter. É um favor que só você me poderá fazer. Mas deixe que comece pelo princípio. Ainda se lembra que sempre sofri do coração? Bem, eu pergunto visto que depois de tanto tempo poderia não se recordar dos trabalhos que, já lhe dei...

— Irene, que terá de ver o seu coraçãozinho enfermo com o nosso encontro? Não posso compreender...

— Calma, tem que ver e muito. Infeliz ou felizmente foi o meu aneurisma que trouxe de novo para o seu lado. Já que está impaciente vou resumir a minha possível tragédia. Durante os três anos de separação o meu mal foi progredindo enormemente. Embora com todo o conforto que me proporciona Adelson, que advinha o meu menor desejo, não consegui sustar a marcha da doença. Tenho tido crises terríveis. Cheguei a ficar à morte, por duas vezes, sendo que a última vez caí desmaiada aqui mesmo na Cinelândia, sendo desenganada pelo médico.

— Seria possível que passasse por tudo isso sem que eu soubesse? Se você morresse...

— Bem. Isto serviu pelo menos para que eu não mais refreasse inutilmente os meus desejos. Tive que abandonar o meu orgulho para tomar a última resolução de minha vida. Por isso venho entregar-me a você...

Walter estava perplexo. Não compreendia onde Irene queria chegar. Sua cabeça estava rodando quando perguntou:

— Irene, conte as cousas com nex, por favor!

— Mas é só isso Walter. O Dr. já me tinha dito a semana passada o que ontem foi confirmado por uma junta médica. Eu terei, no máximo, um ano de vida. Isto se viver sossegadamente, sempre repousada, se quase não falar, não amar, não me aborrecer; enfim, se principiar a morrer um ano antes. Ao contrário, se quiser viver intensamente, só aguentarei a metade do tempo

— E então?...

— Então — repetiu Irene — resolvi VIVER apenas seis meses. E como VIVER para mim é estar perto de você, venho lhe entregar os meus últimos dias de vida...

Sua voz, que se esforçara em contar toda a sua pequenina história em tom de ironia, tremeu um pouco, e os seus olhos boiavam nas lágrimas que prendeu a custo. Continuou depois, suavemente:

— Se você ainda me quiser, ter-me-á até o fim da minha vida, da minha tão curta vida.

O "cognac" prendeu-se na garganta de Walter, ao tomar de um trago o segundo cálice. Um mundo de pensamentos rodavam doidadamente dentro de seu cérebro. Irene seria sua! Completamente sua. Por seis meses! Ela queria viver intensamente os últimos dias consigo! Para que ela fosse feliz, ele próprio encurtaria sua vida com a felicidade que lhe desse! Quanto mais se amassem, quanto maior fosse a sua ternura e o seu carinho, mais dias estaria roubando dos poucos que a ciência lhe concedera...

— Diga-me qualquer coisa. Walter...

— Você abandonará Adelson assim? Ele consentirá nessa doce loucura, a sua última loucura, que pretende fazer?

— Consentiu porque para mim não haveria outra solução. Não poderia negar-me seis meses de felicidade, a mim que durante esses anos fiz-lhe todas as vontades. Depende apenas de você, Walter...

E procurando ser ainda zombeteira, pousou sua mão suavemente na dele, quando insistiu:

— Pense que o seu sacrifício não será por muito tempo... Você fará este sacrifício?

Não seria preciso palavras para a sua resposta. Ele sabia disso. E, em vez de responder-lhe, não se importando com o local onde estavam, aproximou seus lábios do rosto de Irene. Beijou-a sobre as faces, até onde corria uma lagrimazinha que ela não pudera guardar. Sentiu no seu beijo um travo agriado, talvez igual à sua alegria vindoura. E ao sentir o coração de Irene pulsar mais fortemente de encontro a si, pensou — a contra-gosto — que lhe roubava com aquele beijo mais um dia de vida...

Conto

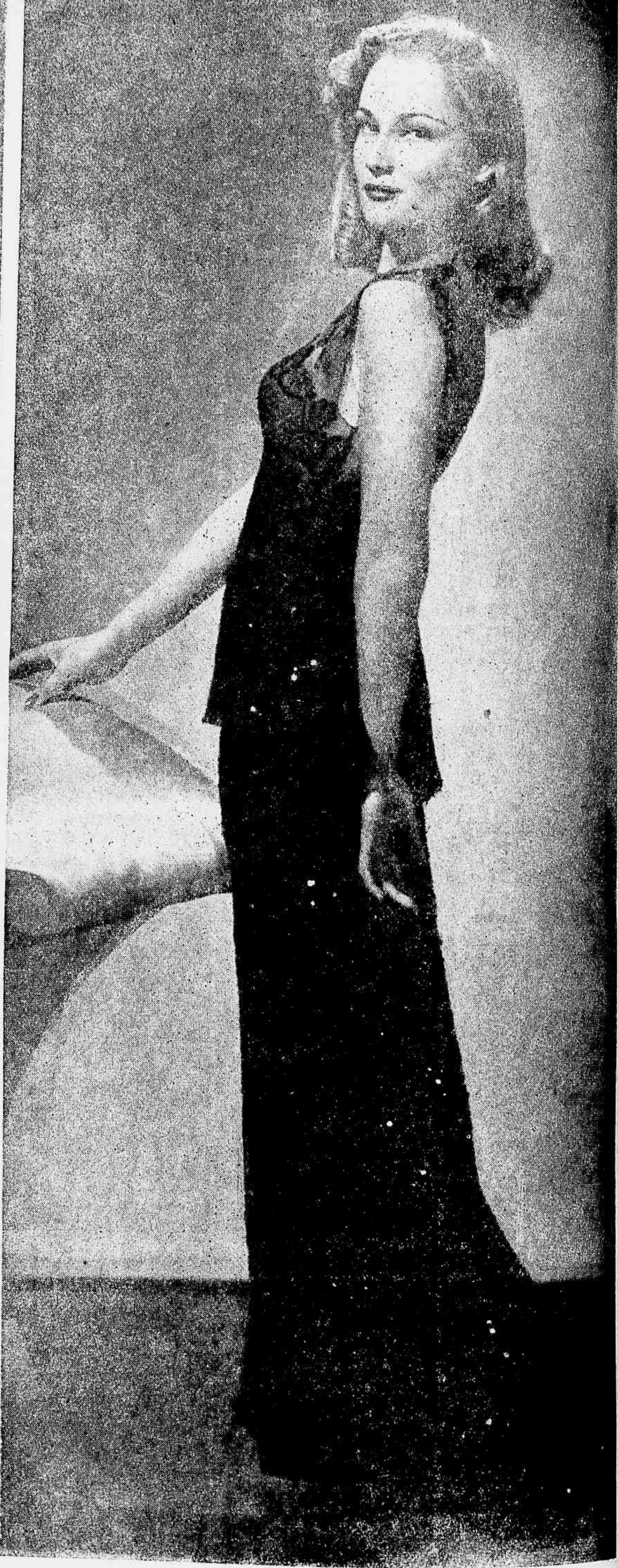
de

NEY

MACHADO



Saluar 946



VESTIDOS PARA A NOITE

Três lindos modelos para noite, aênos apresentados aqui por três encantadoras figuras da cinema. Temos da esquerda para a direita, elegantíssimo modelo em setim pérola, apresentado por Ann Rutherford. O drapado da



saia é arrematada atrás, com uma aba "godet" que cai em cascata sobre vistoso e colorido ramo de flores. "Godet" bem feito atrás. Blusa também com ligeiro "drapé" e com grande "boutique" em cores vivas. Constance Dowling sugere às nossas leitoras este "chiquíssimo"

modelo de renda de seda preta, com lantejoulas. É formado de duas peças, tendo o blusão decote em "V" bastante pronunciado. Saia reta. Yvone de Carlo, uma das mais recentes "sensações" de Hollywood, apresenta às nossas leitoras um encantador modelo em "tulle" bran-

ca, com pastilhas douradas de diversos tamanhos. O corpete é justo, com grande decote, ao redor do qual há babados prequeados do mesmo tecido. O mesmo motivo é encontrado na saia, ainda com fitas de veludo e grande rosa de tafetá. — (Fotos Universal).



CHAPÉUS

Em cima, à esquerda, elegantíssimo modelo em "gros-grain", sugestão de June Vincent. Aba bastante original. A copa é formada por um grupo de rosas em tons vivos. Vêtu finíssimo, da cor do chapéu. A direita, chapéu de palha azul-marinho caído para trás. Copa coberta de flores e fita "gros-grain". Vêtu cor de rosa pálido ou bege queimado.

Usa-o Ju e Vincent.

Em baixo, à esquerda: Glória Stuart prefere ornamentar a sua cabeça com grandes papoulas brancas. E, francamente, está bastante "chic"!... A direita, Angela Greene, é quem apresenta este sugestivo modelo em palha clara, aba curta, ornado com pequenas flores de tom vivo. — (Fotos Universal e R. K. O.)



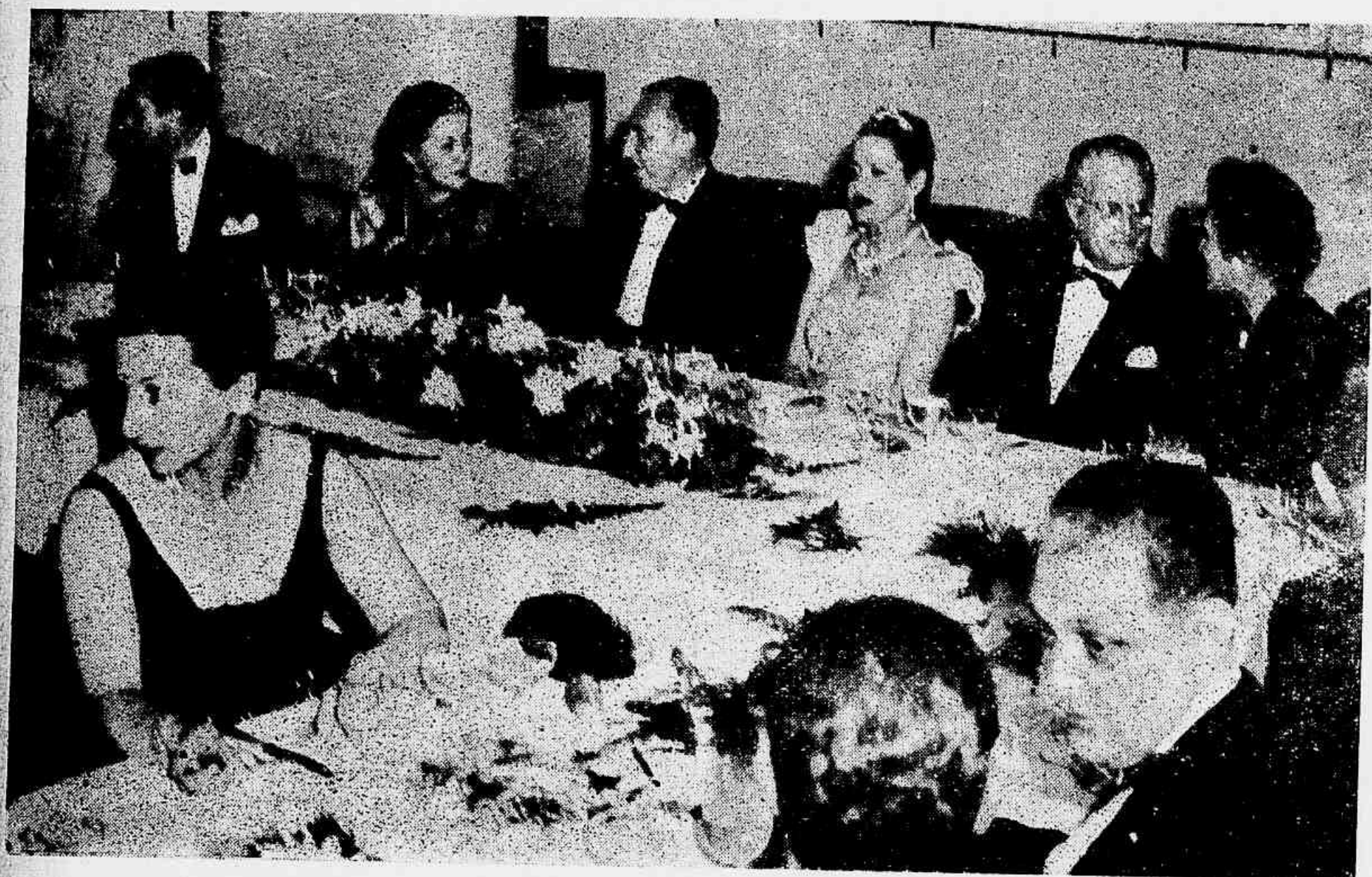
BELAS ARTES



Vem de inaugurar-se no Salão Nobre do Pálace Hotel, a 1ª do corrente, uma exposição de pintura do artista brasileiro Th. De Bona, feita sob o patrocínio da Sociedade de Belas Artes, e que se estenderá até o dia 15.

Um total de quarenta e cinco telas, incluindo retratos e paisagens pintadas na Europa, são oferecidas aos amantes das artes plásticas, e dentre elas destacamos as três reproduções feitas nesta página. Ao alto, "Tranquilidade". Ao lado, "O Carroceiro". E em baixo, estudo para a grande tela "Fundação de Curitiba", na qual o ilustre expositor vem trabalhando. Damos na gravura à esquerda, um retrato de Th. De Bona, que neste momento está recebendo da crítica e do público, justos e calorosos aplausos pelo êxito de seu empreendimento de belas-artistas.





HOMENAGEADO O SR. PEREIRA LIRA.
— Aspecto apanhado no Tijuca Tennis, por ocasião do almoço oferecido no dia 28 de agosto p. findo, por elementos de diversas classes, ao Sr. Pereira Lira, Chefe de Polícia.

Estiveram presentes, além dos Srs. Ministros Neto Campelo Júnior, da Agricultura, Raul Machado, do Supremo Tribunal Militar, o presidente da Corte de Apelação, desembargador Antonio Nogueira, o presidente da Ordem dos Advogados, Dr. Augusto Pinto Lima, Dr. Romão Lacerda, Procurador Geral do Distrito Federal, os Juizes José Siqueira e Milton Barcelos, o diretor geral do Departamento Nacional de Informações, professor Oscar Fontenele, o diretor da Divisão de Cinema e Teatro do D. N. I. Dr. Waldemar da Silveira, o industrial Pedro Brando; figuras da magistratura e de altos funcionários do D. F. S. P., cerca de quatrocentos elementos representativos do comércio e indústria desta capital, compareceram ao agape.

FIGURAS E FATOS

Aspecto do banquete oferecido pelo Departamento de Difusão Cultural da Prefeitura e a Associação Brasileira de Imprensa, à cantora patricia Bidu Sayão, na sede da A. B. I.

Flagrante tomado na Igreja da Candelária, no dia 15 de agosto, por ocasião da bênção comemorativa das bodas de prata do general Canroubert Pereira da Costa e sua exma. esposa, d. Anadina Pereira da Costa





Marly, filha do sr. Ricardo Casas e d. Juracy Rodrigues Casas, no dia de sua primeira comunhão, realizada no Colégio Notre-Dame, em Ipanema.



Irani, filha do casal Antonia Altiodina Jorge-Joaquim Alves Jorge, cuja data natalícia transcorreu no dia 21 de agosto último.



Nêna Machado, festejada cantora do folclore brasileiro, declamadora e compositora, que vem de realizar uma audição no Salão Nobre do Liceu de Artes e Ofícios.

O Embaixador João Neves da Fontoura, Chefe da Delegação Brasileira, entre o casal Byrnes, as senhorinhas Neves da Fontoura e o sr. Jefferson Cafery, antigo embaixador dos Estados Unidos no Brasil, e agora exercendo o mesmo elevado posto na França.



Livros

NOVOS

Por JOÃO LUSO



ESSA NEGRA FULÔ, romance de Lúcia Mulholland — Livraria Agir Editora — Rio de Janeiro, 1946.

A primeira parte deste romance está escrita na primeira pessoa. É a protagonista que nos conta os seus pensamentos e as suas emoções.

Tudo se passa no período de três dias. E em verdade não acontece grande coisa. Temos aqui uma espécie de confissão pormenorizada, um tanto repizada às vezes, na qual a criatura faz questão de ser bem compreendida e bem julgada. Por isso mesmo, receia deixar alguma coisa por descrever, esclarecer, explicar. Jovem, bastante inteligente para merecer tanto o amor como o respeito do esposo e casada apenas há cinco meses, D. Leda se possui de extrema admiração estética pela empregada da casa, das que dantes se diziam para todo o serviço e hoje em dia se contratam para quase não fazerem serviço algum. É uma negra retinta; chama-se Jandira; conta desenhos antigos; e no seu palavreado, em que a tradição das babás se mistura com os modernismos de cordão carnavalesco, a cada momento surge a aversão física pelo homem branco. Com o semblante, as linhas do corpo, o ritmo de andar, exerce sobre a patroa uma influência semelhante à fascinação. D. Leda acha-a "maravilhosa"; considera-lhe enlevadamente "a pele, igualzinha na cor e no brilho à casca dos pinhões que se em co-sidos da panela. Uma cor e um brilho tão lindos..." Chegamos a ter a impressão de que Jandira assume para esta Leda a graça sedutora de um cisne... negro. O que, porém, no fundo de tal emoção realmente existe, é o ciúme de esposa. Com efeito, Antônio eleva a serva à dignidade de rainha, "rainha da beleza negra, não só do Brasil mas de todo o mundo". E discute a sério tal soberania com um amigo da casa que frequentemente vem jantar: o alemão Franz, fanático da sua estirpe e cheio de preconceito de raça — hipócritas como depois se verá. Até onde vai o entusiasmo despertado no esposo de D. Leda por aquela realza de morro e de cosinha? Não chega esse ponto a ficar bem elucidado, nem enquanto Leda fala por si nem quando o romancista se reveza com a personagem. O caso vem sendo indicado exclusivamente pelo sistema de observação, um tanto de espionagem, que a esposa exerce e vai intensificando na ânsia de apurar a verdade. Em tudo ela quer descobrir provas reais ou, pelo menos, algum sinal, algum vestígio capaz de a orientar; de todos os aspectos pretende tirar deduções concludentes. É uma teórea, uma angústia. E não sabemos onde se limita a verdade presenciada, onde começa o trabalho da imaginação. Um dia, voltando da rua, Leda surpreende o espectáculo definitivo no próprio quarto do casal. Os culpados não dão pela sua presença. Parte desvalhada; entrega-se a várias extravagâncias; quase chega a vingar-se, recorrendo à justiça de Talião... Mas a dúvida continua. Teriam os seus olhos encontrado, de facto, a cena tão pressentida, tão temida, ou ainda uma vez fora a sua sensibilidade que tudo preparara, tudo inventara? Da parte de Jandira, um ato se torna mais que positivo: a decisão de atender por completo à súplica instigativa que as palavras e os modos do alemão Franz tão habilmente disfarçavam. Eis a única verdade verdadeira. Tudo o mais podia ter sido um pezadelo dos nervos e do sentimento. Assim Leda conclui, uma noite em que acorda "aos gritos, esperando como louca nos braços de Antônio". Depois, acalma-se, compreende "que era um sonho, um sonho como aquela de Jandira e Antônio. Tudo, a vida toda era um sonho."



Tal a história de amor e principalmente de sensualidade que a Sra. Lúcia Mulholland compoz sob uma vaga influência da conhecida poesia do Sr. Jorge de Lima, prefaciador do livro. Desta vez, a "negra fulô" não cumpriu inteiramente o seu destino — pelo menos que nos conste. O seu papel tornou-se secundário. A primeira figura, de algum modo a única, ficou sendo a esposa heroína dum romance que a empresa editora, com todo o seu zelo moral e católico, é a primeira a considerar pouco digno de "estar em qualquer mão ou sob quaisquer vistas..." Trata-se, enfim, de uma obra curiosa, sugestiva, que apresenta, mesmo fora dos diálogos, alguns senões de linguagem, maneiras de dizer plebéias — próprias de uma Jandira, não de uma escritora — mas que, constituindo uma estréia como também a Agir nos anuncia, vem cheia de promessas brilhantes.

VEIHAS IMAGENS, versos de José Cactano Alves Neves — Livraria Editora Zélio Valverde S. A. — Rio de Janeiro, 1946.

Nem todas as imagens são velhas, mas todos os versos são simples no livro do Sr. J. C. Alves Neves. Trata-se de um poeta como hoje em dia não aparecem muitos: fiel às normas clássicas, sem a pretensão de destruir ou revolucionar coisa alguma. Frequentemente se inspira nos sentimentos familiares. O amor e a amizade dão o tema de boa parte destas páginas sinceras. Outras vezes o rimador compõe um apólogo de leve filosofia ou um conto de fadas, como se, neste caso, se dirigisse a um auditório de crianças. Não deixa, porém, de nos confiar, de quando em quando, um momento de amargura, uma crise passageira de pessimismo. E disto dará exemplo o soneto *A primeira felicidade*

Fechado num caixão modesto e pobre,
Era levado para a sepultura
Um desgraçado, desses que o céu cobre,
E vivem a tragédia da amargura.

Passa, e o sino não dá um simples dobre,
Segue... Nem uma prece alguém murmura.
Ruma em silêncio o féretro, que encobre
Os restos da indolosa criatura.

Nasceu talhado para o sofrimento,
Foi a miséria a sua companheira.
Não conheceu consolo, nem alento.

Como as grandezas têm seu apogeu,
Teve a desgraça a etapa derradeira.
Em dia, ao menos, foi feliz... Morreu.



O MUNDO ANEDOTICO, colectânea organizada por Meira Penna. — Rio de Janeiro, 1946.

Humberto de Campos, que ao grande talento produtivo aliava extraordinário método de trabalho, conseguiu, nos vagares das suas múltiplas colaborações, compor o *Brasil anedótico*. O Sr. Meira Penna quis, para proveito e regado nossos, ir muito mais longe, emreendendo o *Mundo anedótico* e ampliou o seu trabalho, não só geográfica mas também quiliativamente. Não se contentando com a vastidão do gênero *ana-* que J. — W. Bizzock e Crononky exploraram em meia dúzia de volumes — buscou, em todas as literaturas e nos seus papeis particulares, apólogos e sentenças morais trechos de nem vid, e sos e rheids u inéit s, p'gnas de album, cartões postais e toda sorte de curiosidades. Veia imolliro a e ntar nala menos de seiscentas pá-



ginas e texto s ve e ben em de ac rdo com o título mas varia o ao e re o e qia e empre interessante. A circuns-tância me mo de não be e er a sucessão das matérias a qua'er r en cu i terna reg la: coner re para tornar a lei ra ai: mo im na a, nai di e ti a. A uma série de i t r i e as j o c s a u c e e au t e r a e a ç ã o de emblemas di i a s, t r i e s de l e i s m o, d e a m r p á t r i, de filantropia; di e a m a n t r a c o m o m r r e a m g r a n d e s h o m e n s e a s e r a l e r a p a a r a q u e p r o e i r a m; s u r g e m e p i s ó d i o s h i s t ó r i c o, d a l o s i r r f i s, p r e n e r e s o u s i n g l a r i d a d e s d a v i l a d e c á b i o, h e r i, a r d i t a, p r e l a d o s, s a n t o s — d e g r a n d e s p e r a l i e t a m b e m. E, c o m o p r i m e i r o s d i v u l g a d e s d a s e n e o a s b r a i e i r a q u e a e r r a m a v e l m e, s ã o c i a l o s C e h o N e t, J a q u i N a b e, M e l e i r o s e A l b u q u e r q u e, J o ã o R i b e i r o, R d r i g o C e t á v i o, A f r â n i o P e x o, M a y a l l ã e, d e A l e r e i, V a n a M o g, E r n e t o S e n n a, C o s t a R e g, J ã o P a r a g a s ú, R a u l d e A z e v e d o, L e ã n c i o C r r e i a, R l e t o M a c e d o e o u t r o s e s c r i t o r e s d e n u m e a d a.

A MORENINHA, romance de Joaquim Manuel de Macedo — Edições Melhoramentos — Ilustrações de Percy Lau. — São Paulo, 1946.

É a quarta ou quinta vez que à nossa mesa de trabalho chega a *Moreninha*. Quem lhe não fará o mais jubiloso e grato acolhimento?

É uma figura graciosíssima que volta do passado. Vem sorrindo, per bem saber com ao sua visita nos enche de ditoso enternecimento. Dá-nos idêia duma avózinha sempre moça que fez a viagem, não para se tornar nossa conhecida, mas — e, tanto isso, fica sendo a nossa emoção venturosa — para nos reconhecer, a nós traz a alegria da sua eterna juventude nos olhos escuros e luminosos como carvões que fugissem, ardessem sem nunca se consumir; os cabelos bastos mas leves, per onde prepassar, como um afago, a aragem das tardes de verão; a boca nímica e viva como a pele das pitangas maduras; as mãos que, ora em chamados ora em adeusos, sempre lindamente, acenavam do alto da Pedra de Paqueta... Hóspede em verdade formosa e cativante! Toda ela é sedução. Algumas dúvidas ou apreensões que lhe ensombraram a existência de heroína e nêida de novela "daquele tempo"; alguns suspiros angustiosos que lhe subiram do e razão enamerado; algumas lágrimas que lhe correram pelas faces puras; algumas irritações do pézinho ligeiro que sapateou, querendo castigar, no chão sem culpa, a mal-dade ou a indiferença de alguém — tudo isso Carolina deixou vagamente espalhado pelos episódios do romance. Desfez-se de tudo quanto pudesse modificar, de leve embora, a nossa impressão geral e a razão da nossa saudade. Aparece-nos tal qual da primeira vez a vimos, para a admirar sem reservas e de todo o coração lhe ficar querendo bem. "Travessa como o beija-flor inocente como uma boneca, faceira como o pavão e curiosa como... uma mulher..." E entra nesta sala de trabalho, para a aformosear, tornando per algum tempo mais suave e mais bem recom-pensada a labuta de todos os dias.

Não é sem alguma comoção — mas das salutares, capazes de fazer bem à gente — que tomamos o livro entre as mãos, para com ambas o acariciar. Pouco importa que, antes deste, outros nos tenham vindo, de tantas outras casas editoras. E com verdadeiro amor o guardaremos, porque em nenhuma estante serão de mais as *Moreninhas*.

RECEBEMOS

Direito Internacional Público, Leis da Guerra Marítima, pelo professor Raul Pederneras, no curso de emergência para a formação da Reserva da Justiça Militar organizado pelo general Eurico Gaspar Dutra; com a colaboração da Faculdade Nacional de Direito da Universidade do Brasil — Rio de Janeiro, 1946.

Lampada suspensa, pequena série de trabalhos poéticos de Lycio Neves. Goiana, Pernambuco, 1946.

As mulheres não querem amor, 2ª edição do romance de Benedito Mergulhão, a quem várias vezes nos temos referido nestas colunas. — Editora Moderna. Rio de Janeiro, 1946.

Revista Brasileira de Estatística, publicação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, ns. 22 e 23, correspondentes aos períodos de Abril a Junho e de Julho a Setembro de 1945.

Brasil Portugal, anuário do gênero do antigo Almanaque de Leni Branca Luso Brasileira e que, esforçada e com peentente dirigida pelo Sr. Sylvio Alve, oferece grande cópia de enigmas, peças literárias, conselhos práticos, anedotas e curiosidades.

Dunas e penhascos, pequena série de produções poéticas da Sra. Nora d'Arc — Edição dos Irmãos Pongetti. Rio de Janeiro, 1946.

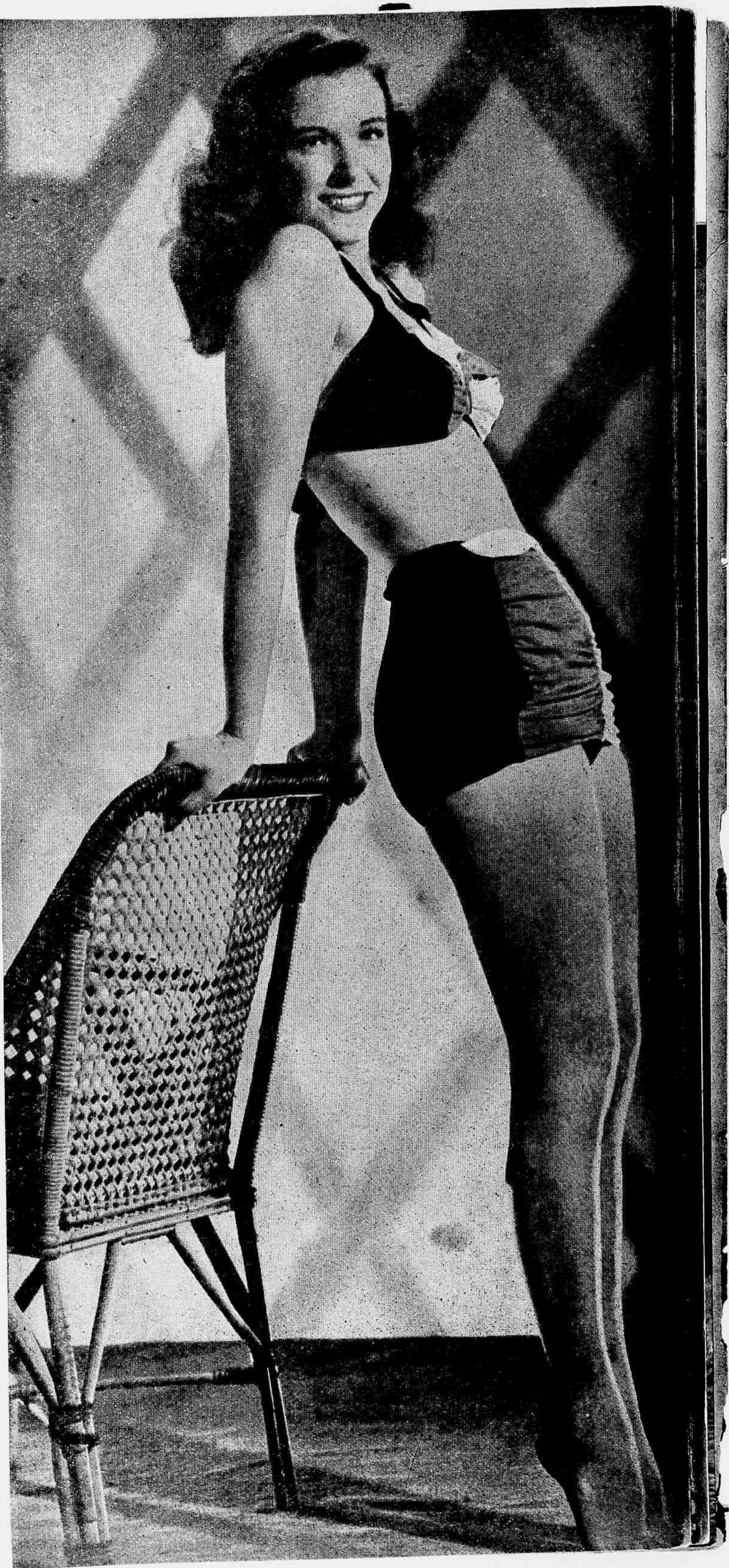
Canto da noite, segunda edição deste livro do poeta modernista Augusto Frederico Schmidt a quem já nos temos referido nesta seção.

A "REVISTA" EM HOLLYWOOD

Aqui vai um punhado de curiosidades dos estúdios, colhidas especialmente para os "fans" brasileiros:

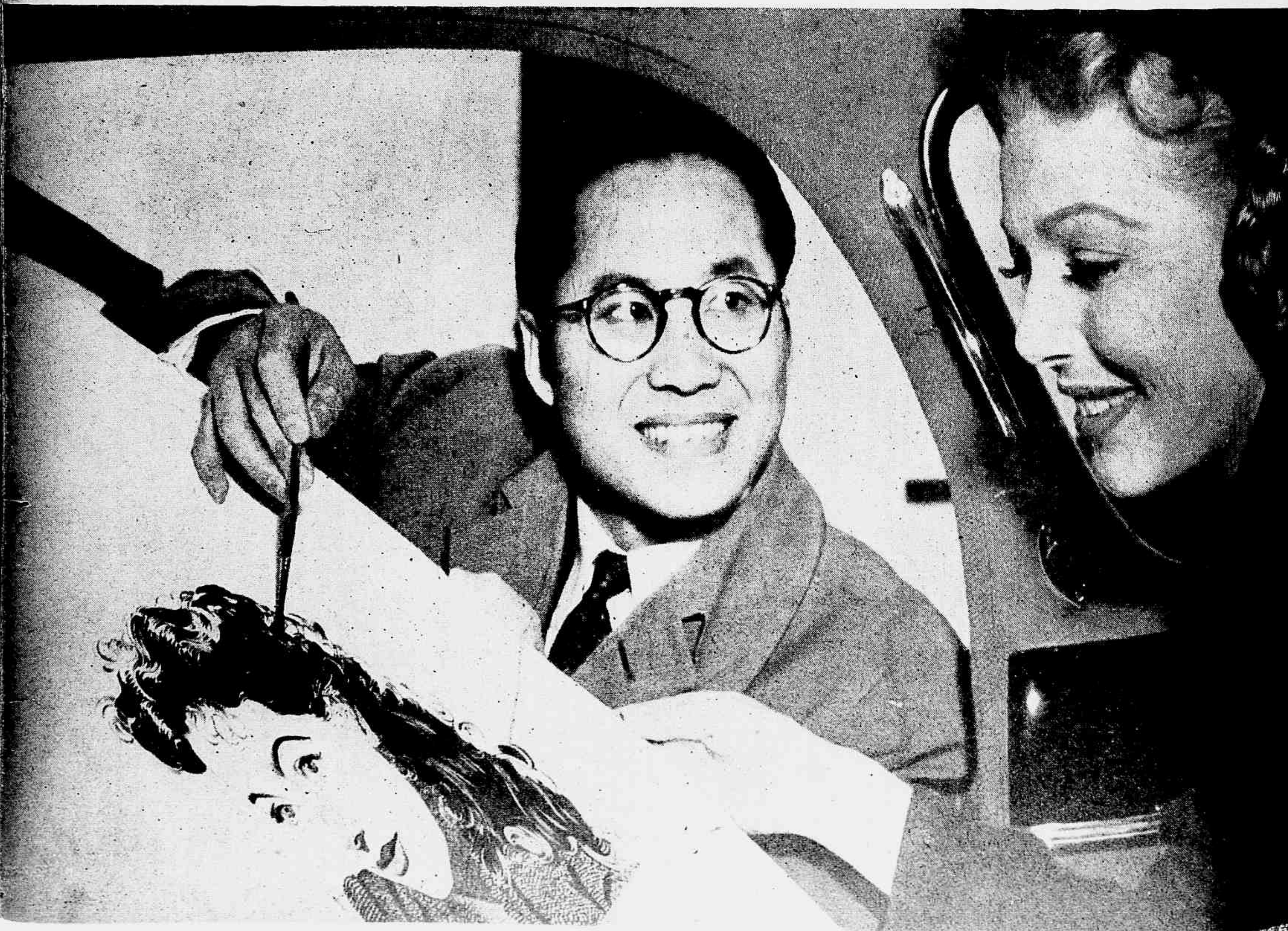
Com seu 35º filme, "Blue Skies", onde vive a figura do famoso compositor Irving Berlin, Bing Crosby comemorou a passagem do seu 15º aniversário como ator cinematográfico e seu 13º ano de atuação nos estúdios da Paramount!... Ao finalizar as filmagens de "Dinheiro não dá Felicidade", a explosiva Betty Hutton foi gozar duas semanas de férias num rancho de sua propriedade, devendo de lá seguir diretamente para Nova York, onde vai assistir à premiere de "Chispa de Fogo", produção technicolor da qual é ela a protagonista. E o marido de Betty? Irá com ela?... Veronica Lake anda com a cabeça no ar, desde que abandonou seu popularíssimo penteado "tapa-olho" agora, em "A Dália Azul", a "lou-ra aerodinâmica" apresenta um novo tipo de penteado que está igualmente destinado a fazer furor... Grande sensação em Hollywood estão causando as danças executadas pela veterana Ann Devorak (acaba de voltar ao cinema, depois de longa ausência...), no filme "Fantasia Mexicana", ao lado de Dorothy Lamour e Arturo de Cordova... Andy Russell, um dos "crooners" favoritos do público norte-americano e que iniciou sua carreira artística como "bateria" de uma orquestra de danças, estreará no cinema em "Dinheiro não dá Felicidade", onde tem oportunidade de interpretar, em solo de "bateria", "Chispa Boy"... Assim que termine seu papel em "Louca Inocência", a doce Diana Lynn embarcará rumo a Nova York, onde permanecerá três semanas, dando apresentações pessoais nos principais cinemas da cidade. Os namorados de Diana não gostaram da idéia... Olga San Juan a tropical portorriquense que está em moda na Capital do Cinema, recebeu de presente dos estúdios da Paramount, no dia em que comemorou suas 18 primaveras, um vantajoso contrato... Betty Hutton e seu esposo, o industrial Ted Briskin, foram os únicos convidados para o casamento do irmão de Ted, realizado em Chicago. Betty trajava na ocasião, um elegante modelo de Jersey branco, em estilo grego, desenhado por Miss Edith Head... Alan Ladd continua sendo o astro que mais cartas recebe na Capital do Cinema; na semana passada, chegaram-lhe às mãos 28.000, o que constitui um verdadeiro record... Ao consorciar-se ontem, na Igreja do seu santo padroeiro, Olivia de Havilland perdeu o seu título da "mais encantadora solteirona do Hollywood"...

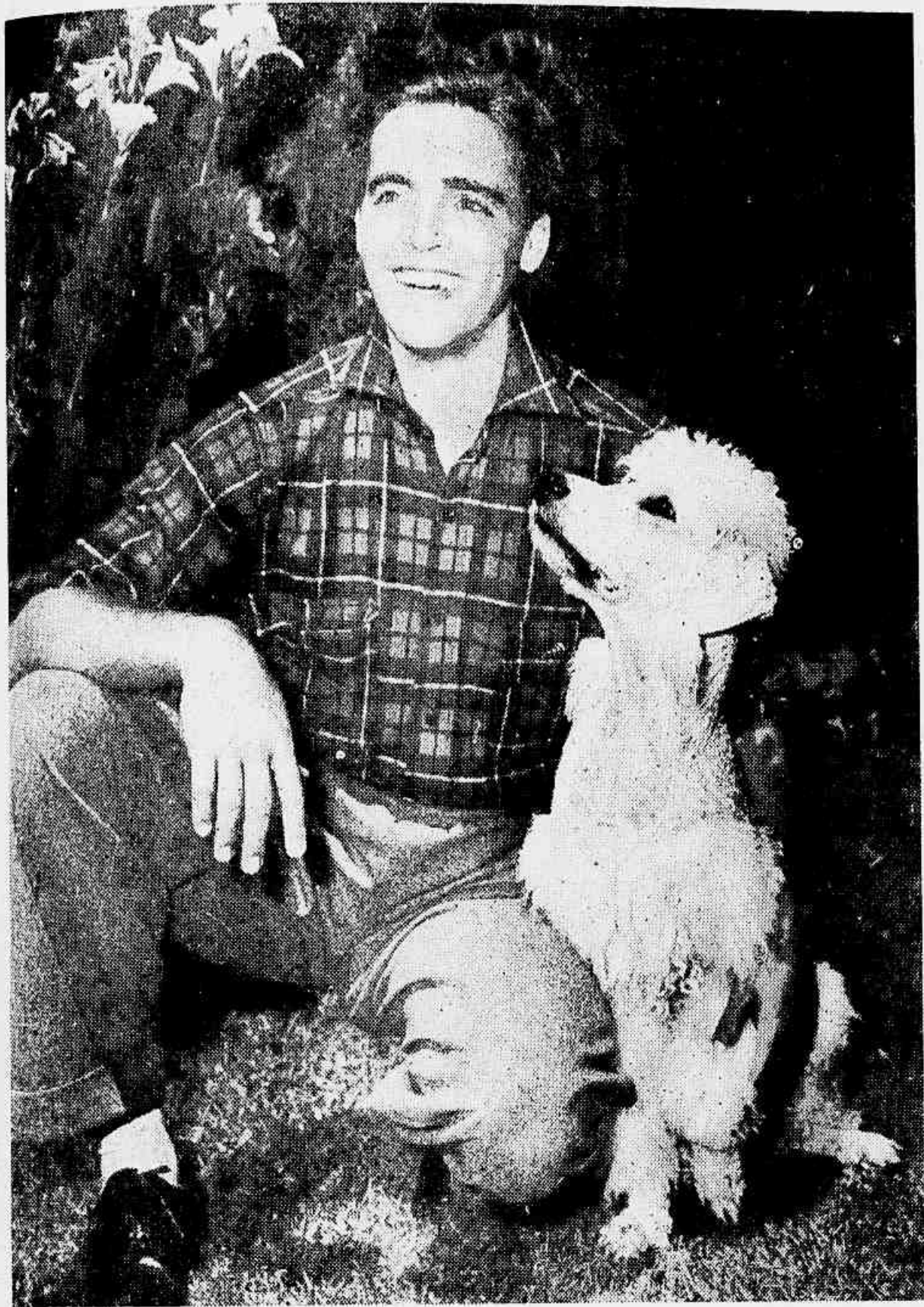
Peggy Cummins e Charles Russell são os protagonistas do filme "The Late George Apley", tal como aparecem em baixo. — E ao lado, uma pose provocante de Cathy Downs, "new-star" da 20th Century-Fox, com o seu espetacular "maillot" apresentado em "My Darling Clementine".



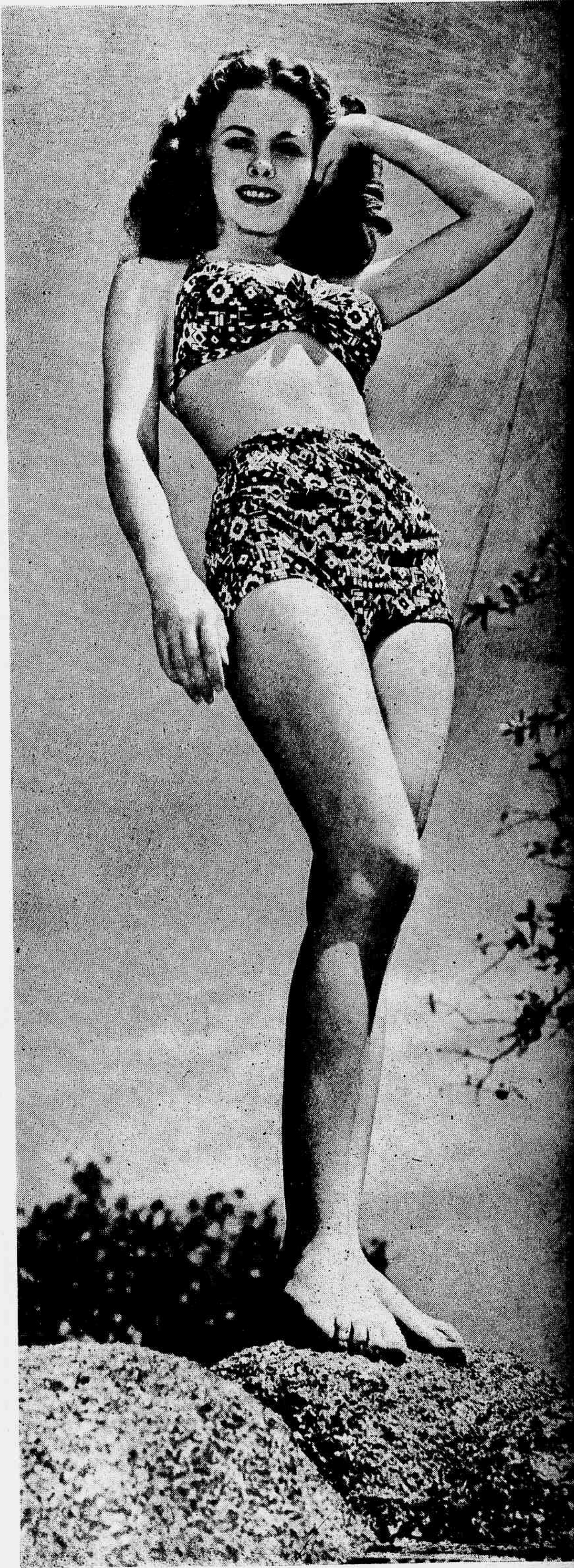


Rosalind Russel no papel que se afirma ser o maior de sua carreira, fazendo a protagonista de "Sister Kenney", a famosa "nurse-crusader" australiana. Seu galã, nesse filme, é Alexander Knox. No final, miss Russell aparece com uma caracterização de velha", maravilhosa. — Em baixo, Keve Luke, o intérprete oficial do filho de Charlie Chan, mostrando suas outras aptidões: as de retratista. Aqui o vemos mostrando a Loretta Young um busto, aliás interessante, por ele realizado em duas horas.





Lembram-se de Richard Ney em "Rosa de Esperança"? Ele fazia o filho de Mrs. Miniver, e depois sumiu com a guerra. Vai voltar agora, em "The Late George Apley", da Fox, com a mesma cara jovial, agorotada e simpática — A direita, uma sereia que todos nós desejariamos encontrar nas areias cálidas de Copacabana: Jeanne Crain. Também da Fox. E em baixo, outra novata: Nancy Guild. Reparem como tem aparecido ultimamente, um bando de lindas garotas, dentre as quais os produtores norte-americanos esperam selecionar as grandes revelações do cinema vindouro.



Historia de um pânico

(Continuação do número anterior)

Dava-lhe para saltitar como uma bola, tomar uns vizinhos de pássaro ou deslizar com lentidão espectral. Não emitia o menor som — exceto o palmilhar que devia ser, afinal, duns pés humanos. E de repente, a explicação evidente impôs-se ao meu espírito desordenado; e percebi que o Eustáquio se tinha levantado e que estávamos a contos com mais complicações.

Vesti-me rapidamente e desci à sala de jantar que dava sobre o terraço. A porta já estava aberta. Meu terror desaparecera quase por completo, mas por uns bons cinco minutos debati-me com uma curiosa sensação de acanhamento que me levava a não me intrometer com o estranho rapaz e a deixá-lo às suas perambulações fantasmagóricas e apenas a vigiar a janela, para que lhe não acontecesse mal algum.

Mas impulsos superiores prevaleceram e, abrindo a porta, chamei em voz alta:

— Eustáquio, que diabo está você fazendo? Entre logo.

Parou com suas esquisitices e disse:

— Detesto meu quarto. Não posso ficar lá, é muito estreito.

— Vamos! Vamos! Estou farto de fingimentos. Você nunca se tinha queixado antes.

— Além disso, não posso ver nada de lá — nem flores, nem folhas, nem sequer o céu; somente um muro de pedra. A vista do quarto de Eustáquio era, sem dúvida, muito limitada; mas, como lhe tinha dito, nunca se queixara disso.

— Eustáquio, você fala como um bebê. Entre! É favor obedecer logo.

Nem se moveu.

— Muito bem, então vou trazê-lo à força — acrescentei, fazendo alguns passos em direção a ele. Mas depressa me convenci da inutilidade de perseguir um rapaz através dum emaranhado de caminhos asfaltados e em vez disso, fui chamar Mr. Sandbach e Leyland para me ajudarem.

Quando regresssei com eles, estava pior do que nunca. Nem sequer nos respondia quando falávamos, e começou a cantar e palrar consigo mesmo da maneira mais alarmante.

— Agora é caso para médico — disse Mr. Sandbach, dando pancadinhas na testa, com ar grave.

Entretanto, Eustáquio tinha parado com as suas carreiras e estava cantando, primeiro baixo, depois alto — trauteando exercícios para cinco dedos, escalas, hinos de igrejas, trechos de Wagner, tudo o que lhe passava pela cabeça. A sua voz — uma voz bem desafinada — tornou-se cada vez mais forte, e acabou num grito medonho que ribombou como um tiro de canhão pelas montanhas circunvizinhas, acordando todos os que ainda dormiam no hotel. Minha pobre senhora e minhas duas filhas apareceram às respectivas janelas e ouviram-se as americanas tocando a campainha com violência.

— Eustáquio, — gritámos à porfia — pare! pare! Menino venha para casa.

Sacudi a cabeça e continuou na sua faina, falando, desta vez. Nunca me foi dado escutar discurso mais extraordinário. Em qualquer outra ocasião teria sido grotesco, pois ali estava um rapaz, sem o menor sentido da beleza e com tendo-se com temas que os maiores poetas acharam estar quase fora do seu alcance. Eustáquio Robinson, de 14 anos um domínio pueril das palavras, de idade, estava em pé e de camisola, saudando, louvando e abençoando as grandes forças e manifestações da Natureza.

Falou primeiro da noite e das estrelas e dos planetas por sobre sua cabeça, dos enxames de vagalumes abaixo dele, do invisível oceano sob os vagalumes dos grandes rochedos cobertos de conchas e de anêmonas, cochilando no fundo desse invisível mar. Falou dos rios e das catarratas; dos cachos de uvas amadurecendo; do cone fumegante do Vesúvio e dos recônditos canais de fogo que produziam

essa fumaça; das miríades de lagartos que saíam, entocados nas gretas da terra sufocante; das cascatas de pétalas de rosas brancas que trazia entredadas nos cabelos. E em seguida, falou da chuva e do vento, ao saber dos quais todas as coisas são modificadas, do ar através do qual tudo vive e do bosque em que se podem esconder todos os séres.

É claro que tudo isso não passava dum falatório profecioso e no entanto tive vontade de fechar um pontapé em Leyland por ter ele observado em voz alta que aquilo era "uma caricatura diabólica de tudo o que havia de mais belo e sagrado na existência".

— E depois — continuava Eustáquio no lamentável palevreado lírico, que constituía o seu único modo de expressão — e depois há homens, mas esses não os posso entender tão bem. Ajoelhou junto do parapeito e apoiou a cabeça nos braços.

— Chegou o momento — sussurrou Leyland. Detesto cidades, mas lançamo-nos como setas em sua direção e tentamos esgará-lo pelas costas. Esqueirou-se num alar e fechar de olhos, mas voltou imediatamente para nos olhar. Tanto quanto podia distinguir à luz das estrelas, estava a chorar. Leyland lançou-se outra vez no encalço e procuramos acudi-lo entre os caminhos de asfalto, mas sem o menor vislumbre de êxito.

Voltamos, arquejantes e desanimados, deixando-o à sua loucura no recanto extremo do terraço. Mas a minha Rosa teve uma ideia.

— Papai — gritou da janela — se desistir o Gennaro, talvez ele consiga apertar o Eustáquio para o senhor.

Não tinha o menor desejo de pedir um favor a Gennaro, mas como a proprietária tinha agora entrado em cena, pedi-lhe para ir e tentar a sair da carvoeira em que dormia e lhe mandar fazer o que quisesse.

Regressando logo, seguiu em breve por Gennaro, levando-o numa casaca sem botões, com o cabelo desgrenhado, e com os esquisitices raras de que tinham sido algumas cortadas rente aos joelhos para lhe facilitar a entrada na água. A pobre, que tinha tido alguns costumes ingleses, apresentava-se pela maneira imprópria e que infelicitosa como se apresentava.

— Tenho um palatê e tenho umas calças. Que mais quer a senhora?

— Não se preocupe, Signora Scafetti — interrompi — como não há senhoras, aqui não tem a menor importância. E em seguida, voltando-me para Gennaro, acrescentei:

— As filhas do senhor Eustáquio desejam que você o traga para casa.

Não me respondeu.

— Você não está ouvindo? Ele não está passando bem. Ordene-lhe que o vá buscar, e o traga para casa.

— Vá buscar, vá buscar — disse a sra. Scafetti, sacudindo-o rudemente pelo braço.

— Eustáquio está bem onde está.

— Vá buscar, vá buscar — gritou a sra. Scafetti, soltando uma torrente de palavras em italiano, a maior parte das quais, felizmente, não pude perceber. Olhei nervosamente para a janela das minhas filhas, mas ainda sabem menos italiano do que eu, e louvado seja Deus, posso afirmar que nenhum de nós entendeu uma só palavra da resposta de Gennaro.

Ficaram os dois berrando e vociferando um para o outro durante uns bons dez minutos, após os quais Gennaro fugiu para a sua carvoeira e a sra. Scafetti debulhou-se em lágrimas, como era de esperar, dada a grande conta em que tinha seus hóspedes ingleses.

— Ele diz — soluçou — que o senhor Eustáquio está bem onde está e que o não irá buscar. Não posso fazer mais nada.

— Mas eu peço, pois, à minha estúpida maneira britânica, adquiri certa compreensão do caráter italiano. Segui a sr. Gennaro até seu local de repouso e encontrei-o enfiado-se num saco sujo.

(Continua na pág. 49)



Metrolina

antisséptico.
adstringente
bactericida

O produto preferido pelas
senhoras modernas para a
sua HIGIENE INTIMA.

POMADA MINANCORA

Um verdadeiro
tesouro!



PARA FERIDAS, ECZEMAS,
INFLAMAÇÕES, COCEIRAS,
FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.

NUNCA EXISTIU IGUAL



JINX FALKENBURG E O "TACO"

CONHECEM o "taco"? Esperem... o "taco" não é ela... Quer dizer... Ela também é um "taco"... Mas o "taco" a que nos referimos aqui, é um saboroso prato mexicano, bastante temperado e gostoso... É esse prato que Jinx Falkenburg (que taco!) está preparando na sua cozinha típica ao ar livre. O vestido que ela usa nessa ocasião é de algodão do México, com aplicações de recortes com o seu nome e com fatias de melancias... Curioso, sugestivo e... saboroso, não acham?



A tonalidade "Amor" do baton Van Ess é preferida por milhares de mulheres — por que é uma cor que realmente sugere o seu próprio nome. A qualidade, o tamanho e o preço de Van Ess fazem-no preferido em toda parte.

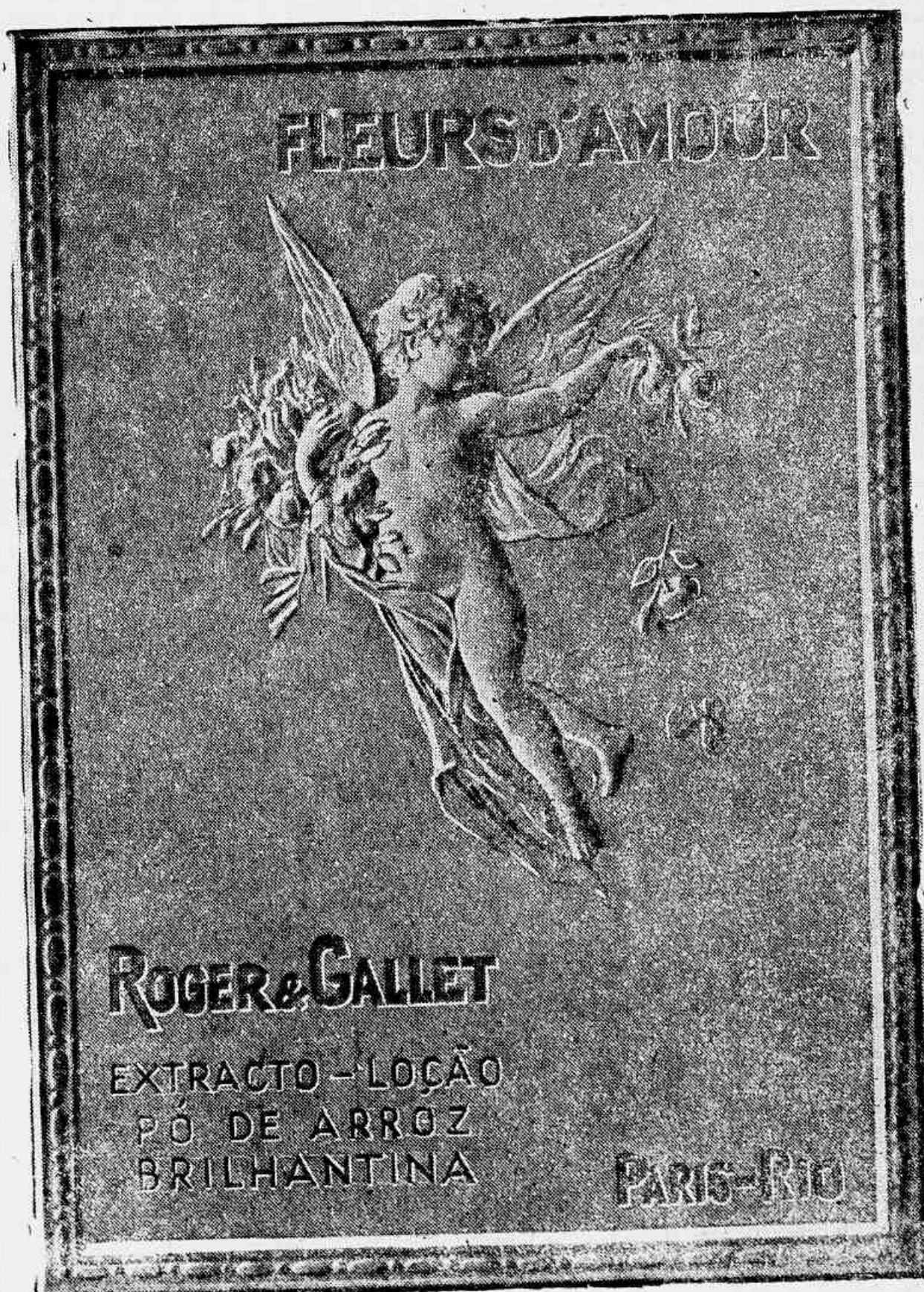


Baton

Van Ess

a cor moderna adequada ao seu tipo.

Para uma perfeita combinação — pó facial e "rouge" atomizado

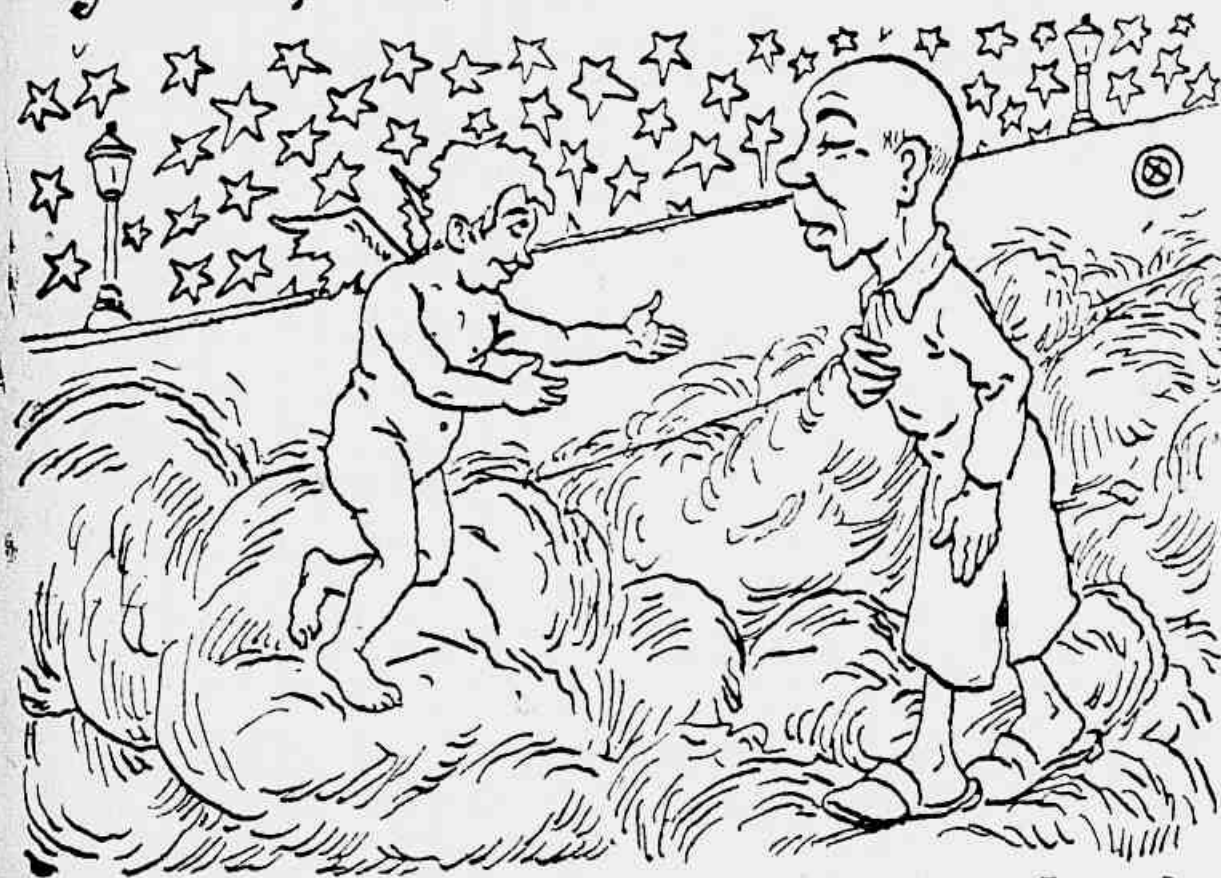
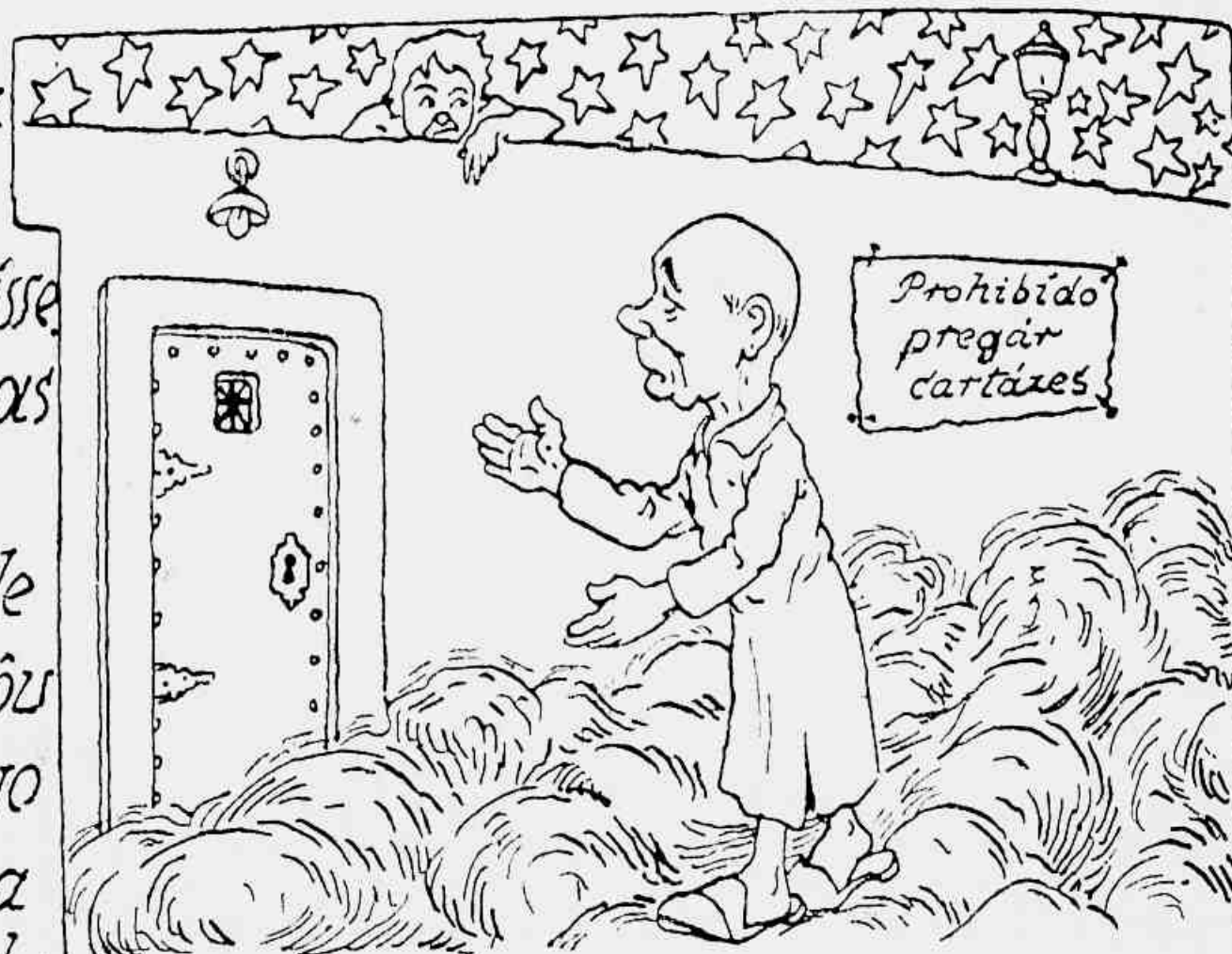


A lei seca, em sonho...



Para cosêr a habitual camuêca, Seu Braz ferrôu no sôno, a atenuâr o gôsto de cábo de guarda-chuva, quando despertásse. Sonhôu que subira às pórtas do céu e viu-as fechadas, por não sêr a hora das filas.

Um anjo aparecêu no muro e avisôu que ele não podia entrâr, por sêr bebedor. Ele jurôu ter abandonado o vício, éra abstêmio. O anjo pulôu do muro e abraçôu-o. Para celebrâr a regeneração, oferecêu-lhe uma dose de "Wisky".



Braz recusôu, plâno para confirmâr o que jurôu, mas o anjo tanto insistiu, que ele aceitôu um dedo só... Veio a garrafa com os copos, um dedo de "Wisky" em cada um. O Braz, desejando reforçâr a sua patrânha, pediu que enchesse o sêu côpo com água do potê. O anjo declarôu que ia arranjar a água, sempre condicionada para a distribuição em quotas por todo o orbe terráqueo. Precisava da autorização de

São Medardo, administradôr do abastecimento do precioso líquido.

Durôu meia hora a conferencia com o diretor; afinal, a cûsto e por muito favôr, o anjo conseguiu a modesta ração de uma moringa anã. Quando o anjo voltôu e ia preparar a mistura de água e "Wisky" para o visitante, a trombêta da portaria dêu o tóque de recolhêr; o susto despertôu o misero freguêz. Estonteado, com os olhos arregalados, a



arranhâr a lustrosa carêca, a boca sêca, o Braz entrôu na triste realidade. Resmungôu entre dentes, com raiva ferôz de si mesmo:

— "Fui um grande palerma! Porquê não bebi puro?"





A "REPRISE" DA ENTREVISTA — Durante o jantar, Armando Palacios falou sómente para o reporter, de maneira que teve de fazer uma "reprise" para os amigos. Neste grupo, vêm-se da esquerda para a direita, os jornalistas Manuel Moraes, Silva Rosa e Bandeira Duarte (de pé), Armando Palacios, Mark Berkowicz, Mariuccia Iacovino e Arnaldo Estrela. Os quatro últimos isolaram-se num movimento de "bôa vizinhança" e a ver se las fisionomias, o artista chileno devia estar contando histórias notáveis do país dos Andes.

ONDE OS MÚSICOS NÃO SÃO OBRIGADOS A TER DOIS EMPREGOS

No Chile, os membros da Orquestra Sinfônica são exclusivos — Os artistas americanos vivem isolados. Necessária a realização de um Congresso de Artistas — A temporada de Viña de Mar é mantida com 87% da renda de um casino — "Estrela foi uma surpresa para mim" — Salzburgo nos Andes — A SODRE e o Instituto de Extensão Musical — Oportunas declarações do pianista Armando Palacios à REVISTA DA SEMANA

Falando à imprensa, durante a presente temporada, quando dirigiu a Orquestra Sinfônica Brasileira em magníficas audições, o maestro Eugene Ormandy teve oportunidade de fazer uma verdadeira apologia do músico brasileiro, do instrumentista atormentado de compromissos de ordem econômica, desdobrando-se várias atuações dentro de sua atividade e às vezes em atividades diversas.

Saltentou o grande regente americano que os componentes das nossas orquestras, apesar de dotados de capacidade técnica apreciável, não podem dar o melhor dos seus esforços à atuação nos conjuntos sinfônicos, porque vivem extenuados em consequência de um excesso de trabalho a que os obrigam as necessidades materiais da vida. Isto se reflete de maneira particularmente sensível no rendimento da sua capacidade prejudicando em última análise a música sinfônica.

A entrevista de Ormandy causou magnífica repercussão no seio da classe, dada a autoridade e insuspeição do seu nome mas não influenciou bastante aqueles que poderiam contribuir para a solução do problema.

OS ARTISTAS AMERICANOS VIVEM ISOLADOS

Foi depois de um concerto de Arnaldo Estrela que nos veio a sugestão de uma entrevista com Armando Palacios,

o pianista chileno que há pouco esteve nesta capital, tendo tocado em dois concertos com a O. S. B. Entre um autógrafo e outro, depois da magnífica versão que nos deu do concerto de Grieg, o grande artista brasileiro nos chamou a atenção para a oportunidade de uma palestra com o seu colega dos Andes, em cuja terra os músicos não são obrigados a ter dois empregos porque uma organização lhes assegura meios de prover a própria subsistência tocando em uma só orquestra.

No dia seguinte, fomos encontrar Armando Palacios num jantar entre amigos, críticos e cronistas musicais na casa de Mariuccia Iacovino.

Inicialmente, declarou-nos o distinguido pianista que é diretor artístico da municipalidade de Viña del Mar:

— No Chile se desconhece totalmente a cultura musical brasileira, do mesmo modo que aqui ignoram-se os grandes valores artísticos do meu país.

De um modo geral, na América do Sul, há várias organizações de amparo e apoio aos músicos, e de controle das atividades artísticas que desempenham, aqui e ali, uma importante função no seio da classe. Mas são organizações que agem isoladamente. Não há coordenação de esforços para um fim comum. Pois se dentro de um mesmo país falta, na maioria das vezes, essa unidade de ação,

O TIMPANISTA — Benedito Pulvirenti é o timpanista da Orquestra Sinfônica Brasileira. Muito embora o seu instrumento não seja comum a qualquer conjunto orquestral, como é o caso do violino ou de um trompete que caíram em qualquer orquestra, o timpanista é como os outros uma vítima da nossa deficiente organização em matéria de vida musical. Tem que lançar mão de outras atividades para assegurar-se uma vida decente, mesmo modesta.



Dentre todas as organizações que tenho conhecido na América do Sul, inclusive a SODRE, no Uruguai, que presta grandes serviços à arte, o Instituto de Extensão Musical da Universidade do Chile me parece o mais eficiente para o desempenho das suas tarefas.

A Universidade tem uma Faculdade de Belas Artes à qual pertencem, entre outros organismos, o Instituto de Extensão Musical. Este, por sua vez, se constitui de uma Orquestra Sinfônica, Cêros, Bailados e de um Quarteto.

ARTISTAS EXCLUSIVOS

Todos esses conjuntos são oficiais e os artistas a eles pertencentes, exclusivos.

Pensamos nas condições em que vivem os nossos músicos, tocando noites seguidas em night-clubs e cafés para fazer face às dificuldades econômicas e indagamos:

— Mas é suficiente o ordenado que eles percebem, para se darem ao luxo de ter um só emprego?

— Esta é uma das grandes virtudes do Instituto. A organização permite que se assegure aos profissionais um ordenado à altura das necessidades criadas pela vida. São artistas exclusivos mas para isso não têm necessidade de sofrer privações.

DIFUSÃO DA CULTURA MUSICAL POR TODO O PAÍS

— E qual a posição do Instituto em face da administração pública? Não sofrerá ele as naturais limitações decorrentes da burocracia, das imposições oficiais, ou obstáculos semelhantes?

— A Universidade é autônoma. Perfeitamente autônoma no exercício da sua missão cultural. E sendo assim as autoridades não se imiscuem na sua vida interna. Assim, a programação e realização das atividades do Instituto correm por conta e sob a responsabilidade única dos artistas designados para esse fim.

Mas o que é particularmente digno de referência é a amplitude da ação desenvolvida pelos seus organismos, em todo o país. Levando em conta que a Universidade é mantida com impostos pelos habitantes de todas as regiões, a Orquestra Sinfônica e as demais entidades do Instituto de Extensão Musical percorrem o país todos os anos, realizando concertos e outros espetáculos de arte às populações das principais cidades.

CONCERTOS PARA ESTUDANTES E OPERÁRIOS

Os concertos são realizados pela manhã para os estudantes, à tarde para o público em geral e à noite para os operários aos quais não é negada a oportunidade do conhecimento das grandes obras.

Todo esse movimento é financiado por um imposto que incide sobre as entradas de cinema e teatro.

O TEATRO EXPERIMENTAL DO CHILE

A seguir, Armando Palacios fala sobre o Teatro Experimental do Chile, também amparado pelo governo. Essa organização foi fundada em 1940 pela grande teatróloga Margarita Xirgu e que tem dado oportunidade ao aparecimento de figuras de valor no palco chileno.

A TEMPORADA DE VERÃO EM VIÑA DEL MAR

O pianista Armando Palacios é o diutor artístico da Municipalidade de Viña del Mar, onde se realiza, todos os anos, uma brilhante temporada de verão, com concertos

DOIS IRMÃOS DE CONTINENTE E SACERDÓCIO — Armando Palacios e Arnaldo Estrela, irmãos de Continente e de sacerdócio que outra coisa não é a vida devotada à arte. Os dois se entendem muito bem. Eles se tornam grandes quando o público entende a sua mensagem, o tesouro dos grandes criadores que os seus dedos desvendam.



VAIDADE OU PRAZER MUSICAL? — Ninguém sabe. Palacios sentou-se ao piano e começou a tocar despreocupadamente acordes... digamos sem compromissos. Quando a Exakta funcionou ele ficou nesta atitude. Não apuramos se estava desfrutando o acorde da sétima diminuta ou se previu as manobras do fotógrafo e fez uma pose. Que o digam os leitores a quem incumbimos também de resolver o acorde: é uma porta que se abre para muitos caminhos.

como esperar que ela exista em relação a um grupo de nações tomadas em conjunto?

ESTRELA FOI UMA SURPRESA PARA MIM

E no entanto, prossegue o nosso entrevistado, o conhecimento dos artistas dos países irmãos tem muita importância para o intercâmbio artístico no continente. De um modo geral, nos preocupamos muito em convidar os virtuosos de outros países não americanos. Os nomes arrevizados seduzem os nossos empresários, ávidos de um "cartaz" de sensação.

Estrela, por exemplo, foi uma surpresa para mim. É um grande pianista e no entanto não tem ainda a projeção que merece. Mas se ele se chamasse Estrelovsky possivelmente teria concertos garantidos em todas as capitais do continente. Da minha parte, asseguro-lhe que não me deixo impressionar pela sensação publicitária. E já convidei Arnaldo Estrela para ir ao Chile, para dar ao meu povo uma prova das grandes possibilidades da autenticidade musical brasileira.

— Mas nós temos, como o Chile, — sugerimos, — artistas de talento com projeção internacional.

— Não resta dúvida, — continuou Arnaldo Palacios — que nomes como o de Villa-Lobos, Claudio Arrau e Guiomar Novais, se impuseram no conceito dos maiores centros artísticos do estrangeiro. Mas eles foram buscar a glória fora das fronteiras para que depois fossem amu-

lerados dentro de suas pátrias na medida do seu valor. Veja o caso de Villa-Lobos. Só depois que voltou de Paris, os brasileiros o aceitaram definitivamente. O mesmo sucedeu com Claudio Arrau.

UM CONGRESSO DOS ARTISTAS SUL-AMERICANOS

O momento é de conquistas coletivas. Somente organizados os homens estão aptos a reivindicar os seus direitos, a pleitear melhores condições de existência. E os artistas que não são absolutamente homens à margem dos imperativos sociais, não escapam à regra geral. Por isso, não constituíram surpresa para o reporter as seguintes declarações do artista chileno.

— Torna-se necessário promover, o mais cedo possível, um intercâmbio intenso de virtuosos, diretores de orquestra e compositores de todos os países americanos. Nesse sentido, vou sugerir, e desejaria que outros me ajudassem nessa tarefa, a realização de um Congresso dos Artistas Americanos que, à semelhança de outros conclaves que se têm realizado, congregando profissionais das ciências e da literatura, trabalhasse com maiores possibilidades de sucesso, pelos interesses dos músicos.

Aqui fica o apelo do nosso entrevistado para os dirigentes das nossas organizações artísticas dele tomarem conhecimento e promoverem os entendimentos necessários a um melhor congegamento dos músicos americanos. Que isto fique um baluarte à nossa frente.





A MELHOR PARTE DA ENTREVISTA — Mais justo aliás, seria dizer: a porção mais gostosa. Não pelo conteúdo das declarações de Armando Palacios mas pela proximidade de um vaso cheio de biscoitos autênticos de trigo puro... que não foram comprados no câmbio negro, convém notar. Mas Palacios não se emocionou com os biscoitos e falou serena e seguramente sobre a vida dos músicos no Chile. Naturalmente, na sua terra não se morre de andar atrás de um nada para o almoço.

baillados, exposições de pintura e outras atividades artísticas.

— Para essas temporadas que já foram promovidas em número de quatro, de janeiro a fevereiro, além da participação da Orquestra Sinfônica e demais organismos ao Instituto de Extensão Musical, são convidados artistas e conjuntos estrangeiros de renome. Em Viña del Mar já se apresentaram em memoráveis concertos Kleiber (que fez o ciclo das sinfonias de Beethoven), Busch, Albert Wolf, Juan José Castro, Fiselburg, o Quarteto Lenas, etc.

SALZBURG NOS ANDES

A idéia foi fazer de Viña del Mar uma espécie de Salzburgo, lembrando os famosos festivais que celebrizam o berço de Mozart.

O TROMPISTA — Marques Benzamquem é trompista da O. S. B., um profissional que deveria dedicar todo o tempo ao aperfeiçoamento da sua arte. Mas como fazê-lo? Quem é que vai pagar 1.000 cruzeiros de aluguel de um apartamento? E roupa, e alimentação?

E felizmente, até o presente, a iniciativa tem sido coroada de sucesso. Ainda este ano, convidamos a Orquestra Sinfônica do Peru, promovemos uma exposição de pintura peruana, exibindo quadros que pela primeira vez foram retirados da Catedral de Lima. Além da significação artística, o acontecimento teve grande repercussão como meio de promover um intercâmbio mais intenso a respeito do qual já falei e de que os artistas americanos tanto necessitam, para se tornarem mais conhecidos entre si.

FINANCIADA POR UM IMPOSTO SOBRE O JOGO

— Mas a temporada de Viña del Mar também é sustentada pelo imposto sobre entradas de cinemas?

— Não. Lá existe um cassino que explora o jogo e serviços de restaurante, hospedagem e outros serviços.

O CONTRABAIXISTA — Antonio Leopardi, primeiro do naipe desse instrumento na O. S. B., talvez sugestionado pela fala "grossa" do contrabaixo, tem uma pose de imperador quando está tocando. Nada disso. É um cidadão modesto e pobre como todo músico no Brasil.

Quanto rende, não sei. Mas o certo é que 87% da renda são destinados à manutenção das realizações artísticas, cabendo ao concessionário apenas 13%.

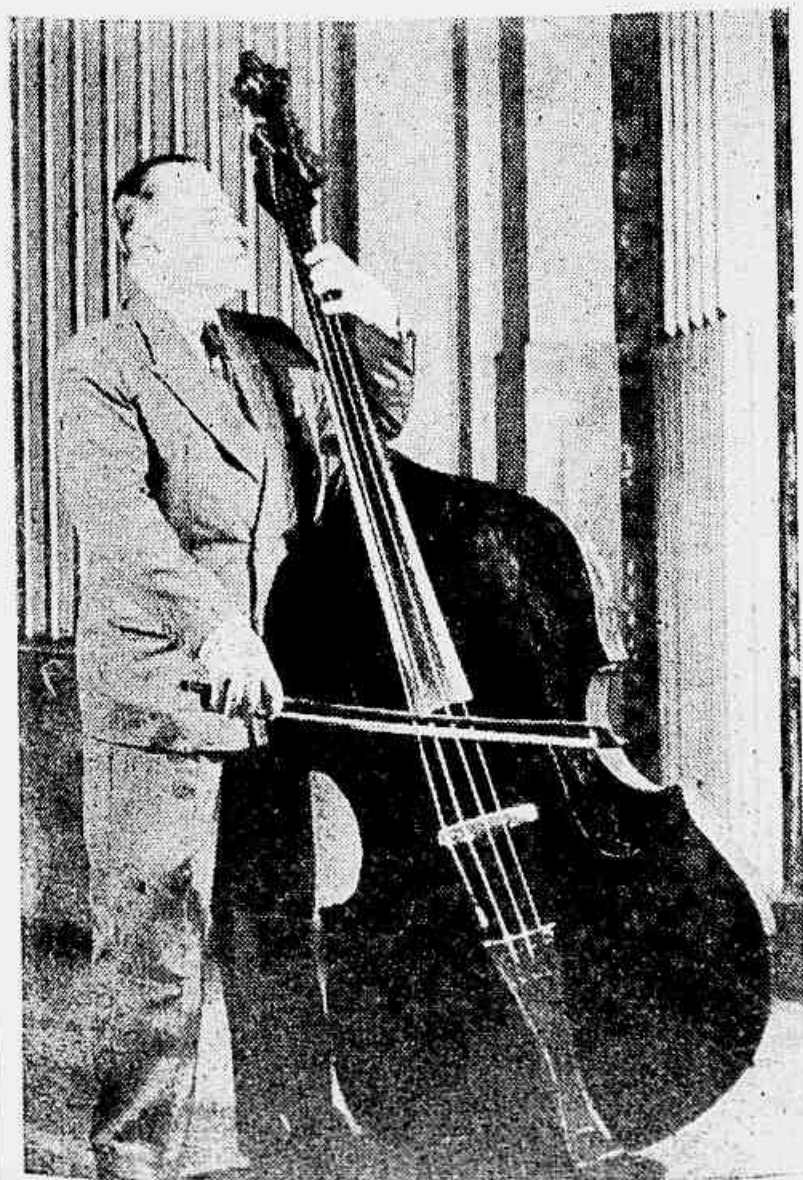
Pelo menos, rematou o nosso entrevistado, salva-se do vício o custeio dessa realização.

OS GRANDES ARTISTAS DO CHILE

Depois de uma ligeira pausa em que o Armando Palacios sorveu um copo de caldo de abacaxi (coisa que não é nenhum "abacaxi" no conceito pejorativo da expressão), falou sobre os artistas do seu país, referindo-se principalmente a Domingos Santa Cruz, decano da Universidade, e a Enrique Soro, Humberto Allende, Acacio

(Continua na pág. 54)

NÃO É UM PIANO DE BRINQUEDO — mas uma Celesta, o instrumento que Werther Politano está tocando. Pianista de talento, nem por isso, Politano deixa de ser um artista atribulado pelas preocupações econômicas. No Brasil só se faz independência à custa da música traindo a arte.





Em São Paulo...

A sempre agradável visita
aos melhores estabelecimentos
de moda da cidade.

Casa Anglo-Brasileira
Succesora de Mapin Stores
R. Rios de Janeiro, 131

ARABIA

(Continuação da pág. 19)

be responder. Perguntou-me se eu pretendia ir ao "Arábia". Não me lembro se lhe disse que sim ou que não. Ia ser uma ótima quermesse, a que ela gostaria imensamente de assistir.

— E por que não vai? — perguntei.

Falava, fazendo girar sobre o pulso uma pulseira de prata. Não poderia ir, disse ela, por haver retiro no colégio exatamente nessa semana. O irmão dela e outros dois meninos brigavam por causa dos bonés enquanto nós dois nos encostávamos à grade, e ela, inclinando a cabeça para mim, segurava um dos varais. A luz do lampeão fronteiro à nossa porta refletindo-se na curva do pescoço e nas tranças pendentes, batia-lhe na mão apoiada à grade. Daí resvalava-lhe pelo vestido, levemente arregaçado, sob o qual se avistava a fímbria da saia branca.

— Você devia ir — disse ela.

— Se for — respondi — trago-lhe uma lembrança.

Quantas loucuras não sonhei, ora acordado, ora adormecendo, a partir daquela noite. Quem me dera poder suprimir os dias enfadonhos que me separavam da data almejada. O estudo irritava-me. À noite, no quarto, ou de dia, na sala de aula, a imagem dela se interpunha

entre mim e a página que eu me esforçava em vão por ler. As sílabas repassadas de magia oriental da palavra "Arábia" ecoavam constantemente no silêncio em que a minha alma se comprazia. Pedi licença para ir à quermesse no sábado, à noite. Minha tia, espantada logo desconfiou de alguma sessão de magia. Mal respondia na escola às perguntas do professor cuja fisionomia de amável passava a carrancuda, estranhando a minha desusada vadiagem. O caso era que eu não conseguia mais ligar duas idéias e que a vida cotidiana, completamente alheia aos meus anseios secretos, parecia-me uma futilidade, de uma monotonia insuportável.

Sábado pela manhã, vendo meu tio mexer no cabide do vestibulo à procura da escova de chapéus, lembrei-lhe o meu desejo de ir à quermesse, à noite.

— Já sei, menino, já sei.

Estando ele no vestibulo, não me era possível ficar à espreita, na sala da frente. A atmosfera doméstica parecia carregada e, encaminhei-me desanimado para a escola. O tempo continuava enevoado eu sentia um aperto no coração.

Quando entrei para jantar, titio não havia voltado. Era cedo ainda. Fiquei algum tempo sentado em frente ao relógio, cujo tic-tac acabou me irritando. Sai e subi até o último andar. Percorrendo as salas frias, vazias e espaçosas, senti-me melhor e pus-me a cantarolar. Pela janela da frente, via brincando, lá em baixo, na rua, os meus companheiros cujos gritos chegavam-me abafados e indistintos e, apoiando a testa à vidraça gelada, contemplei a casa escura, onde ela morava. Demorei-me ali talvez uma hora, vendo com os olhos da imaginação a figurinha vestida de marrom, discretamente iluminada no pescoço torneado, na mão apoiada sobre a grade e na barra da saia pela luz bruxuleante do lampeão. Ao descer, encontrei ainda Mrs. Mercer, sentada junto ao fogão. Era uma velha tagarela, viúva do dono da casa de penhores, colecionadora de selos usados e intentos piedosos. Tive que aturar a prosa durante o chá, que se prolongou por mais de uma hora. E titio nada de chegar. Mrs. Mercer levantou-se finalmente: sentia não poder demorar-se mais, mas já passava das oito, e não gostava de voltar tarde para casa com receio do ar frio da noite. Mal ela saiu, principiiei a andar de cá para lá na sala, cerrando os punhos. Minha tia disse:

— Receio que tenha de desistir da quermesse, esta noite de Cristo.

Às nove, ouvi meu tio virar a chave na fechadura da porta da rua. Ouvi-o depois falar sozinho e ranger o cabide, sob o peso do seu sobretudo. Diante desses sinais inconfundíveis, só no meio do jantar, ousei pedir-lhe dinheiro para ir à quermesse. Ele esquecera-se completamente.

— Ora, a esta hora todo mundo já está na cama e no segundo sono.

Nem sorri. Minha tia disse-lhe enérgicamente:

— Dê-lhe já o dinheiro, deixe-o ir. Não o atrase mais.

Meu tio desculpou-se do esquecimento, dizendo acreditar no ditado "Jack, trabalhando demais e divertindo-se menos, tornou-se um menino tristonho". Perguntou-me onde ia e, repetindo-lhe eu o nome da quermesse, perguntou-me mais se eu conhecia "O adeus do árabe ao seu corseil". Saindo pela porta da cozinha, ouvi-o ainda recitar o começo da poesia à minha tia.

Desci Buckingham Street em direção à estação, apertando na mão o precioso florim. As ruas cheias de compradores, brilhando à luz do gás, recordaram-me a razão da minha excursão. Sentei-me num carro de terceira classe de um trem vazio que, ao cabo de intolerável demora, principiou a andar. Saindo vagarosamente da estação, passou entre casas miseráveis e atravessou o rio coruscante. Na estação de Westland Row precipitou-se sobre as portas do carro verdadeira multidão de passageiros mas os carregadores afastaram-nos, explicando que aquele era o trem especial para a quermesse. Fiquei de novo só no carro vazio. Paramos poucos minutos depois junto a uma plataforma de madeira improvisada. Entrando na rua, via, no mostrador iluminado de um relógio, que faltavam dez para as dez. Bem na frente, ostentava-se num edifício, o nome mágico.

Não consegui encontrar quichê e, temendo que a quermesse já estivesse fechada, passei depressa pela "borboleta", entregando um xelim a um homem macambúzio. Achei-me então num vasto saquão, cercado a meia altura por uma galeria. A maioria das barracas estavam fechadas, e grande parte do recinto às escuras. Reinava ali o mesmo silêncio que na igreja, finda a missa. Encaminhei-me timidamente para o centro da quermesse. Aglomeravam-se algumas pessoas pelas barracas ainda abertas. Diante de uma cortina, sobre a qual se lia *Café Chantant*, em lâmpadas de cor, dois homens contavam dinheiro numa bandeja. Ouvi tinir o dinheiro, caindo.

Esforçando-me por evocar a razão que me trouxera à quermesse, dirigi-me a uma das barracas e ali fiquei, contemplando vasos de porcelana e serviços de chá pintados. À porta da barraca, uma moça ria e conversava com dois rapazes. Ouvindo, vagamente, a conversa, percebi pelo sotaque que eram todos ingleses.

— Ora, eu nunca disse semelhante coisa.

— Ora, disse sim, senhora!



STANDARD
CR\$ 115,00

FEDERAL
CR\$ 165,00

INCA
CR\$ 285,00

AMERICA
CR\$ 150,00

CAPITAL
CR\$ 265,00

BRASIL
CR\$ 300,00

ANNA, TOBALTO

Registrado e garantido por lei. A Chave Maravilha. Um presente inquebrável. Com o Anel, Planeta e a Pedra do dia e mês do nascimento. Feito de Prata Fina com ouro de 18 K. Também fornecemos todo o Ouro com Pistina. Manos mudadas do dedo, o dia e mês do nascimento, pagando no ato de recatá-lo na Agência do seu Correlato pelo Recatamento. Por favor, peça o "Anel" — Rua Augusta, 2.º 15, Rio de Janeiro.

— Juro que não disse!

— Disse, ouvi perfeitamente!

— Ah! Não... minta!

Dando comigo, a moça aproximou-se, perguntando-me se eu queria comprar alguma coisa, sem muita convicção, aliás, percebendo-se que falava por mera obrigação. Fitei humildemente as duas grandes jarras que pareciam montar guarda de cada lado, à entrada da barraca, e murmurei:

— Não, obrigado.

A moça mudou um dos vasos de posição e voltou para junto dos rapazes. Recomeçaram a conversar sobre o mesmo assunto. A moça, uma vez ou outra, virava-se para lançar-me um olhar desconfiado.

Reconhecendo embora a inutilidade da minha permanência ali, demorei-me ainda diante do balcão, fingindo interesse pelas mercadorias expostas. Afastei-me, depois, lentamente, e atravessei o centro do saquão. Deixei cair no fundo do bolso os dois pennies, ainda presos entre os dedos que foram juntar-se aos outros seis. De uma das extremidades da galeria uma voz gritou que iam apagar as luzes. A parte superior do saquão já estava completamente escura. Imerso na escuridão, considerei-me um pobre coitado, vítima de uma vaidade estúpida. E, angustiado, sentia arderem-me os olhos de desaponto.

(Tradução de ALFREDO MESQUITA da edição "Leitura").

SOFRE DO FIGADO?
TOME
BIO-HEPAX
produto do laboratório da GUARAMIDINA

LUTA PELA BELEZA

Na luta incessante pela sua beleza, pela sua boa aparência, pela sua estética, a mulher não poupa sacrifícios, nem os de ordem econômica, adquirindo e usando o mais variado sortimento de cremes, pomadas e todos os artigos de perfumaria e de farmácia, nem os de ordem física, submetendo-se paciente e corajosamente a toda sorte de regimes, massagens, ginásticas, etc. Censura nenhuma ela merece por isso, uma vez que lutando pela obtenção ou pela conservação de sua beleza ela nada mais faz que lutar pela sua própria vitória, isto é, pela sua própria felicidade. Não se pode, pois, censurá-la em relação ao objetivo de sua luta. Mas muitas observações nos sugerem os meios nem sempre eficazes e adequados de que ela lança mão para atingir esse objetivo. Quantas moças e senhoras tratam com especial cuidado de sua pele, de seus cabelos, de suas unhas, de suas sobrancelhas, de sua boa aparência, enfim, esquecendo-se do principal: de sua saúde íntima. Muita ginástica, muitas massagens, muitos cremes, tinturas, etc.! Mas nenhuma providência, nenhum tratamento, no sentido de regularizar o seu organismo, de afastar perturbações, que são geralmente a causa primeira dos defeitos da pele, da obesidade e de mil outros inimigos da boa aparência, da beleza! Husão perigosa e prejudicial! Sem saúde não há beleza! Antes de qualquer providência, antes de qualquer tratamento visando assegurar a sua beleza, garanta a regularidade de seu organismo, combata os males do seu sexo e os afaste definitivamente recorrendo ao remédio que é fabricado de acordo com a natureza deles: **REGULADOR XAVIER**. O Regulador Xavier N.º 1 se aplica nas regras abundantes, hemorragias e suas consequências. O Regulador Xavier N.º 2 se aplica na falta ou diminuição de regras e suas consequências. O Regulador Xavier — o N.º 1 ou o N.º 2, conforme o seu caso — lhe dará saúde, saúde permanente, saúde integral. E a saúde é a fonte única e inesgotável de sua beleza! Grave bem: **REGULADOR XA-VI-ER**.

GABRIEL RANGEL FONE 23-4742
Máquinas de escrever e acessórios
OFICINA COMPLETA
RUA SENHOR DOS PASSOS, 85 — 2.º Lda

ADQUIRA O DIREITO DE SER JOVEM E BELA
Usando
VELAS ANTISSÉPTICAS
TAVARES
MARCA REGISTRADA



AGORA EM NOVA EMBALAGEM

Em todas as Farmácias e Drogarias do Brasil

Prisão de Ventre!

O MAIOR INIMIGO DA SAÚDE!

Parar-se, quando nãado da prisão de ventre, é ir contra a natureza. O resultado desta medida é agravar ainda mais as dificuldades dos intestinos. É preciso ajudar a natureza, e as Pílulas Aloicas ajudam a natureza. São um regular reeducar os intestinos, normalizando suas funções e desintoxicando o organismo salvando as polias fermentações dos detritos alimentares retidos por muito tempo. As Pílulas Aloicas lhe restituirão a saúde, o bem estar e a energia.

Pílulas ALOICAS

Historia de um panico

(Continuação da pág. 42)

— Desejo que me traga o sr. Eustázio — disse-lhe.

Lançou-me uma resposta ininteligível.

— Se o for buscar dou-lhe isto aqui

— e tirei do bolso uma nota de dez li-

ras, novinha.

Desta vez nem respondeu.

— Esta nota vale dez lias de prata

— continuei, pois sabia que as classes

pobres italianos são incapazes de co-

nhecer a menor soma avultada.

— Bem sei.

— Isto é, duzentos soldi.

— Não os quero. Eustázio é meu

amigo.

Tornei a enfiar a nota no bolso.

— Além disso, o senhor não dava mes-

mo.

— Sou inglês. E os ingleses sempre

cumprem o que prometem.

— Bom, isso é verdade. É surpreen-

dente como a mais desonesta das nações

confiava em nós. De fato, confiam mais

em nós de que nós próprios confiamos

uns nos outros. Gennaro ajoelhou-se jun-

to do seu saco. A escuridão era dema-

siada para eu lhe ver o rosto, mas sen-

tia-lhe resfolegar o hálito quente satu-

rado de alho, e sabia que a eterna ava-

reza do sul se tinha apoderado dele.

— Não posso ir buscar o Eustázio

para casa porque ele é capaz de mor-

rer aqui dentro.

— Não é preciso tanto — disse pacien-

temente — basta trazê-lo para junto de

mim; eu estarei à entrada do jardim.

E a isto, como se se tratasse de qual-

quer coisa de inteiramente diferente o

desprezível moço acedeu.

— Mas primeiro dê-me as dez lias.

— Não — pois sabia com quem esta-

va lidando. Tendo traído uma vez, tra-

ria sempre.

Regressamos ao terraço e Gennaro,

sem uma palavra, caminhou em direção

aos passos que e escutavam agora na ex-

treimidade do jardim. Mr. Sandbach,

Mr. Leyland e eu afastamo-nos um pou-

co da casa e ficamos praticamente invi-

síveis na sombra das trepadeiras de ro-

sas brancas.

Ouvimos um "Eustázio!" seguido de

absurdos gritos de prazer proferidos pelo

pobre menino. O ruído dos passos ces-

sou e ouvimos os dois falando. Aprox-

imaram-se as vozes e em breve pudemos

distinguir entre as trepadeiras a silhueta

grosca do moço e o vulto franzino do

rapazinho, envolto em branco. — Gen-

naro tinha passado o braço à volta do

pescoço de Eustázio — que vinha fa-

lando desembaraçadamente no seu ita-

liano mal amanhado.

— Compreendo quase tudo — ouvi-o

dizer. Árvores, morcos, estrelas, águas,

entendo tudo. Mas não é esquisito?

Não consigo entender os homens nem

um pouco. Você sabe o que eu quero

dizer, não sabe?

— Ho capito — disse Gennaro grave-

mente, retirando o braço dos ombros de

Eustázio. Mas eu amafianhei a nota

nova no bolso, e ele ouviu o ruído. Es-

tendeu a mão num sobressalto, e Eus-

tázio, sem suspeitar de nada, apertou-

a na sua.

— Esquisito, hein... — continuou
Eustázio — estavam agora muito per-
to — parece como se, como se...

Deu um pulo e agarrei-o pelo braço,
Leyland pegou-lhe no outro e Mr. Sand-
bach segurou-lhe os pés. Desatou a dar

gritos de trespassar o coração; e as rosas
brancas, que se estavam desfolhando
codo, naquele ano, começaram a cho-
ver-lhe em cima, enquanto o arrastáva-
mos para casa.

Apenas entramos, parou de gritar; mas
torrentes de lágrimas brotaram-lhe silen-
ciosamente dos olhos e se derramaram
por seu rosto erguido para nós.

— Não, para o meu quarto não —
suplicou. — É tão pequeno.

Seu olhar infinitamente doloroso en-
cheu-me de uma estranha piedade, mas
que havia eu de fazer? Além disso a
janela do seu quarto era a única com
grades.

— Não se aflija, meu filho — disse o
compassivo Mr. Sandbach. — Eu lhe
farei companhia até de manhã.

Ao ouvir isto recomeçou a debatar-se
convulsivamente.

— Oh por favor, isso não. Tudo, me-
nos isso. Prometo ficar deitado sossega-
damente e chorar o menos possível, se
me deixarem só.

De maneira que o deitamos na cama,
e lhe puxamos os lençóis para cima, e
o deixamos soluçando amargamente e
dizendo:

— Quase que cheguei a ver tudo e
agora não vejo nada.

Comunicamos às misses Robinsons
tudo o que tinha acontecido e regressa-
mos à sala de jantar, onde encontra-
mos a senhora Scafetti e Gennaro co-
chichando. Mr. Sandbach arranhou pa-
pel e caneta e começou a escrever ao
doutor de Nápoles. Puxei imediatamente
pela minha nota e lancei-a sobre a mesa
em direção a Gennaro.

— Eis a sua paga — disse-lhe seve-
ramente, pois tinha no pensamento os
Trinta Dinheiros.

— Muito obrigado ao senhor —
disse Gennaro deitando-lhe a mão.

La-se embora, quando Leyland, cujos
interesses e indiferenças eram sempre
deslocados, lhe perguntou o que é que
Eustázio queria dizer com "não podia
entender os homens nem um pouco".

— Não posso dizer. O Signor Eusta-
zio (gostei de observar nele por fim uma
certa deferência) tem um cérebro sutil.
Compreende muitas coisas.

— Mas ouvi você dizer que entendia
— persistiu Leyland.

(Continua na pág. 52)



• Ao comprar um sabonete Vale Quanto Pesa, verifique, com atenção, se o mesmo tem gravada em seu envoltório a figura de uma balança. O verdadeiro sabonete Vale Quanto Pesa tem essa figura gravada como símbolo de sua legitimidade.

VALE QUANTO PESA

GRANDE, BOM E BARATO!

* À VENDA EM TODO O BRASIL *

R. Ferraz

MICHEL...
*Para lábios
 que atraem beijos*

Sedução ardente e arrebatadora
 será privilégio de seus lábios quando
 usar o novo, vibrante e atraente matiz
 Mariposa que, como todos os outros
 batons Michel, tem uma base mágicamente
 suave, espalha-se uniformemente e
 permanece por mais tempo. Experimente
 hoje o baton Michel Mariposa ou
 qualquer das outras 10 incitantes
 tonalidades naturais Michel.

46-2

Michel
 NEW YORK · PARIS · LONDON

BATON -- PÓ -- ROUGE -- MÁSCARA -- SOMBRA -- MAQUILAGEM CAKE



Modelo "convertível"

LINA ROMAY, a graciosa "estrela" da MGM, escolheu para seu guarda-roupa: roupa particular, modelos práticos, "convertíveis", como este que aqui apresentamos. A vantagem deste modelo, é que pode ser usado pela manhã na praia ou no campo e à tarde na cidade.

É composto de saia de jersey quadriculado, azul-vermelho e branco, bolero do mesmo tecido e blusa de jersey azul-marinho.

A saia é "godet", em dois panos, unindo-se na frente em desenho. O bolero tem mangas japonesas, forma desenho em sentido oposto ao da saia e tem a gola alta.

A blusa é transpassada sobre o busto, formando gola. Grande decote.



**MAIS VALE
 PREVENIR...
 DO QUE
 REMEDIAR**

SIGA
 ESTE
 PROVERBIO

**TOME E DÊ
 AO
 SEU FILHO
 EMULSAO
 DE SCOTT**

PARA CASA E PASSEIO



Em cima: Ingrid Bergman, apresenta-nos um dos seus mais recentes modelos. Saia "godet", com quatro panos, recorte em "V" na cintura. A saia é em fina lã azul-marinho. A blusa, cosida à saia, é de lã azul claro, mangas japonesas, ajustadas do cotovelo para baixo. Viéz branco no recorte da gola. Em baixo: "Tailleur" quase clássico, de linhas muito simples em lã xadrezada preto e branco recortes enviezados nos bolsos.



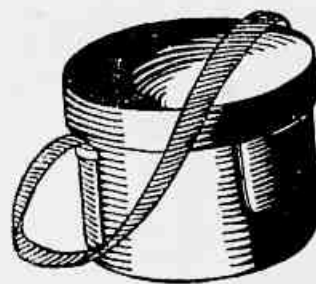
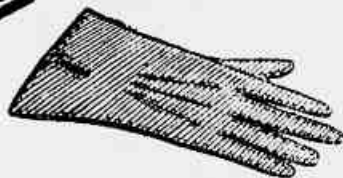
Novidades ALICATOR



1186



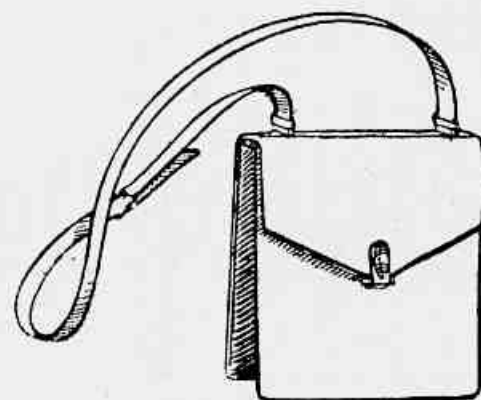
1146



1171



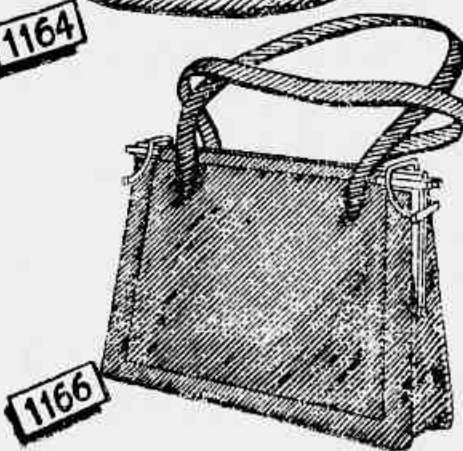
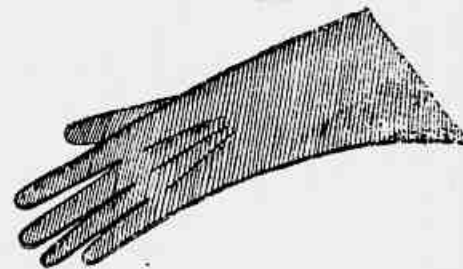
1118



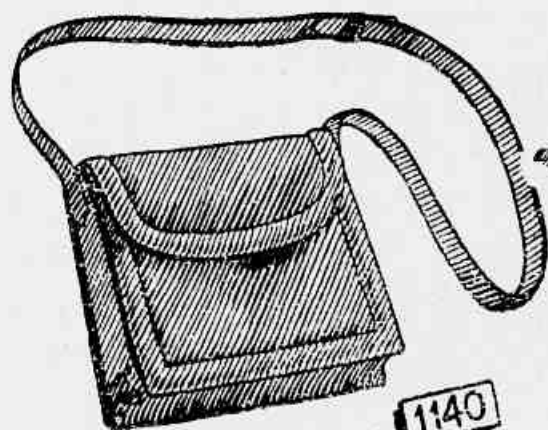
1168



1164



1166



1140

Progresso - 3-4887

Mod.	1168	Tam.	18 x 16	Em	Pelica ou Verniz	310,00
"	1171	"	11 x 15	"	" Camurça	330,00
"	1164	"	21 x 17	"	" "	320,00
"	1166	"	19 x 23	"	" "	190,00
"	1146	"	17 x 26	"	Faile, Suéd ou Camurça	190,00
"	1140	"	23 x 22	"	Pelica ou Verniz	260,00
"	1186	"	29 x 27	"	" Camurça	330,00
"	1118	"	25 x 27	"	" "	410,00

LUVAS: — Curtas Esporte, Pelica ou Suéd 65,00
" Sax (toilet), Pelica ou Suéd 65,00

LUVAS, CÔRES: — Preto, Marron, Branco, Marinho.
BOLSAS, CÔRES COURO: — Preto, Marinho, Branco, Marron, Havana, Vermelho, Beije.
CAMURÇA, CÔRES: — Preto, Marinho, Marron, Havana.



Faça seu pedido acompanhado de cheque ou vale postal

(Os preços acima já incluem as despesas de porte)

CASA ALICATOR

Rua do Arouche, 194 — S. PAULO



Historia de um panico

(Continuação da pág. 49)

— Entendo mas não posso explicar; sou um pobre pescador italiano. No entanto, escutem, vou tentar.

Notei com alarme que estava mudando de atitude e tentei detê-lo. Mas ele

sentou-se na beira da mesa e começou a sua história com algumas reflexões absolutamente incoerentes.

— Triste, não é — observou por fim. Multíssimo triste o que aconteceu. Mas eu que hei de fazer? Sou pobre. Não é minha culpa.

Voltei-me para o outro lado, com desprezo. Leyland continuou com as suas

perguntas. Queria saber a quem se referia Eustáquio quando falava.

— Isso é fácil de dizer — respondeu Gennaro gravemente. — É o senhor, sou eu. São todos desta casa e muitos os de fora. Se deseja alegria, implicamos com ele. Se quer ficar sózinho, havemos de o ir incomodar.

Durante quinze anos supriu por um

amigo, e não encontrou nenhum. Então achou-me e na primeira noite eu, eu que também estive nos bosques compreendendo as coisas, facelha traição e envio-o para a morte. Mas que havia eu de fazer?

— Mais devagar — disse eu.

— Oh, é mais que certo, vai morrer. Ficará deitado naquele quartinho toda a noite, e de manhã está morto. Disse tenho toda a certeza.

— Ora, ouça aqui, — disse Mr. Sandbach — nesse caso eu ficarei toda a noite sentado junto a ele.

— Filomena Ghisi também ficou toda a noite junto a Catarina, mas Catarina estava morta na manhã seguinte. Não a deixaram sair, por mais que eu pedissem suplicassem, amaldiçoassem, batessem na porta e até trepasssem no muro. Eram uns estúpidos e uns ignorantes, e imaginaram que eu a queria levar comigo. E de manhã estava morta.

— De que está ele falando? — perguntei à sra. Scafetti.

— Correm por aí muitas histórias, — disse ele — mas Gennaro devia ser o último a repeti-las.

— E eu agora estou vivo, — prosseguiu ele — porque não tenho nem pais nem parentes, nem amigos, de modo que, quando chegou a primeira noite, pude correr pelos bosques, trepar aos rochedos e mergulhar na água, até ter cumprido meu desejo.

Chegou-nos um lamento do quarto de Eustáquio — um som débil mas persistente, como o som do vento num bosque longínquo, ouvido por alguém posto em sossego.

— Isto — disse Gennaro — foi o último som exalado por Catarina. Estava dependurado do lado de fora da janela do seu quarto, e perpassou por mim, extinguindo-se.

E erguendo a mão, que continha a nota de dez liras, cuidadosamente dobrada, amaldiçoou solenemente a Mr. Sandbach, e a Leyland e a mim, e ao Destino, porque Eustáquio estava morrendo no quarto de cima.

Eis o mecanismo da mente dos povos do sul, e, em verdade, creio que nem então se teria mexido, não fosse Leyland, aquele idiota chapado, ter virado a lâmpada com o cotovelo. Era uma lâmpada patente que se extinguia automaticamente e fora comprada pela Signora Scafetti a meu pedido expresso, para substituir o utensílio perigoso que ela usava. O resultado foi que a lâmpada se apagou; e a mera mudança física da luz para as trevas teve mais poder sobre a natureza ignorante e animal de Gennaro do que os mais evidentes ditames da lógica e da razão.

Senti, mais do que vi, que ele deixara o quarto e gritei para Mr. Sandbach:

— O senhor tem a chave do quarto de Eustáquio no bolso? Mas Mr. Sandbach e Leyland estavam ambos no chão, tendo-se mutuamente tomado por Gennaro e, além disso, perdeu-se um tempo precioso à procura dum fósforo. Mr. Sandbach apenas tinha podido dizer que deixara a chave na porta, no caso dos Robinsons quererem ir visitar Eustáquio, quando ouvimos um ruído nas escadas e lá vinha Gennaro, carregando Eustáquio para baixo.

Precipitamo-nos para a saída e bloqueamos a passagem, o que lhes fez perder o ânimo e retroceder para o andar de cima.

— Agora estão apanhados — disse a Signora Scafetti. — Não há outra saída.

Subimos cautelosamente a escada, quando ouvimos um grito pavoroso vindo do quarto de minha mulher, seguindo-se-lhe um baque surdo no asfalto do jardim. Tinham saltado pela janela.

Cheguei ao terraço a tempo de ver Eustáquio transpando o muro do jardim. Desta vez tive a certeza de que se ia matar. Mas ele foi pousar numa oliveira, como uma grande mariposa branca, e da árvore escorregou para o chão. Apenas os seus pés nus tocaram os torrões do solo, deu um berro estranho, que eu nunca teria pensado capaz de ser proferido por uma gigante humana e desapareceu entre as árvores lá em baixo.

Compreendeu e está salvo — exclamou Gennaro, que tinha ficado senta-

O Vigor e a Perfeição do Corpo Humano

Eis o meio de V. obter o vigor e a saúde do corpo

Não desanime si a super-alimentação, as gorduras e amidos que você ingere diariamente não estiverem adiantando nada e si você continua magra, debilitada e nervosa. A causa é outra: falta de iodo nas glândulas.

VIKELP, o novo concentrado de minerais iodo-vitamínico ataca diretamente as causas da magreza e do esgotamento. VIKELP contém iodo natural que nutre e regula as glândulas internas que controlam o metabolismo. Por êsse processo, os alimentos digeridos se transformam em carnes rijas, em músculos e novas forças e energias.

VIKELP contém, além disso, cobre, fosfato de cálcio e vitamina B-1, na dose indispensável ao organismo, diariamente.

Tome VIKELP durante uma semana e observe que diferença enorme fará em seu organismo.

Durante êsse pequeno número de dias, V. conseguirá aumentar o seu peso de maneira notável.

VIKELP é acessível a todos e acha-se à venda em tôdas as boas farmácias e drogarias.

Comprimidos
VIKELP



(Continua na pág. 54)

Femininas

CONSELHOS

Se você manchou a sua blusa de tinta e não consegue retirar a mancha, faça sobre a mesma uma aplicação de seda, sobre a qual bordou antes as suas iniciais.

* * *

Não deite demais as suas sobrancelhas. Isso daria a você um aspecto artificial e vulgar. Basta limpar a parte inferior e acartar ligeiramente a superior. Complete com um lapis si for necessário, mas cuidado também com esses horrores riscos pretos!

Voltam os coletes e os espartilhos, dando uma nova linha à figura para esta primavera.

Não exagere o contorno dos seus lábios. Esse círculo gorduroso que você faz julgando aumentar o encanto da sua boca, só provocam repugnância.

Modifique o seu penteado; modifique também o seu "make-up"; faça "toilettes" mais femininas, enfim, procure fugir da rotina para ressurgir mais bela nestes meses de primavera e de festas que se aproximam.

Os cabelos tintos devem merecer o máximo cuidado. É horrorosa a impressão

que causam cabelos tintos com a raiz na cor natural.

Se você é jovem, não procure se enfeitar com uma série de brincos, pulseiras e colares... Não exagere também o seu "make-up". A beleza da mocidade é o seu "handicap".

Os tecidos de listras e de "pois" estarão em grande moda durante a primavera e o verão.

Para evitar que os ovos rachados se estraguem, passe caldo de limão nos lugares rachados e em seguida mergulhe-os na água. O mesmo processo se recomenda para ovos quentes quando parecem frágeis demais.

Não use unhas longas demais. Dão a impressão de garras. E os homens, você sabe, gostam de ser "agarrados" mas não gostam de ver as "garras".

Para o seu menú

SALADA DE PALMITO COM SIRIS

Cozinhe siris em água e sal e com cuidado separe a carne. Corte em pedaços pequenos palmitos de lata. A parte prepare o seguinte molho: — bata bem uma gema com uma colher de chá de sal e vá delantando aos poucos, intercalados, azeite e caldo de limão ou vinagre. Adicione uma colher de pimenta do reino e salsa picada. Arrume com folhas de alface e tomates, regando a carne e o palmito com o molho.

TORTA DE BACALHAU COM PÃO

Faça um bom guizado de bacalhau. Junte rodela de ovos cozidos, azeitonas e um bom molho de tomates, cebolas e pimentões. Frite em azeite fatias finas de pão, arrume-as em travessa que vá ao forno e regue-as com dois ovos batidos misturados com queijo ralado. Espalhe por cima o guizado de bacalhau e leve ao forno.

DOCINHOS DE MAÇA

Cozinhe 4 maçãs com 6 colheres de açúcar e sem água, conservando o fogo muito lento. Junte 2 ovos batidos, 2 colheres de farinha de trigo, 1 colher de manteiga, casca ralada de um limão e 50 grs. de queijo de Minas ralado. Misture bem, deite em forminhas untadas e leve ao forno regular.

Aceitamos
Encomendas de
ENXOVAES
PARA NOIVAS
na secção de
CAMA e MESA



Casa **ANGLO-BRASILEIRA**

SUCCESSORA DE

MAPPIN STORES

PRAIA DE BOTAFOGO, 360

OCUPADÍSSIMO! mas...SABE ALIMENTAR-SE

• Naturalmente, sente-se tão bem disposto, cheio de vivacidade e energia — a razão da alegria de viver! Seus alimentos, verdadeiramente nutritivos, são preparados com a insuperável

MAIZENA
DURYEA

A MAIZENA DURYEA
Caixa Postal, 6-8-São Paulo
Peço enviar-me, GRATIS, o livro 52
"Receitas com Maizena Duryea"

NOME _____

RUA _____

CIDADE _____

ESTADO _____

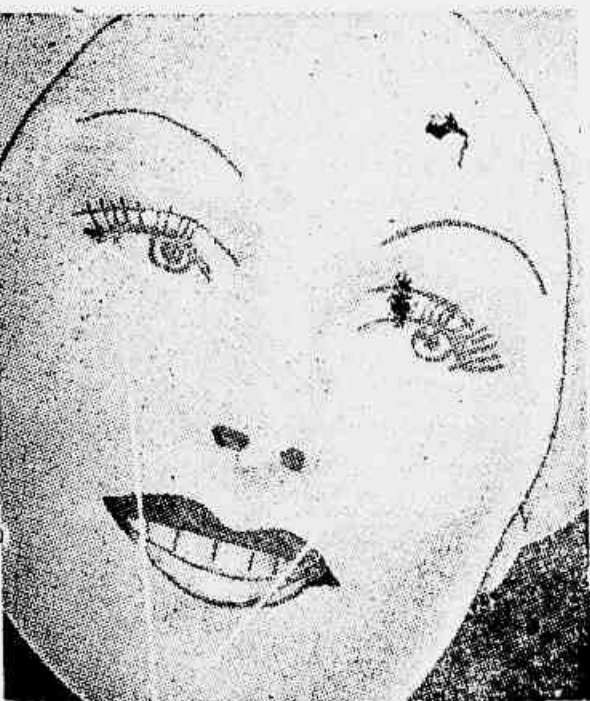


Rosa e vermelho para a mesa

NOS dias de sol, não só as roupas de uso devem ser claras e vivas, como também o ambiente em que vivemos.

Naturalmente a impressão de frescor será muito maior se nos sentarmos à uma mesa coberta com um toalha de linho cor de rosa, com copos vermelhos. Ao centro, frutas e flores aumentando a vivacidade do colorido.

O próprio menú deve obedecer à mesma orientação, como por exemplo, uma salada onde os legumes seja dispostos de maneira a formar contrastes de cor; uma sopa gelada de beterraba (cold borscht), "filet mignon" com tomates recheados; aspinafre e compota de frutas; tudo enfim escolhido com inteligência e bom gosto, contribuirá para dar à sua mesa esse aspecto sadio e agradável que tanto bem faz à vista e... ao estômago...



CUIDADO!! PERIGO!!

Os pés de galinha sob os olhos, as pequenas rugas, são perigosos sinais do afrouxamento da cutis em consequência de um tratamento insuficiente ou errado da pele. Esses sinais, tão temidos, muitas vezes, já começam aos vinte anos e em pouco tempo dão ao rosto uma aparência precocemente cansada e envelhecida. Use diariamente o

CRÈME NUTRITIVO VITAMINOSO MAKIL

para evitar e combater o envelhecimento prematuro da pele, tornando-a macia, alva e atraente. Contendo a Vitamina "F", empregada hoje em dia pelos peritos dos mais famosos institutos de beleza, é o meio moderno para a perfeita nutrição da cutis. Prospecto grátis. Envia-se também pelo reembolso postal. Caixa Postal 345. Rio. Fone 42-15-87.

MAKIL

Sombras!
Se a
Natureza Falta
MENAGOL
REGULA!

Onde os músicos não são obrigados a ter dois empregos

(Continuação da pág. 47)

Cotapos, este muito amigo de Kleber e Wolf que está regendo suas obras em Paris, Bisquert, Samitt e Alfonso Lery.

TOCOU COM BIDU SAYÃO PARA O PRESIDENTE ROOSEVELT

Concluída a entrevista, o pianista Armando Palacios foi convidado a reprisá-la para os amigos que se haviam entregue a um amistoso "bate-papo", entre torradas e biscoitos de trigo (puro).

Um crítico apanha um exemplar da REVISTA DA SEMANA em que aparece um retrato de Bidu Sayão e Armando Palacios aproveita a oportunidade para dizer que acompanhou a grande cantora patricia numa audição para o presidente Roosevelt.

Despedimo-nos do talentoso artista chileno, agradecendo-lhe a oportunidade de ventilar mais uma vez o problema

de assistência aos artistas no Brasil. É de crer que novos entendimentos surjam agora para equiparar a situação dos nossos músicos aos dos Andes. Tudo depende de organização e boa vontade. O Chile não é nenhuma potência econômica para poder levar a efeito uma obra tão meritória.

Encruzilhada do mundo e das raças

(Continuação da pág. 18)

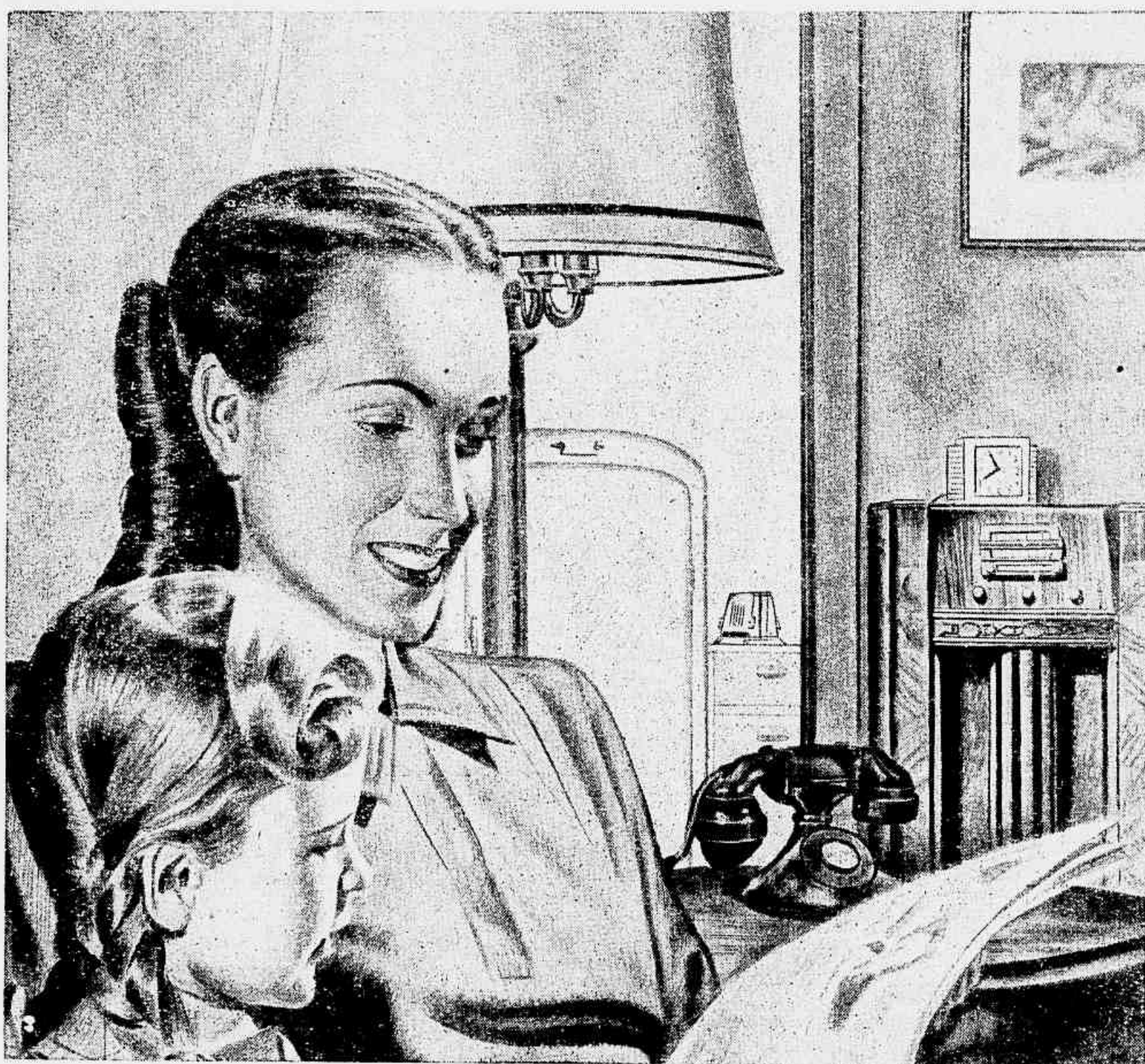
lhes permitiu, pois, que vivessem em Surinam nas chamadas "Comunidades Dessas", com a mesma atmosfera e os mesmos costumes originais de Java. Sob o ponto de vista social e econômico, esse sistema talvez tenha os seus inconvenientes, mas em geral dá bom resultado e é, aliás, o único aplicável às duas primeiras gerações de imigrantes javanenses.

Os chineses primeiramente vieram a Surinam como lavradores, não ficando muito atrás dos javanenses nessa atividade. Todavia, dotados de aptidões especiais para o

comércio, tornaram-se, quase todos, por se estabelecer como pequenos negociantes, e, de fato, a venda de varejo, especialmente no interior, está quase toda em suas mãos. Gozam de grande respeito dentro da coletividade, com uma vida social muito desenvolvida. Os membros das forças norte-americanas, que com eles entraram em contacto, os estimam e os respeitam, convidando-os frequentemente para disputar partidas de basketball.

Sob a direção dos holandeses, essas diferentes raças cooperam em grande harmonia para a formação de uma coletividade que, embora pequena, somente pode sobreviver e progredir em uma base de interesse comum.

Das minas de bauxita do Surinam, modernizadas e dotadas de mais eficiente aparelhamento, saiu a fuselagem de muitas fortalezas voadoras e de muitos Thunderbolts que, destruindo a Alemanha nazista, permitiram a restauração das noções democráticas que os totalitários haviam ocupado, entre as quais a própria Holanda, cuja bandeira tremula sobre o Surinam, que já não é mais uma simples colônia, mas "Gebiedsdeel", isto é, "parte territorial do pequeno reino das terras baixas".



McC

PETROLEO... Guardião da Eletricidade

Qualquer pessoa está em condições de dizer-lhe que o petróleo lubrifica os mecanismos elétricos que desempenham milhares de trabalhos em casa, no escritório ou na fábrica. Poucos, porém, imaginam os outros grandes papéis que o petróleo desempenha na indústria elétrica. Como parafina e asfalto, ele isola os extensos cabos que transportam a força elétrica. Como óleo, protege os interruptores e os transformadores. E, como coque, produz os carvões para uso elétrico. Desse e de muitos outros modos, os produtos petrolíferos Esso especializados, auxiliam a indústria que tanto contribui para a riqueza, o conforto e a comodidade do povo em toda parte... sendo isso uma sucinta demonstração por que Esso lidera a indústria do petróleo desde 1870.

Esso

STANDARD OIL COMPANY OF BRAZIL

ANO APÓS AÍSO, ESSO MARCHA À FRENTE.

Historia de um panico

(Continuação da pág. 52)

do no passeio de asfalto. — Agora vai viver em vez de morrer.

— E você, em vez de ficar com as dez liras, me vai devolvê-las — retorquiu-lhe, pois perante essa saída teatral não pôde conter por mais tempo.

— As dez liras são minhas, — disse sussurrando, numa voz quase imperceptível. Apertou a mão contra o peito para proteger seus ilícitos ganhos e nisto, oscilou para a frente e caiu de bruços no caminho. Não tinha quebrado nenhum membro, e um salto daqueles nunca teria morto um inglês, pois a queda não era grande. Mas esses pobres italianos não têm fibra. Qualquer coisa se lhe tinha desconjuntado lá por dentro e estava morto.

O dia vinha longe, mas tinha-se levantado a brisa da manhã e tornaram a cair pétalas de rosa sobre nós quando o transportamos para dentro. A Signora Scialti desatou aos gemidos ao ver o cadáver, enquanto nos viles, para as bandas do mar, ainda ressoavam os gritos e as risadas do fugitivo.

(Da antologia "Os Ingleses", edição de LEITURA).

VARIZES E HEMORROIDAS
USE
Hemo-Virtus
LIQUIDO E POMADA



VIVER ALEGRE!

Basta conservar normalizado o funcionamento do fígado e prevenir a preguiça intestinal. As "Pílulas de Reuter", combatendo a insuficiência hepática, protegem a saúde e garantem a alegria de viver.

PÍLULAS de Reuter
SANTO AMAR

DIABETE-OBESIDADE-MAGREZA

Modernos métodos de tratamento de ENGORDA, EMAGRECIMENTO,

DIABETE e PRISÃO DE VENTRE

Aparêlho digestivo e Nutrição (regimes). Glândulas da secreção interna

METABOLISMO BASAL e TUBAGEM DUODENAL

CLÍNICA ESPECIALIZADA DO

DR. ALARICO SOARES

Médico adjunto da Santa Casa e Médico Chefe da Seção de Obesidade e Magreza do Serviço de Nutrição da Policlínica Geral do Rio de Janeiro. Consultório: Edif. Góes — R. Alvaro Alvim, 27-3.º and. sala 33 — Cinelândia. Fones: 22-5110 ramal 33 e 25-4380 — Consultas: Das 13 às 16 horas.

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PELE

Leitores de calças curtas

(Continuação da pág. 14)

quase totalidade das repartições públicas. Ou porque há uns regulamentos terríveis ou porque os funcionários os interpretam terrivelmente, o fato — e invocamos o testemunho de quantos o tenham tentado — é que o ingresso de um repórter numa repartição, em função da sua atividade profissional, é talvez mais difícil do que a entrada de um rico no céu. (E note-se que é mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha...)

Falamos com o sr. Miguel Dadário, diretor daquele estabelecimento e que, desta vez, foi o intérprete dos impedimentos oficiais. Muito embora lhe declarássemos que apenas nos interessava fazer algumas fotografias de crianças lendo, ele foi irredutível. E se não fosse o dr. Morais, diretor geral do serviço a que está subordinada a Biblioteca, (o qual por sua vez pediu permissão a uma outra autoridade para agir conforme achasse melhor), teríamos desistido.

Tirado esse carrego da garganta, podemos agora dizer ao leitor que o estabelecimento presta inestimáveis serviços aos seus leitores que se contam entre o alunos da Escola Vicente Licínio, da Escola Popular de São Bento e outros, residentes a considerável distância do local, que é particularmente desaconselhável para a instalação de uma biblioteca infantil. Não há densidade de população nas imediações.

NENHUMA RESTRIÇÃO AOS LEITORES

Na Biblioteca não se opõe aos pequenos leitores (como acontece com os repórteres) nenhuma dificuldade. As crianças podem escolher os livros que desejem ler (e os há em quantidade relativamente considerável para escolher) sentam-se onde bem entendem e lêem sem tempo marcado, até o fim do expediente se a fome e o cansaço o permitirem.

Desde os livros para as crianças das primeiras letras até as coletâneas para a adolescência, encontram-se naquela sala onde duas bibliotecárias atendem com simpatia e amabilidade.

Segundo nos informaram as funcionárias, sras. Moura Duarte e Maria de Lourdes Pereira, diariamente são retirados para leitura fora da Biblioteca cerca de 60 livros. E o movimento de consultas é também muito numeroso.

HISTÓRIAS DE FADAS

Agora os livros didáticos que são consultados em função das obrigações escolares dos leitores, as obras mais manuseadas são as de aventuras onde predomina a fantasia sobre a realidade.

Assim acontece com os livros de Johanna Spyri e com os de Nina Salvi, um dos quais "Milho de ouro" é particularmente querido pelos leitores.

Um ou outro prefere narrativas da guerra em ilustra-

ções, ou capítulos de geografia e história vasados em linguagem acessível às crianças.

As crianças são mais felizes. Enquanto perdemos noites de sono buscando soluções para resolver o problema do desequilíbrio do custo da vida com o das nossas rendas, enquanto lemos avidamente as notícias de Paris, a ver se daquelas discussões surge a prometida aurora de um mundo melhor, enquanto fazemos votos fervorosos para que do Palácio Tiradentes saia uma Constituição democrática e não uma trincheira de defesa para a reação, as crianças fremem de entusiasmo pelos feitos dos seus heróis sobrenaturais.

Com o tempo perderão a crença nesses personagens. Nós, por exemplo, conhecemos muitos fantasmas e super-homens mas não acreditamos mais em nenhum deles...

Uma carícia perfumada!

De inebriante perfume e suave como uma carícia, o pó de arroz Lady dá maior beleza aos mais lindos rostos... Sua aderência perfeita o mantém sobre a cutis durante longo tempo. Por isso o pó de arroz Lady é o mais usado e preferido no Brasil, há mais de trinta anos.



PÓ DE ARROZ

Lady

Nas cores:

- * Branco
- * Rosa
- * Raquel
- * Ocre-claro
- * Ocre-escuro

É O MELHOR E NÃO É O MAIS CARO!

A VENDA EM TODO O BRASIL

R. FERRAZ

CABELLOS BRANCOS

CASPA
Queda dos Cabellos

JUVENTUDE ALEXANDRE

Tinha de ser...

(Continuação da pág. 13)

"sedan" negro quando ele se aproximou do carro. Através da rua, apenas visível a quem se esforçasse por vê-lo, Big Ed se achava sob a mangueira, agachado, fazendo qualquer coisa na traseira do outro carro. Skinner não podia ver o que ele estava fazendo. Nem tampouco era curioso... Big Ed não o vira... E não faria nenhum mal deixá-lo para trás.

Skinner enfiou cautelosamente a chave na fenda e puxou a ignição. Perfeito! O motor começou a trabalhar imediatamente. Quando ele manobrou o carro, a luz trazeira iluminou fracamente o rosto de Big Ed, na qual havia qualquer coisa de cômico. Mas Skinner fechou os olhos quando Big Ed gritou:

— Skinner! Skinner Espere por mim...

Skinnerriu, enquanto pisava no acelerador. Pelo es-

pelho do carro, ainda pode ver Big Ed gesticulando desesperadamente. E se foi.

A ponte estava a apenas cinco ou seis quilômetros adiante. Skinner não levava mais o menor traço de preocupação no espírito. Tudo iria bem... Aquele carro era um carro de luxo, como qualquer outro, e ele um cavalheiro distinto... Não se tratava mais de um carro roubado e perseguido, no qual viajavam dois peritos no assalto à mão armada...

À entrada da ponte, o tráfego estava congestionado. Havia polícias que examinavam as chapas de todos os carros. Como fora bom ter trocado o veículo! Estava descansado. Sorriu e parou o carro, acendendo um cigarro, à espera da sua vez... Oxalá não demorassem... Mas, mal acabava de acender o cigarro, ouviu um estalido seco e sentiu que tinha um aro de ferro em torno do braço direito. Ao lado dele, dois polícias sorriam maliciosamente.

Só mais tarde foi que Skinner compreendeu o que havia se passado. E não deixou de se sentir profundamente arrependido do modo pelo qual tinha tratado Big Ed. Afinal, o que o companheiro tentara dizer-lhe era que não seria preciso roubar os carros, bastando trocar a placa de um pela do outro. E, se bem pensara, melhor o fizera...

Numeros atrasados desta revista no Pará

pedir a

Albano H. Martins & Cia.

Travessa Campos Sales, 65 -- Belem

CABELO BRANCO?
LOCÃO
Brilhante

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface "Brilhante", ultra-moderno, que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface "Brilhante" permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o. É um produto dos Laboratórios Alvim & Freitas.

FALECEU O DIRETOR-PRESIDENTE DA FÁBRICA DE CASIMIRAS ADAMASTOR S.A.



Vítima de lamentável acidente de automóvel, quando viajava do Rio para São Paulo, faleceu no dia 4 de agosto p. passado, o Sr. Antonio Augusto Mendes, figura destacada nos meios industriais e sociais daquele Estado.

Diretor-Presidente da Fábrica de Casimiro Adamastor S.A. — estabelecimento que deve ao Sr. Antonio Augusto Mendes a eficiente dedicação de sua capacidade — recebeu s.s. as mais carinhosas homenagens dos seus parentes, amigos e da sociedade em geral.

Falamos todos por experiencia própria:



limpa mais

Kolynos restitue ao sorriso o seu encanto natural. Com a ajuda da escova seca, a sua borbulhante espuma atinge todos os recantos da boca. Kolynos limpa os dentes sem arranhar o esmalte.



agrada mais

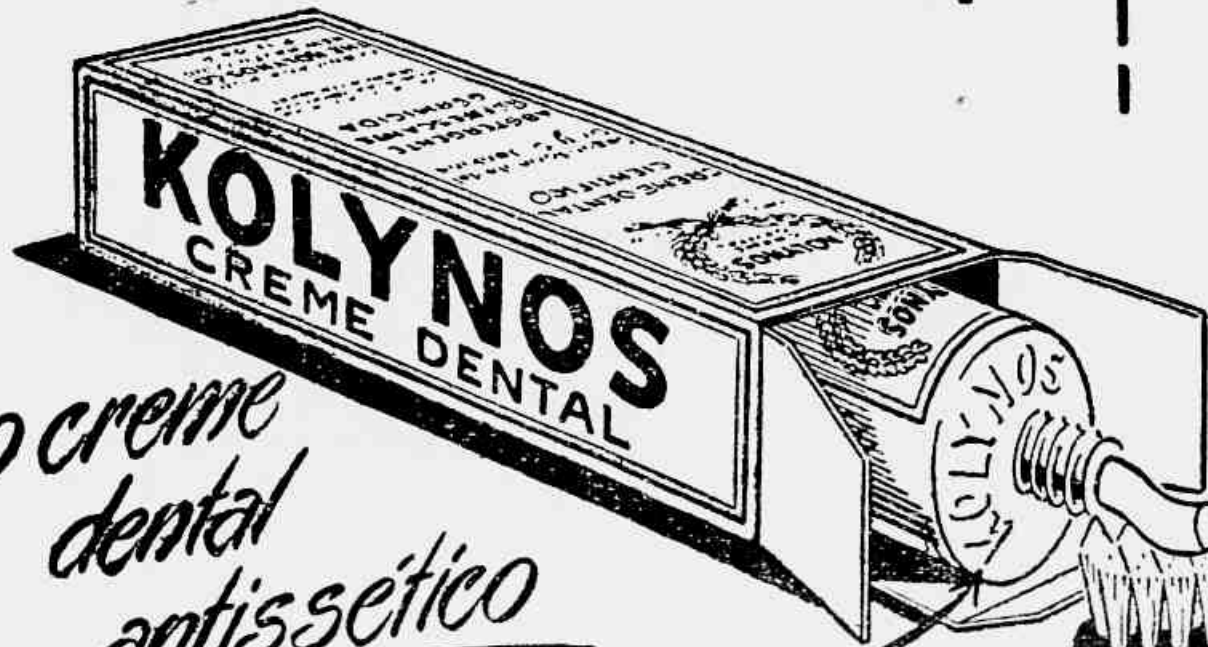
Kolynos encanta, refresca a boca, perfuma o hálito... É que Kolynos não é um simples dentífrico: é um creme dental antisséptico, agradável a adultos e crianças.



rende mais

Claro que rende mais! Kolynos é concentrado: com uma quantidade menor de creme se consegue maior limpeza. Kolynos custa menos porque rende mais.

Todos estão de acordo: para um belo sorriso não há como Kolynos.



o creme dental antisséptico

basta um cm. na escova seca!

Aos 50 como aos 20 anos

UM HOMEM PERFEITO

O homem deve alcançar a maturidade em plena posse de todas suas funções. Quando por excessos físicos ou intelectuais, seu sistema nervoso se desequilibra, sérios transtornos se manifestam, criando situações embaraçosas e desagradáveis. Entretanto, estes distúrbios não devem ser tomados muito a sério. Basta fortalecer o sistema nervoso com as **Pilulas Maratú** para que o organismo recupere seu vigor natural, restituindo-lhe todos os resultados de uma fase perfeita.

PILULAS
MARATÚ



TINTURA FLEURY

DÁ JUVENTUDE
AO SEU CABELO

Em poucos minutos a cor natural voltará aos seus cabelos. Escolha entre as 18 tonalidades diferentes da Tintura Fleury aquela que mais lhe agradar.



APLICAÇÃO FACILÍMA:

Peça ao nosso serviço técnico todas as informações e solicite o interessante folheto "A Arte de Pintar Cabelos", que distribuímos gratis.

CONSULTAS, APLICAÇÕES E VENDAS: Rua 7 de Setembro, 40 São Paulo

Nome
Rua
Cidade Estado

RS

VESTIDOS PRETOS

Um vestido de seda preta, e um "tailleur" da mesma cor, são peças necessárias e que não devem faltar num guarda-roupa elegante. Com elas você estará vestida para qualquer hora e ocasião.

Damos aqui duas sugestões:

- 1 — Vestido de jersey preto com drapeados na saia e na blusa (uma peça só), presos na frente por um losango do mesmo tecido.
- 2 — "Tailleur" preto de "gros-grain", mangas três-quartos, recortes na jaqueta. Saia ligeiramente "godet".



*Beleza
que perdura*

Sonho de toda mulher que deseja manter sua beleza através dos anos... Ideal que a senhora realizará facilmente cuidando da sua pele durante alguns minutos por dia com os produtos de Helena Rubinstein.

CREME PASTEURIZADO elimina todas as impurezas da cutis 30

SABÃO EM CREME purifica a cutis, evita cravos e espinhas 30

CREME REVITALIZADOR nutre a pele, tornando-a fresca e sadia 30

LOÇÃO ADSTRINGENTE fecha os poros e tonifica a cutis 30

Complete os seus cuidados com o tratamento "Hora de Beleza", aplicado nos Salões Helena Rubinstein. Sob a ação rejuvenescedora do tratamento, sua cutis adquire uma nova vitalidade e resplandece de encanto juvenil.

h e l e n a r u b i n s t e i n

Rio: Avenida Rio Branco, 311 — Tel. 42-1447 — S. Paulo: Praça da República, 61 — Tel. 4-2194



MALTOGENO
Granado

Medicação
tônico - nutritiva
útil às MÃES e
AMAS DE LEITE

T. TARQUINO

GRATIS!

O catálogo pelo qual
V. S. poderá escolher
os óculos que mais
lhe agradem.



Peça-nos pelo correio o novo
CATÁLOGO de
OCULOS MODERNOS

tendo a certeza de ser atendido
por **LUTZ FERRANDO** com a
mesma garantia e eficiência como
se o fôsse pessoalmente pelos
nossos técnicos.

LUTZ FERRANDO, a única ótica
de confiança, que lhe oferece a
garantia de 60 anos de experiên-
cia na confecção de óculos, exa-
tamente calibrados de acordo
com a receita do oculista.

Adquira seus óculos pelo sistema
de reembolso.

PEÇA CATÁLOGO GRATIS À



LUTZ FERRANDO
RUA OUVIDOR, 85 - RIO DE JANEIRO

DESPERTE A BILIS DE SEU FÍGADO...

e saltará da cama disposto para tudo
Do fígado deve fluir para os intes-
tinos, aproximadamente, um litro
de suco biliar por dia. Se este suco
não correr livremente, V. não pode
digerir bem os alimentos e estes
fermentam nos intestinos. Então so-
brevem a sensação de fatura, seguida
pela prisão de ventre. V. se sente de-
primido, desanimado e de mau humor.
V. precisa das Pílulas Carter para
o Fígado, para fazer com que esse
litro de suco biliar corra livremente
e V. se sinta realmente bem. Compre
um vidro hoje mesmo. Tome-as
conforme as instruções. São efica-
zes para fazer a bilis fluir livremente.
Peça Pílulas CARTER para o Fígado.
Tamanho econômico: Cr\$ 3,50.

AGUA DE TOILETTE
RAINHA DA HUNGRIA

De Mme. Campos

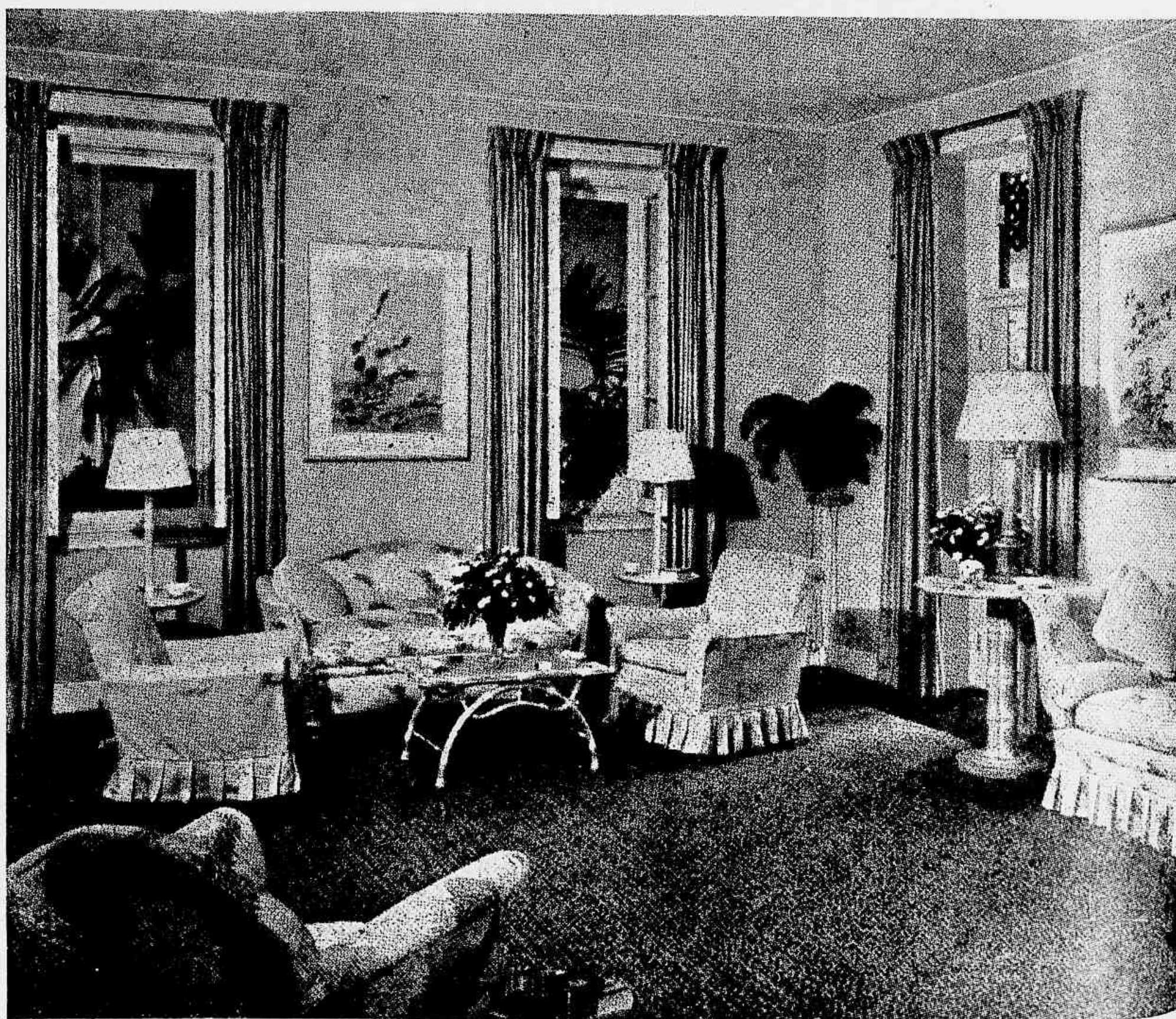
LIMPA E FECHA OS POROS
A VENDA EM TODA A PARTE

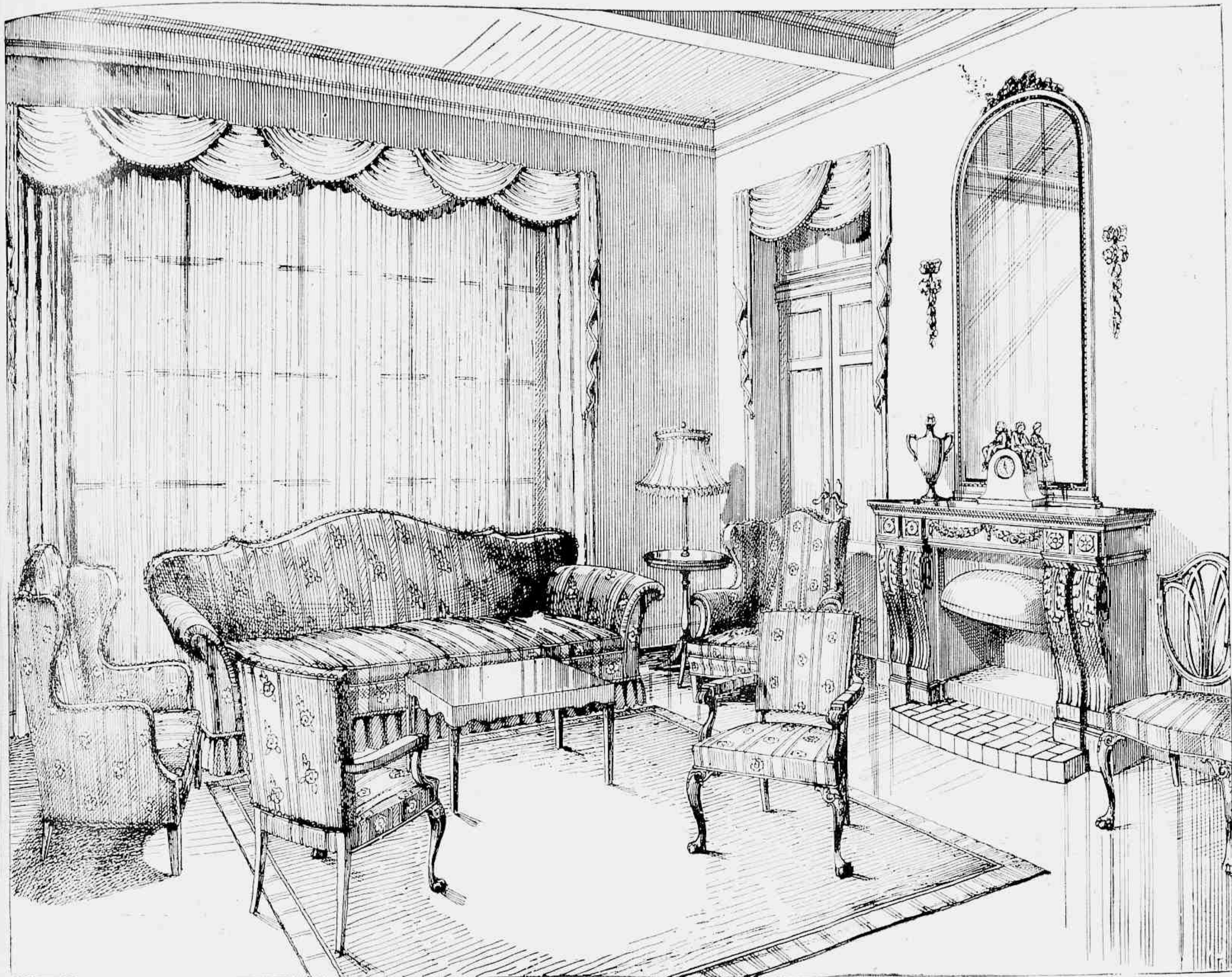


UM AMBIENTE DE ELEGANCIA E CONFORTO

Especialmente criados para as cidades de clima quente, te-
mos aqui três interiores onde se alia a beleza ao conforto; a ele-
gância à distinção, formando um ambiente refrescante e aco-
lhedor. — A sala de jantar: estilo diretório italiano — Tapete
verde e branco, desenho diretório. Grande espelho reflete de-

talhes do jardim. — O "living". Dando diretamente para um
terraço ou jardim, é uma mistura de verde escuro — para o ta-
pete, amarelo e estampado amarelo e branco — para as pol-
tronas, verde claro — para as cortinas. Janelas fictícias formam
nichos onde são colocadas palmeiras.





LIVING-ROOM INGLES

"QUEEN ANNE"

Apresentamos hoje aos nossos leitores um modelo de "living-room", ótimo para ser aproveitado numa casa residencial de família grande. A peça deve ser clara e espaçosa. O mobiliário é composto de confortável sofá, poltronas com estofos de Gobelins, cadeiras, e ao centro uma pequena mesa.

Ao lado, ocupando um vão, uma ampla lareira trabalhada em mármore branco, e como adornos um relógio, um amplo espelho, e ao fundo um "abat-jours" que produz um magnífico efeito ornamental.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGÓRA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67
NÃO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS

*Após o cafézinho,
um bom cigarro*



CIA. DE CIGARROS
Souza Cruz

